



Universidade de Brasília (UnB)
Instituto de Letras
Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-graduação em Lingüística

**PRELIMINARES SOBRE A FONÉTICA E A FONOLOGIA DA LÍNGUA
FALADA PELO PRIMEIRO GRUPO DE ÍNDIOS KORÚBO RECÉM-
CONTATADOS**

Sanderson Castro Soares de Oliveira

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Lingüística do Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Suelly Arruda
Câmara Cabral

Brasília
2009

Universidade de Brasília (UnB)
Instituto de Letras
Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-graduação em Lingüística

Dissertação de Mestrado

**PRELIMINARES SOBRE A FONÉTICA E A FONOLOGIA DA LÍNGUA
FALADA PELO PRIMEIRO GRUPO DE ÍNDIOS KORÚBO RECÉM-
CONTATADOS**

Sanderson Castro Soares de Oliveira

Banca examinadora:

Professora Doutora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (UnB) - orientadora

Professor Doutor Aryon Dall'Igna Rodrigues (UnB) – membro interno

Professor Doutor Júlio Cesar Melatti (DAN/UnB) - membro externo

Professora Doutora Marina Maria Silva Magalhães (UnB) - suplente

Brasília/DF, 13 de março de 2009.

Agradecimentos

Sempre acreditei que qualquer trabalho é fruto de esforço coletivo e que se inicia muito antes de seu início formal, por isso não posso esquecer que para que este trabalho viesse a ser finalizado tive que contar com várias pessoas que me deram oportunidades, que me apoiaram e que acreditaram em mim, mesmo antes do início do mestrado.

A minha orientadora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, que não só me orientou, mas me deu todo apoio e sustentação necessária, não só durante o mestrado, mas desde o meu segundo semestre de graduação na UnB. A ela que me acolheu no Laboratório de Línguas Indígenas, que acreditou em mim e se empenhou para que eu pudesse aprender cada vez mais, que soube ser paciente com meus erros e falhas, mas que também soube ser forte quando necessário. Por sua disposição em abrir caminhos para as novas gerações e animar a todos. Enfim, pelos sábios conselhos, orientações e pelas horas dedicadas a mim a gratidão é tanta que a palavra falta.

Ao professor Aryon Dall’Igna Rodrigues os meus sinceros agradecimentos por estar sempre disponível nos momentos de dúvidas acadêmicas ou não acadêmicas, pelos ensinamentos valiosos. Por ser também uma figura fundamental durante toda a minha trajetória e que soube me apoiar em momentos fundamentais. Também por ter aberto caminho para todos os pesquisadores de línguas indígenas e manter-se ativo animando os mais jovens até hoje.

Aos índios Korúbo, que me acolheram, me deram um nome me chamaram de filho, de irmão, de cunhado, de tio e de outros termos tão acolhedores e generosos. Pelos sábios ensinamentos sobre a língua, sobre a cultura e principalmente pela confiança que depositaram, mesmo não me conhecendo e sendo eu uma pessoa completamente estranha a eles. Agradeço até mesmo aos momentos difíceis e aos problemas que me fizeram crescer e que fizeram a nossa relação se desenvolver. Agradeço nominalmente a Munan, Ta’van, Wanka, Tsamavo Vakwë, Pëkwın, Tosé, Toxi, Xi’xu, Maya, Ta’van Vakwë, Manis, Malu, Txitxapi, Luni, Vompa, Waxman, Lëyo, Seatvo, Vali, Tsamavo, Lalanvet, Nanë, Txitxapi Vakwë e Malevo.

A minha família, que mesmo de longe esteve presente em vários momentos da pesquisa e sem a qual eu jamais conseguiria trilhar este caminho. Aos meus irmãos Anderson, Eilson e Roselívia pelas palavras de apoio e pela compreensão. A Dona Rozenilde, minha mãe, que soube compreender os vários anos sem se ver, a distância, a falta de tempo até mesmo para as ligações, e a quem devo a minha persistência e o meu senso de responsabilidade. Ao meu sobrinho e afilhado João Vítor, por entender, apesar da pouca idade, a ausência do seu dindo em momentos importantes e por me dar força ao dizer que quer conhecer o índio e que o curupira está me guardando.

A equipe da Coordenação Geral de Índios Isolados, em especial a Elias Bigio, Wellington Figueiredo e Antenor Vaz, pela oportunidade através da proposta ao Laboratório de Línguas Indígenas para pesquisar a língua Korúbo. Pelos conselhos e ensinamentos de indigenismo que me deram durante toda essa trajetória e por estarem sempre disponíveis para tudo o que foi necessário.

A Rieli Franciscato pelas aulas de indigenismo em campo, pela confiança no trabalho e pelo apoio durante toda a trajetória. Por ter sabiamente me guiado e me introduzido em um mundo cada vez mais interessante e ter me apoiado nos momentos mais difíceis e adversos em campo. Por ter me passado informações importantes sobre os Korúbo, por ter sempre sido paciente em me ensinar, minha gratidão e meu respeito.

Ao professor Júlio César Melatti, um agradecimento especial pelos sábios ensinamentos que muito contribuíram para a versão final desta dissertação.

Aos índios Matis que me ajudaram, foram meus intérpretes, me permitiram aprender um pouco de sua língua na prática e que me acompanharam nas minhas estadas na aldeia. Aos índios Marubo com quem tive o prazer de conviver.

Ao amigo Thiago Moutinho Atala Neto, quem tomou conta de toda a minha vida em Brasília durante meus trabalhos de campo, mas que foi também um apoio moral durante toda a minha trajetória. A toda sua família, que sempre me recebeu e me ajudou nos momentos mais difíceis.

A todos do Laboratório de Línguas Indígenas, em especial ao amigo Fernando Orphão de Carvalho, sempre presente e bom interlocutor. A Eliete de Jesus Bararuá Solano, com quem compartilhei vários momentos da minha trajetória. A Edilson Martins Melgueiro, por ser um exemplo e me fazer entender que o trabalho vale a pena.

Aos amigos, que me deram força durante todos os anos de Brasília Tiago Romeiro de Jesus, Thiago Miranda, Thiago Ribeiro, Ernani, Rodolfo, Fabíola Antezano, Telmo, Eduardo (Tirão), Eky Barradas, Carlos Silva, Fernando Marim, Gianna Xavier, Renata Romero, Alessandra, Ariel Pheula e Ana Paula Meira. Ao amigo Carlos Alberto Silva, que de longe participou disso tudo.

A todo pessoal do Centro de Trabalho Indigenista (CTI) em Tabatinga, Bernardo, Kelly, Poliana e principalmente a Hilton Nascimento (Kiko), que sempre pode compartilhar comigo sua experiência e que pôs todo o acervo do CTI a minha disposição.

A todos os trabalhadores que estiveram, durante a minha estada na Frente de Proteção Etno-Ambiental Vale do Javari. Agradeço especialmente a Carlos Travassos, Ananda Conde e Ana Paula, com quem pude conviver mais de perto. Um agradecimento especial a Fabrício Amorim, com quem pude contar também aqui em Brasília. A Idnilda Obando, que é uma verdadeira mãe para todos aqueles que vão trabalhar no Vale do Javari.

A professora Maria Soledad Rojas Callejas que me apresentou a lingüística de uma forma extremamente atraente e sempre me disse que o caminho era a pesquisa.

A professora Rozana Reigotta Naves, com quem convivi durante um semestre de aprendizado intenso sobre sintaxe e que muito me inspirou para o meu trabalho.

A Juliana Braz Dias, por fazer o final dessa trajetória um tanto mais doce.

Ao Conselho Nacional de Pesquisa, meu agradecimento pela bolsa de pesquisa.

A Ana Suelly, Aryon Rodrigues e Rieli Franciscato, um agradecimento a mais por terem acreditado em mim, mesmo quando eu não acreditei.

Resumo

A presente dissertação tem como principal objetivo apresentar uma primeira descrição do sistema fonético e fonológico da língua Korúbo, além de apresentar notas sobre a cultura e sobre a história do povo que a fala e também demonstrar as primeiras evidências lingüísticas de que essa língua pertence à família Pano e que pode ser classificada como mais próxima das línguas Mayorúna e Matis.

Os dados dessa pesquisa foram coletados durante três sessões de campo entre o grupo de índios Korúbo contatados em 1996, que estão localizados na margem esquerda do baixo rio Ituí (afluente do Itaquai, que por sua vez é afluente do Javari), no sudoeste do estado do Amazonas.

Na transcrição fonética buscou-se detalhar ao máximo os sons da língua Korúbo, de forma a embasar a análise fonológica e dar conta das peculiaridades sonoras dessa língua. Na análise fonológica, baseada numa descrição articulatória, buscou-se verificar como os sons se organizam e funcionam nessa língua (cf. Hyman 1975:2). Todo o estudo está baseado no conceito de fonema (cf. Trubetzkoy 1939:10; Swadesh 1934), mas considera ainda o conceito de traços distintivos (cf. Jakobson et al. 1942; Jakobson and Halle 1956; Halle e Clements 1992). A função distintiva dos sons foi checada através de pares mínimos e análogos, tendo sido considerada também a distribuição desses sons. Os dados do trabalho são ainda limitados, por tratar-se de uma língua falada por índios monolíngües e de contato muito recente.

Com o presente estudo esperamos contribuir não só para o conhecimento da língua Korúbo e conseqüentemente da família Pano, mas também apresentar as primeiras observações sobre aspectos da cultura e da história desse povo, ainda que de forma muito preliminar.

Abstract

The main goal of this thesis is to provide a first description of the phonetics and phonology of the Korúbo language, as well as to show some aspects of the culture and history of the people who speaks this language. The present work also puts forth the first linguistic evidences that this language pertain to the Pano family and that it can be classified as closer to Matis and Mayorúna than to other Panoan languages.

The data of this research was collected during three sessions of field work with the Korúbo Indian group contacted in 1996, which is located on the left margin of the lower Ituí river (an affluent of the Itaquai, which is itself an affluent of the Javari river), on the southwestern region of the Amazonas state.

The phonetic description of the recorded data was purportedly narrow, working out a detailed and fine-grained description of the sounds of the Korubo language. It is understood that this is a necessary first step towards a thorough phonological analysis. In this phonological analysis, based on an articulatory description, we sought to describe how the sound units are organized and function in this language (cf. Hyman 1975:2). All the work is based on the phoneme concept (cf. Trubetzkoy 1939:10; Swadesh 1934), considering nevertheless the role played by the concept of distinctive feature in phonological theory (cf. Jakobson at al. 1942; Jakobson and Halle 1956; Halle e Clements 1992). The distinctive function of the sounds was established or motivated by the comparison of minimal and analogous pairs of lexical items. This analysis was complemented by taking into account the distribution of these sound units. The data are yet of a restricted kind, due to the fact that this language is spoken by a recently contacted monolingual indigenous group, a situation in which data elicitation conditions are far from ideal.

With this study we not only expect to contribute to the knowledge of the Korúbo language and consequently of the Pano family, but we also present the first remarks and descriptions of aspects of the culture and the history of this people, albeit in a preliminary and sketchy form.

Lista de Mapas, figuras e quadros

Mapa I: Terra Indígena Vale do Javari e localização dos índios Korúbo

Mapa II: índios Korúbo no Coari

Mapa III: Índios Korúbo no interflúvio Rio Branco/Rio Itaquai:

Mapa IV: Índios Korúbo na margem final do Rio Itaquai:

Figura I: árvore genealógica especulativa da família Pano, segundo Shell (1985)

Quadro I: Postos de atração da FUNAI

Quadro II: Termos de parentesco

Quadro III: Pronomes pessoais ergativos

Quadro IV: Pronomes pessoais absolutivos

Quadro V: Pronomes pessoais possessivos

Quadro VI: Termos de parentesco

Quadro VII: Partes do corpo

Quadro VIII: quadro sinótico das consoantes, segundo suas principais características articulatórias

Quadro IX: Quadro sinótico das vogais orais segundo suas principais características articulatórias

Quadro X: Quadro sinótico das vogais nasais segundo suas principais características articulatórias

Quadro XI: Quadro sinótico dos fonemas consonantais

Quadro XII: Quadro sinótico dos fonemas vocálicos

1. Introdução	1
1.1. Coleta e organização dos dados	1
1.2. Primeira sessão de trabalho de campo	3
1.3. Segunda sessão de trabalho de campo	4
1.4. Terceira sessão de trabalho de campo	4
1.5. Organização desta dissertação	5
2. Breves notas sobre o povo e a cultura Korúbo	6
2.1. Localização	6
2.2. História recente	8
2.3. Situação atual	11
2.4. Histórias sobre a origem	13
2.4.1. Índios Korúbo no Coari	13
2.4.2. Índios Korúbo no interflúvio Rio Branco/Rio Itaqui	16
2.4.3. Índios Korúbo na margem direita do Rio Itaqui	18
2.5. Cultura material	20
2.5.1. Adornos corporais	20
2.5.2. Cestaria	20
2.5.3. Armas	21
2.5.4. A casa (wetekit)	21
2.5.5. Cerâmica	22
2.6. Cotidiano Korúbo	20
2.7. Parentesco	23
2.8. Etnônimos	25
2.9. População	26
2.10. Sumário	26
3. O Korúbo na família Páno: considerações iniciais	28
3.1. A família Páno	28
3.2. Grupo Mayorúna ou Páno do Norte	34
3.3. Evidências de proximidade da língua Korubo com as línguas do grupo Norte da família Pan	34
3.4. Considerações finais	39
4. Fonética da língua Korubo	40
4.1. Descrição fonética	41
4.1.1. Descrição das características articulatórias das consoantes e de seus respectivos ambientes de ocorrência	41
4.1.1.1. Oclusivas	42
4.1.1.2. Africadas	46
4.1.1.3. Nasais	47
4.1.1.4. Fricativas	48
4.1.1.5. Fricativas laterais	50
4.1.1.6. Laterais	51
4.1.1.7. Aproximantes	52
4.1.2. Descrição das características articulatórias das vogais e de seus respectivos ambientes de ocorrência	53
4.1.2.1. Vogais orais	53
4.1.2.1.1. Anteriores	53
4.1.2.1.2. Centrais	54
4.1.2.1.3. Posteriores	56

4.1.2.2. Vogais nasais	58
4.1.2.2.1. Anteriores	58
4.1.2.2.2. Centrais	59
4.1.2.2.3. Posteriores	59
4.2. Considerações finais	60
5. Análise fonológica	61
5.1. Introdução	61
5.2. Algumas considerações sobre os pressupostos teóricos que guiam o presente estudo	61
5.3. Demonstrando contrastes	63
5.3.1. Consoantes	64
5.3.2. Vogais	69
5.4. Fonemas e alofones	70
5.4.1. Fonemas consonantais	70
5.4.1.1. Oclusivos	70
5.4.1.2. Africados	74
5.4.1.3. Nasais	75
5.4.1.4. Fricativos	76
5.4.1.5. Fricativos laterais	77
5.4.1.6. Aproximantes	79
5.4.2. Fonemas vocálicos	80
5.4.2.1. Anteriores	80
5.4.2.2. Centrais	81
5.4.2.3. Posteriores	82
5.5. Alguns processos fonológicos	83
5.5.1. Nasalização vocálica	83
5.5.2. Nasalização da aproximante /j/	85
5.5.3. Queda de consoantes nasais	85
5.5.4. Cronologia relativa a nasalização de segmentos	86
5.5.5. Lenização de /t/	86
5.6. Padrões silábicos	86
5.7. Algumas observações fonotáticas	87
5.8. Observações sobre acento	88
5.9. Sumário	88
6. Conclusão	90
Referências bibliográficas	92
Anexo A	97
Anexo B	99

1. Introdução

Esta dissertação apresenta os resultados do primeiro estudo da fonética e da fonologia da língua falada pelo primeiro grupo de índios conhecidos pelo nome Korúbo, contatados em 1996, próximo ao igarapé Quebrado, afluente da margem esquerda do rio Ituí, localizado no sudoeste do estado do Amazonas.

O estudo consiste em uma análise básica dos sons de uma língua ainda desconhecida, falada por pessoas monolíngües, de contato restrito e recente com não índios. Um estudo com estas características não poderia ser de outra natureza, senão uma descrição física dos sons identificados e de como estes se organizam e funcionam na língua (cf. Hyman 1975:2). O estudo serve-se do conceito de fonema, enquanto unidade fonológica distintiva (Trubetzkoy 1939:10; Swadesh 1934), assim como dos conceitos de traços distintivos (cf. Jakobson et al. 1942; Jakobson e Halle 1956; Halle e Clements 1992). A função distintiva dos fonemas da língua Korúbo é checada por meio de pares mínimos e também pares análogos, já que não contamos só com os primeiros, inclusive pelas limitações impostas ao trabalho de coleta de dados junto a indígenas monolíngües de contato recente. Como bem observou Hocket (1955:212) “minimal pairs are the analyst’s delight, and he seeks them whenever there is any hope of finding them”. A análise fonológica aqui desenvolvida seguiu os procedimentos analíticos pautados na distribuição complementar de segmentos sonoros que correspondem à realização fonética das unidades distintivas da língua. Embora a análise seja guiada por relações privativas entre fonemas e alofones, considera que mudanças lingüísticas em processo podem resultar em superposições sincrônicas, mas estas devem ser tratadas de forma especial.

1.1. Coleta e organização dos dados

Os dados utilizados nesta dissertação foram coletados em três sessões de trabalho de campo na Terra Indígena Vale do Javari. A primeira sessão foi realizada entre julho e setembro de 2007, a segunda entre outubro de 2007 e março de 2008, e a terceira entre agosto e outubro de 2008.

Durante as sessões de campo, considerou-se a política de menor interferência na sociedade indígena, por se tratar de um povo de contato recente, que tem pouca relação

com a sociedade regional e que vive em situação muito diferenciada, inclusive se comparada a outras sociedades indígenas da região. O trabalho de campo teve que se adequar sempre às diversas situações que vivenciavam os Korúbo e às possibilidades encontradas dentro do contexto em que eles vivem, não havendo nenhuma metodologia prévia capaz de determinar métodos adequados para a realidade do trabalho de campo, apenas orientações de trabalhos lingüísticos realizados anteriormente junto a índios de contato recente, como o realizado por Ana Suelly A. C. Cabral junto aos Zo'ê.

No primeiro trabalho de campo decidimos fazer as gravações em formato digital (*Sony IC Recorder ICD-MX20*) e em fita cassete (*Sony cassette-corder TCM-400DV*), ambos com o microfone externo *Microphone AKG 900M*. Contudo, a utilização de dois tipos de gravação não se mostrou viável, devido às condições peculiares do trabalho de campo, o que nos levou a optar unicamente pelo formato digital (*Sony IC Recorder ICD-MX20*).¹ As transcrições das fitas foram feitas inicialmente nos cadernos de campo e depois digitadas em documento do *word*, a transcrição dos dados gravados com *Sony IC Recorder ICD-MX20* foram feitas por meio do *software Digital Voice Editor*, que acompanha o aparelho e permite abrir os arquivos em formato *.MSV (Memory Stick Voice File)*, gerados pelo aparelho, mas que podem também ser abertos em outros programas de computador. Todos os arquivos gravados em *.MSV* foram convertidos para o formato *.wav*, por ser este último um formato mais utilizado em trabalhos para diversos fins, inclusive de análise acústica.

Durante o trabalho de campo, optamos por não mais utilizar fitas cassete e substituímos o gravador anterior pelo gravador digital *ZOOM Handy Recorder H4*, com microfone interno, pois este apresenta controle de *input gain*, grava diretamente em *.wav* produz menos ruído na gravação, resultando em uma gravação de melhor qualidade e adequada para análises instrumentais.

¹ A coleta e organização de dados são etapas importantes que estão presentes durante todo o desenvolvimento do trabalho lingüístico e que são fundamentais para o progresso das outras etapas da pesquisa, sendo por isso necessário um planejamento detalhado dos equipamentos, softwares e da estrutura de organização dos dados. Esse planejamento, no entanto, tem que ser sempre revisado conforme a adequação do instrumental às particularidades da pesquisa.

Esta etapa do trabalho envolve principalmente a gravação, transcrição, organização e armazenamento de dados, embora já compreenda a análise desses dados. Estas etapas estão intimamente relacionadas, uma vez que a mudança nos procedimentos adotados em uma etapa pode gerar mudanças em todas elas. Por exemplo, se escolhermos organizar todos os dados em formato digital, devemos então escolher a melhor forma de gravação para esse fim. A transcrição está condicionada ao formato do dado, pois o equipamento ou *software* utilizado para a transcrição deve se adequar ao formato do áudio.

Para o banco de dados, optamos pelo programa *Toolbox*, uma vez que este programa permite a entrada de fontes *Unicode*, possibilitando assim o trabalho com fontes do IPA.

Iniciamos a organização de todo o material coletado e transcrito ainda em campo. Todo o material coletado foi classificado em pastas do *Windows Explorer*, segundo a data da coleta, o nome do consultor indígena e especificações dos meios utilizados para a gravação.

1.2. Primeira sessão de trabalho de campo:

Inicialmente era necessário alternar a minha permanência entre a base da Frente de Proteção Etno-Ambiental Vale do Javari e as duas aldeias em que estavam os índios Korúbo, nas quais só se chega de barco. A minha aproximação com os Korúbo se deu de forma muito lenta e gradual, sendo que, em um primeiro momento, não fui autorizado a dormir na aldeia ou permanecer entre eles por períodos muito prolongados. Nessa etapa, que durou praticamente todo o primeiro mês, havia sempre um índio Matís que acompanhava os trabalhos e servia como intérprete; muitas vezes as visitas eram feitas com a participação do técnico de enfermagem da FUNASA.

Aproximadamente no início do segundo mês, fui autorizado pelo coordenador da Frente a vivenciar estadia mais prolongada entre os Korúbo, embora inicialmente, por períodos curtos, como um ou dois dias, acompanhado de um índio Matís.

Nesse primeiro momento, sempre que possível, eu acompanhava os Korúbo em pequenas caçadas ou em outras atividades cotidianas que não demandassem muito tempo. Tentava também ir verificando a viabilidade de lhes ensinar o português. Finalmente comecei a trabalhar principalmente com quatro índios, de idades entre 16 e 29 anos, aproximadamente.

Quanto à comunicação, muito me ajudou o conhecimento rudimentar do português que tinham Malevo e Takvan Vakwë. Paralelamente, me esforçava para também aprender a língua Matis, pois esta é utilizada, desde o contato, como língua de comunicação entre os Korúbo e os Matís. Os índios Matis, principalmente Tëpi, me ajudavam muito, sobretudo quando se tratava de enunciados mais complexos, como, por exemplo, os que explicavam as minhas funções na frente e a natureza do meu trabalho.

Há que se considerar que minha chegada se deu em um momento de transição entre coordenadores da Frente de Proteção e também em momento de muita pressão política dos índios do Vale do Javari sobre a FPEVJ.

1.3. Segunda sessão de trabalho de campo:

Somente na segunda sessão do trabalho de campo recebi autorização para permanecer na aldeia sem acompanhamento dos intérpretes Matís, mas as estadas duravam de 4 a 7 dias. A permanência na aldeia nesta etapa passou a estar condicionada também a outros fatores, que se relacionam muito mais com a adaptação do pesquisador ao cotidiano Korúbo.

O maior período que consegui estar direto entre os índios Korúbo foi ao final da segunda sessão, quando permaneci por 28 dias na aldeia Korúbo. Nessa fase já me encontrava mais adaptado ao cotidiano Korúbo e já havia uma maior comunicação entre nós. Foi possível nessa estada aprender muito sobre o cotidiano dos índios Korúbo, ainda que não fosse possível uma comunicação plena, mas o fato de permanecer entre eles e de participar de várias de suas atividades diárias me ajudou muito a entender aspectos importantes da realidade desse grupo.

1.4. Terceira sessão de trabalho de campo:

Na terceira sessão de trabalho de campo o acesso aos Korúbo foi restrito às idas em companhia do enfermeiro da FUNASA, quando este fazia suas visitas de rotina às aldeias. Além disso, em alguns momentos foi possível conviver com os Korúbo na base da FPEVJ, quando estes se encontravam lá por alguma questão de saúde ou mesmo para fazerem suas reivindicações.

Além do trabalho com os índios contatados, participei de uma missão de monitoramento dos índios Korúbo isolados que aparecem às margens do Itaquai. Essa missão foi realizada em duas etapas, uma de oito dias e outra de 10 dias, com um intervalo de 4 dias entre uma e outra. Na primeira etapa da missão, foi possível avistar os Korúbo isolados e estabelecer diálogo com eles, sendo o objetivo deste diálogo alertá-los sobre o perigo que correm nessas aparições às margens do Itaquai, onde, algumas vezes, estabelecem contato com índios Kanamarí, que transitam pelo rio. Em

contato com esses índios, como com qualquer população indígena com contato já estabelecido com a sociedade regional, podem contrair doenças para as quais não possuem defesa imunológica, resultando em danos irreparáveis para eles.

1.5. Organização desta dissertação

Na introdução apresentamos o tema desta dissertação, seus objetivos e orientações teórico-metodológicas. Dedicamos três seções ao trabalho de campo para a coleta de dados, salientando as especificidades desse trabalho, que foi realizado junto a um grupo indígena de contato recente. No capítulo II apresentamos algumas observações preliminares sobre o povo e a cultura Korúbo, retratamos a cultura material do povo, os termos de parentesco, suas denominações e alguns aspectos de sua história. O capítulo III apresenta uma síntese das principais classificações lingüísticas da família Páno, a que se filia a língua Korúbo. Este capítulo inclui uma primeira lista comparativa de palavras Korúbo, Matis e Mayorúna, que deixa evidente ser o Korúbo uma língua Páno independente. No capítulo IV apresentamos uma descrição dos sons identificados na língua Korúbo com vistas a fundamentar uma análise da organização desses sons no sistema fonológico dessa língua, apresentada no Capítulo V. No capítulo VI resumimos os principais resultados alcançados. Este capítulo é seguido pelas referências bibliográficas e por dois anexos, Anexo A e Anexo B, constituídos respectivamente de um quadro com o censo das famílias Korúbo e de espectogramas que fundamentam a análise fonética com base articulatória de alguns sons.

2. Breves notas sobre o povo e a cultura Korúbo²

No presente capítulo apresentamos algumas observações sobre o povo Korúbo extraídas de relatórios técnicos de indigenistas da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e de alguns trabalhos acadêmicos, assim como observações de minha vivência durante as três sessões de trabalho de campo que realizei junto a este povo³.

2.1. Localização

Os Korúbo estão localizados dentro dos limites da Terra indígena Vale do Javari⁴, que se situa no sudoeste do estado do Amazonas e abrange partes dos municípios de Atalaia do Norte, Benjamin Constant, Jutai, e São Paulo de Olivença. Os índios Korúbo dos quais se tem conhecimento estão distribuídos, conforme o grau de contato desenvolvido com a sociedade envolvente, em dois grupos: (1) isolados, sem nenhum grau de contato com não índios; e (2) de contato recente, que são os que foram contatados em 1996 e que mantêm contato intermitente com os funcionários da Frente de Proteção Etno-ambiental Vale do Javari – FPEVJ⁵.

Os Korúbo já contatados são os que, por problemas de saúde, podem, em algumas situações, serem levados à cidade pelos agentes de saúde e funcionários da FPEVJ para atendimento médico especializado.

Os Korúbo isolados ocupam uma região dentro da Terra Indígena Vale do Javari. Nessa Terra Indígena, há várias malocas e vestígios de ocupação desses índios, especialmente no médio rio Coari e nas cabeceiras do igarapé Tronqueira, ambos afluentes da margem direita do rio Ituí. Há também vestígios desses índios no rio Branco, afluente da margem esquerda do rio Itaquai. Há a possibilidade de que vestígios encontrados no igarapé Lambança, afluente da margem direita do médio rio Itaquai, sejam também vestígios Korúbo (cf. Amorim, 2008:18). Existem registros e notícias freqüentes do aparecimento de índios Korúbo isolados às margens dos rios Ituí e Itaquai.

² Agradeço a Fabrício Amorim pela confecção dos mapas deste capítulo.

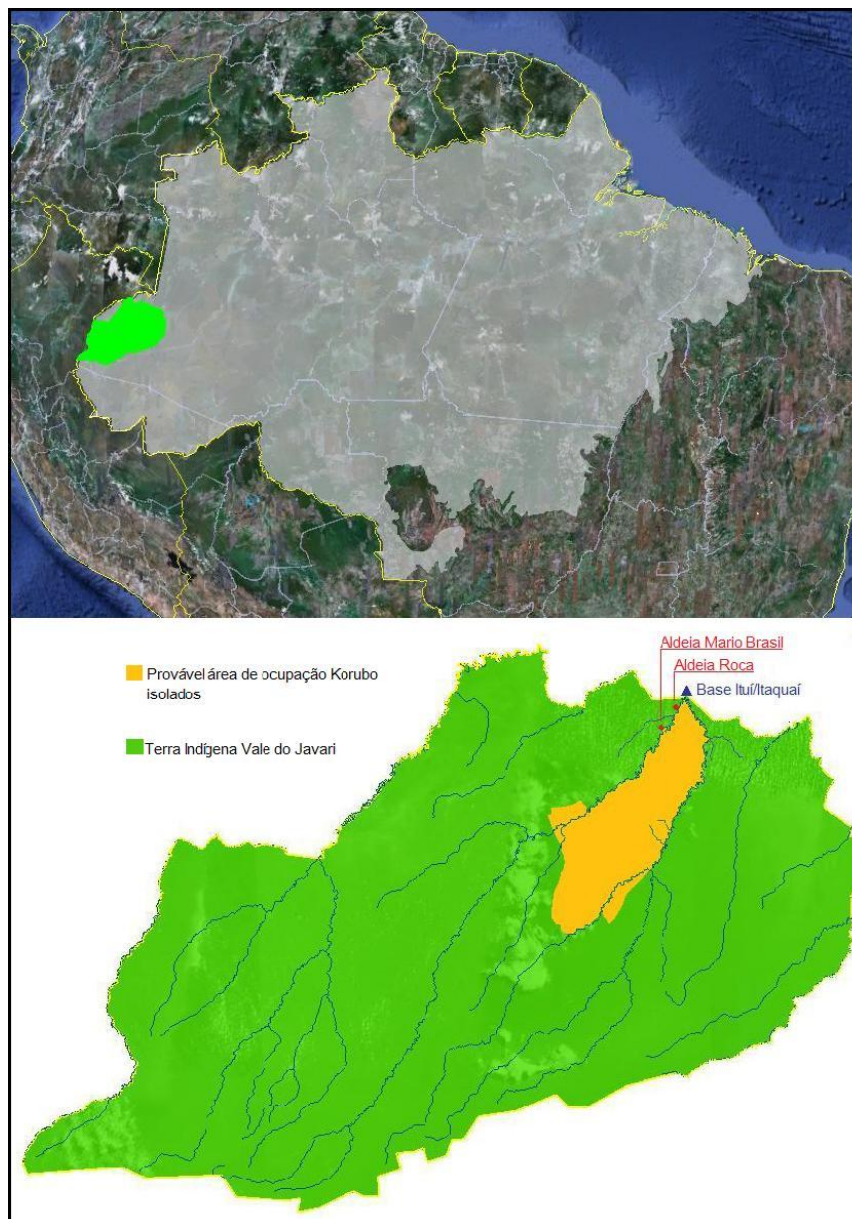
³ O presente capítulo foi inspirado principalmente pelo relatório de Melatti e Montagner Melatti (2005 [1975]), apesar de não haver uma relação direta entre este trabalho e o referido relatório.

⁴ A T.I. Vale do Javari mede aproximadamente 8.547.000 ha e seu perímetro é de 2.140 km.

⁵ A FPEVJ era denominada anteriormente Frente de Contato Vale do Javari e é subordinada à Coordenação Geral de Índios Isolados – CGII/FUNAI.

Quando iniciamos o primeiro trabalho de campo, os Korúbo contatados viviam em duas aldeias na margem esquerda do baixo rio Ituí, mas atualmente estão todos em uma única aldeia chamada Mário Brasil⁶, que fica a aproximadamente 21 Km em linha reta afastando-se da base da Frente de Proteção Etno-ambiental Vale do Javari. Esta base está localizada na confluência entre os rios Ituí e Itataquai, no limite norte da T.I.

Mapa I: Terra Indígena Vale do Javari e localização dos índios Korúbo



⁶ Recentemente passou-se a usar também o termo Tapalaya para se referir a esta aldeia, como se fosse a denominação dada pelos próprios índios para o local, no entanto fui informado por Malevo que esta seria uma adaptação da palavra portuguesa *trabalha*, informada por Takvan quando interrogado sobre o nome do local. Parece-me que os Korúbo não costumam adotar nomes para denominar o local onde moram, referido simplesmente como casa Wetekit ou Xuvu. Segundo informações de pessoas da região, o nome Mário Brasil se deve ao fato de que, antes da delimitação da Terra Indígena Vale do Javari, havia uma madeira de um senhor chamado Mário Brasil no local onde hoje existe a aldeia.

Melatti (2007:85) situa os Korúbo na área etnográfica referida por ele como a área de número 04, a qual abrange o vale do rio Javari e o setor acreano do Alto Juruá. Dentro desta área Melatti situa os Korúbo mais precisamente no núcleo A, denominado bacia do Javari. Melatti descreve esta área etnográfica como a seguir:

No Vale do Javari e no setor acreano da bacia do Juruá, predominam grupos falantes de línguas da família pano, também presentes do outro lado da fronteira, no Peru. Caracteriza-os a repetição, por gerações alternadas, dos termos de parentesco e, quando os há, dos grupos de descendência. A linha tatuada das orelhas à boca, os muitos furos nos lábios, no nariz e até nas bochechas, onde se inseriam ornamentos de concha e palitos de madeira, eram outra das peculiaridades dessa área. Também os ritos funerários, no passado, em que se ingeriam os ossos calcinados e pulverizados do morto. Outrora vizinhos do Inca histórico, com quem teriam mantido intercâmbio por meio de outras sociedades indígenas, transformaram-no numa figura mítica muito poderosa e sábia. (Melatti, 2007, p. 85).

É importante ressaltar que, até o presente, não observamos com respeito aos Korúbo as linhas tatuadas, os muitos furos na face e os ornamentos descritos por Melatti, como características da região. Voltaremos a esta questão na descrição dos aspectos da cultura material Korúbo.

2.2. História recente

Sobre a história dos índios Korúbo, temos que diferenciar a história narrada por eles e a história documentada, pois nem sempre as duas são convergentes. Dessa forma, algumas localizações, datas e até mesmo certos fatos que foram documentados e atribuídos aos índios Korúbo, parecem estranhos aos índios, e alguns de seus relatos não coincidem em vários aspectos com a história documentada.

A história dos contatos dos índios Korúbo com a sociedade envolvente é definida no *Relatório de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Vale do Javari* como um “martirólogo” (Coutinho Jr, 1998:54), devido aos vários conflitos entre a sociedade envolvente e estes índios, com baixas para ambos os lados e sem uma estimativa das perdas para o lado indígena, que com certeza foram muitas. Segundo esse

mesmo relatório os conflitos se iniciaram no ano de 1965⁷, devido à morte de “três homens brancos, empregados do Sr. Flávio Azevedo, na localidade igarapé Marubo, afluente da margem esquerda do rio Itaquai” (Coutinho Jr, 1998:54).

Segundo o mesmo relatório, antes do contato oficial com a Frente de Contato Vale do Javari em 1996, houve, pelo menos, três tentativas de contato com os Korúbo, todas elas nas margens do Itaquai ou de algum de seus afluentes. Em todas as três tentativas houve algum tipo de contato, no entanto, em nenhuma delas se conseguiu estabelecer um contato permanente, o que levou à desativação dos postos criados especificamente nessa região, elencados no quadro seguinte.

Quadro I: Postos de atração da FUNAI		
Nome do Posto	Localização	Período
Posto Indígena de Atração Marubo	Margem esquerda do Itaquai acima do igarapé Marubo	1972-1975
Subposto não identificado	Região dos igarapés Tabocal e Açaí, afluentes do Rio Branco	1974-1975
Posto Indígena de Atração Marubo	Beira do lago velho, cerca de duzentos metros afastado do Itaquai	1982-1982

Quando da instalação dos primeiros postos de atração, pensava-se que os Korúbo fossem índios de língua semelhante ao Marubo ou ao Mayoruna, na época recém-contactados (Diário de Brasília *apud América Indígena*, vol. XXXV, n. 1, 1975:196). Foi também utilizada a denominação Kaniuá, após um breve contato em 1975, assim descrito no Informativo FUNAI:

“Pela primeira vez um grupo Marubo, que se autodenomina Kaniuá, e que habita a margem inicial do rio Itacoai, área de influência da Perimetral Norte, foi contactado. A foto à esquerda mostra um dos chefes guerreiros acompanhado de um jovem que inicia um diálogo por meio de

⁷ Segundo o “Relatório sobre Massacre de Índios Korúbo, ocorrido em 1995”, nos anos de 1920 já ocorriam conflitos entre regionais e este grupo indígena, mas estes conflitos se “acentuaram drasticamente a partir da década de 70” (Franciscato, 2000:2).

movimentos do corpo. A partir dessa iniciativa, verificou-se uma tímida distribuição de objetos por parte dos sertanistas, o que motivou a presença de outros membros do grupo.” (“Seis grupos tribais já contatados na perimetral Norte”. Informativo FUNAI, n. 14, 1975:57)

Em 1996, pressões da população local levaram o órgão responsável à decisão de contatar um pequeno grupo de índios Korúbo, de forma a evitar seu extermínio. Este grupo é, muito provavelmente, apenas uma parcela do grupo maior, que ainda se encontra isolado. Ele deve ter se deslocado para a margem esquerda do rio Ituí recentemente, por volta do final da década de 80 ou por volta do início da década de 90 (cf. Coutinho Jr., 1998:62). Na época do contato oficial, o grupo era constituído de 18 pessoas, mas hoje conta com 25 pessoas. Desde o contato, ocorreram quatro óbitos – um homem (provavelmente Atsá), ex-marido de Munan, duas crianças que provavelmente morreram em consequência de malária⁸ (Arisi, 2007:87; Franciscato, 2000:3) e Nawavo, que, provavelmente, teria sido pega por uma cobra sucurí, na confluência do Ituí com o Itaquai, enquanto os índios tomavam banho no rio.

Por outro lado, houve nove nascimentos desde então. No anexo I apresentamos uma lista com o nome de todos os membros do grupo atual, com as idades estimadas, conforme o prontuário utilizado pela Funasa e pela Frente de Proteção Etno-Ambiental Vale do Javari – FPEVJ. As informações que apresentamos nesse Anexo são, em sua maioria, atualizações dos dados contidos no quinto anexo do trabalho de Arisi (2007:143-146), “Censo 2 – Korubo – maio de 2006”⁹, embora tenha sido elaborado independentemente deste último.

A composição do grupo contatado em 1996 certamente não é a mesma de quando ocorreu a dispersão deste grupo, principalmente devido a vários confrontos com regionais, com baixas para o grupo Korúbo, desde a sua saída do seu local de origem. Estes confrontos e perdas para os índios Korúbo contatados representam, além da perda física, uma ameaça enorme para a sua cultura, pois, segundo os relatos deles, foram justamente os índios mais velhos que morreram nestes confrontos, morrendo com eles muito do conhecimento sobre a cultura, as tradições e sobre sua língua.

A partir do contato em 1996, este grupo passou a conviver com a Frente de Contato Vale do Javari, e suas relações com os integrantes da frente foram mediadas

⁸ Segundo Arisi, a morte de Atsá é que teria levado Ta’van a matar Raimundo Magalhães (Sobral) em 22 de agosto de 1997.

⁹ As informações foram obtidas através dos índios Matis, que se relacionam com os Korúbo e com os quais Arisi fez sua pesquisa de campo.

pelos índios Matis, falantes de uma língua Pano geneticamente próxima à língua dos Korúbo, e também habitantes do Vale do Javari, os quais foram contatados no final da década de 70. Ao assumirem a função de intérpretes, na situação de contato dos Korúbo, os Matis firmaram um papel fundamental nestas relações.

2.3. Situação atual

Os Korúbo atualmente parecem viver em uma situação de conflito interno entre o seu viver tradicional e a ansiedade de conhecer e dominar os bens e conhecimentos da sociedade envolvente. Dizem freqüentemente que vão voltar para o Coarí, que vão buscar esposas lá ou que vão buscar seus parentes, mas, ao mesmo tempo, é muito comum também que digam que vão para a cidade, que vão obter os bens dos “nawa”¹⁰. É também comum dizerem que a Frente não lhes dá casa de “nawa”, roupa de “nawa”, que não têm um posto ou um chefe de posto, etc., como se quisessem tornar-se iguais aos Matis ou aos “nawa”. Atualmente se empenham por conseguir um motor, fazendo canoas, farinha e artesanato para vendê-los com a ajuda da FPEVJ e, assim, comprar um motor.

Em sua maioria os Korúbo contatados usam roupas e fazem questão de não aparecer nus frente às pessoas de fora do grupo. Reclamam muito do fato de que a FPEVJ não lhes fornece roupas novas, mas conseguem obter roupas novas (não necessariamente ainda não usadas) e outros artigos de seu interesse com os Matis, trocando-os por dentes de macaco e, principalmente, por *xolete*¹¹. Às vezes também negociam alguns utensílios com funcionários da FUNASA ou com funcionários da própria FPEVJ, ou simplesmente conseguem os utensílios desejados como presente.

São extremamente dependentes dos medicamentos não-indígenas e quase não utilizam os “remédios do mato” (*lawë*). Maya, a pessoa aparentemente de maior prestígio no grupo, por sofrer de artrite reumatóide e artrose, afetada por dores constantes, é a mais dependente da nossa medicina. A malária é atualmente a doença mais comum entre os Korúbo, tendo sido registrados 100% de casos positivos dessa doença durante o mês de janeiro de 2008. No entanto, o mais grave problema de saúde

¹⁰ Segundo os Korúbo a palavra para designar o não-índio seria *latkute*, no entanto, utilizam muito o termo *nawa*, que seria um empréstimo Matis, mas de uso muito comum.

¹¹ Cipó utilizado pelos Korúbo e Matis (estes o denominam *tatxi*), comparam-no com o nosso café e o tomam várias vezes ao dia. Ralam o cipó com um ralador feito de dentes e depois o embebem em água, espremem-no e tomam o seu sumo.

que enfrentam hoje todos os índios da T.I. Vale do Javari é, sem sombra de dúvidas, decorrente de hepatites virais, que vêm se espalhando entre os índios de forma descontrolada, sem que medidas efetivas possam prevenir novas infecções. No tocante aos Korúbo, segundo relatório do Ministério Público Federal,

“verifica-se que a parcela desta sociedade indígena que mantém contato com a FPEVJ foi infectada no correr dos últimos doze anos, pelos vírus da Hepatite A, B e C. De um total de 22 índios Korubo que realizaram os exames em causa, 15 deles (68,18%) apresentaram positividade para infecção passada por Hepatite A (Anti-VHA IgG). Dentre esses 15 índios que sofreram a infecção pelo VHA, cerca da metade (7) têm menos do que 10 anos (sendo que, destes, um tem 5 anos e dois têm apenas 2 anos). (...) Além disso observa-se que, dentre os Korúbo submetidos a exame, dois (uma índia de 28 anos e um índio sem indicação de idade) apresentaram positividade para o anti-HBC total e AgHBs negativo, denotando infecção passada pelo VHB. (...) Por fim, dentre os 22 Korubo submetidos a exame, 4 (18,18%) apresentaram positividade para o contato com o vírus da hepatite C (anti VHC). Todos os 4 Korubo que apresentaram reatividade ao anti-VHC são jovens entre 14 e 26 anos, sendo 3 do sexo masculino e 1 do sexo feminino. O *status* preciso da infecção pelo VHC nestes 4 Korubo, inclusive quanto a cronicidade, somente poderá ser apurado quando os mesmos forem submetidos ao teste pelo PCR (RNA-VHC)” (Coutinho Jr., 2008:126).

Em maio deste ano, a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) iniciou um novo esquema de vacinação contra as hepatites em uma parcela da população Korúbo (subentende-se que essa parcela corresponda aos Korúbo que ainda não tiveram contato com o vírus, segundo os exames sorológicos anteriores), no entanto, a segunda dose da vacina contra Hepatite B foi aplicada após aproximadamente 60 dias. Há casos de aplicação apenas da primeira dose¹².

Além da gravidade de tal situação para os índios contatados, há ainda o perigo de contágio dos índios isolados, seja nos rápidos contatos esporádicos que ocorrem nas beiras dos rios ou mesmo no caso de um possível contato permanente.

As questões de saúde, que parecem insanáveis, e a conseqüente dependência da nossa medicina, contribuiram enormemente para que se tornassem mais dependentes da FPEVJ, sendo que, quando interrogados sobre o porquê de não irem mais caçar ou de

¹² Segundo registro no cartão de vacina destes índios, os esquemas aplicados anteriormente estão muito aquém dos prazos recomendados pelo ministério da saúde (Departamento de Vigilância Epidemiológica, 2005:30-31).

não se retirarem para a mata por tempos mais demorados, como antigamente, é muito comum responderem que, se forem para dentro do mato, podem adoecer e morrer. Mas podem também responder com uma pergunta, como “Se formos para longe, quem vai nos dar remédio?” Ainda assim, há períodos em que se retiram para a mata, cada qual com sua família nuclear, para locais diferentes, e, muitas vezes, na mesma época.

2.4. Histórias sobre a origem

Como relatado anteriormente, o pequeno grupo Korúbo, que está vivendo na margem esquerda do rio Ituí, parece ter chegado lá recentemente. No entanto, não se sabe ao certo de onde eles vieram e os motivos que os fizeram migrar para a margem esquerda do Ituí, sendo que os registros anteriores à década de 90, localizam os índios Korúbo apenas no interflúvio Ituí-Itaquai ou na margem direita do Itaquai. Sobre a origem e o deslocamento recente dos Korúbo contatados, há pelo menos três versões possíveis, que relataremos em seguida.

2.4.1. Índios Korúbo no Coari

Quando da primeira sessão do meu trabalho de campo, eram comuns as informações tanto da parte dos Korúbo quanto de não-índios de que o grupo hoje contatado teria se separado do grupo maior e que teria migrado da região entre os rios Ituí e Itaquai para a margem esquerda do rio Ituí, ocupando toda a área entre o rio Quixito (afluente da margem esquerda do rio Itaquai, abaixo de sua confluência com o Ituí), o rio Ituí (em sua porção mais baixa, já próxima a confluência com o rio Itaquai) e o igarapé Quebrado (afluente da margem esquerda do rio Ituí). No *Relatório de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Vale do Javari*, consta que:

“Na verdade, após um período, nos anos 70-80, com predominância de ataques na região entre os rios Ituí e Itaquai, a presença dos Korúbo passou a ser igualmente sentida com maior intensidade, nos anos 90, na zona entre os rios Ituí e Quixito. A presença Korúbo neste último rio é, no entanto, anterior. De acordo com diversas informações obtidas junto à população regional do Quixito, em novembro de 1981 os índios apareceram nos igarapés Quatro Bocas, Cachoeira Grande e Pau

Branco, assustando os madeiros e deixando “tapagens” pelos varadouros.” (Coutinho Jr., 1998:62)¹³

Embora não se possa ter certeza dessas datas, a intensificação das aparições de pessoas Korúbo, durante a década de 90, somadas às informações dos próprios Korúbo relativas à sua saída do “Coari”¹⁴ – principalmente sobre as idades que tinham quando desse acontecimento, comparadas com as idades estimadas para esses índios –, nos faz pensar que a chegada destes índios na margem esquerda do rio Ituí teria ocorrido no final da década de 80 ou no início da década de 90¹⁵. É importante ressaltar que os índios Korúbo não são os mesmos que ocupavam o rio Quixito na década de 90. Estes últimos, conhecidos como índios do rio Quixito ou Mayá, possuem corte de cabelo diferenciado e usam vários adornos corporais que não são observados entre os Korúbo (Melatti (org.), 1981-, 103-109).

A partir dessas primeiras informações, supunha-se que os Korúbo deviam ter saído do Coari e subido até às proximidades da desembocadura do Ituí, no Itaquai, onde há registro de confronto com não-índios. Estes episódios teriam ocorrido na época em que teria havido uma cisão do grupo do qual os Korúbo contatados faziam parte, os quais teriam seguido na direção do rio Ituí. O mapa seguinte, que foi adaptado do mapa oficial da FUNAI (2000) por Fabrício Amorim, especificamente para ilustrar esse trabalho, ilustra essa possível trajetória.

¹³ Na mesma página, em uma nota de rodapé, é possível observar a informação de que os ataques de Korúbo na década de 80 não foram confirmados, e “os ‘boatos’ tinham se originado no fato de muitos madeiros não terem conseguido madeira suficiente para saldar suas dívidas, ou por alguém que tivesse interesse em afugentar os concorrentes para usufruir sozinho da exploração madeira naquele rio.” (Ministério da Justiça/FUNAI, 1998: 62).

¹⁴ É muito comum que Korubo, Matis e os trabalhadores da FPEVJ se refiram ao local de origem dos Korúbo como sendo o Coari, principalmente após a gravação feita por uma funcionária da FPEVJ sobre a aparição de índios Korúbo na região da foz deste rio. Neste trabalho, não estamos assumindo que o lugar de origem dos Korúbo seja exatamente o Coari.

¹⁵ No “Relatório sobre Massacre de Índios Korúbo, ocorrido em 1995” pressupõe-se que a dispersão desse grupo possa ter ocorrido no início da década de 90.

2.4.2. Índios Korúbo no interflúvio Rio Branco/Rio Itaquai

Na nossa terceira sessão de campo, realizada de agosto a outubro de 2008, a equipe da Frente, da qual eu fazia parte, pôde comunicar-se com um pequeno grupo de Korúbo isolados, que se encontrava na margem esquerda do rio Itaquai. A equipe, liderada por Rieli Franciscato, era integrada por Walmir de Barros Torres, pelos índios Matis Damën e Binin e por mim. O diálogo mantido com esse grupo, intermediado por mim, tinha como objetivo avisá-los sobre os perigos que correm ao entrarem em contato com terceiros com o objetivo de trocar objetos, como quando entram em contato com os índios Kanamarí que transitam pelo rio Itaquai. Não houve, em qualquer momento, contato direto com os índios, o diálogo foi estabelecido de longe, com os índios na margem do rio e nós no barco, no meio do rio.

Após saber deste fato, Malevo nos contou que, quando ele ainda era criança havia dois grupos de Korúbo, um localizado entre os rios Branco e Itaquai e outro próximo ao rio Coarí. É possível que houvesse um terceiro grupo mais ao norte do rio Branco que mantivesse relações com o grupo localizado entre o rio Branco e o rio Itaquai. Malevo e seus parentes seriam parte do grupo então localizado entre o rio Branco e Itaquai e teria tido relações com o grupo localizado ao norte do rio Branco. Malevo ressaltou, contudo, que não havia relações próximas do seu grupo com o grupo do Coari. Nessa versão dos fatos, a separação dos Korúbo contatados teria se dado em duas etapas, primeiro eles teriam se separado do grupo maior, localizado no interflúvio Branco-Itaquai, época em que teriam passado a viver do lado esquerdo do rio Branco, mais ao norte deste. Em um segundo momento, teria havido uma separação do grupo do qual os Korúbo contatados seriam parte, quando já estavam à esquerda do rio Branco, e por ocasião dessa cisão, os Korúbo hoje contatados teriam seguido rumo à margem esquerda do rio Ituí.

É importante ressaltar que segundo Malevo, apesar de não haver relações estreitas entre os índios do interflúvio rio Branco-Itaquai e os do rio Coarí, Mayá e Xi'xu teriam, nesta versão da história, visitado uma vez o grupo do Coarí, sabendo que eles falam a mesma língua¹⁶ e tendo visto, na ocasião, que eles possuíam panelas, facões e vários outros pertences de *nawa*, que os outros grupos não teriam. O mapa a seguir,

¹⁶ Embora saber o que os Korúbo querem dizer com “mesma língua” não seja uma tarefa fácil, pois podem tanto querer dizer que é uma língua parecida como também que é exatamente a mesma língua.

2.4.3. Índios Korúbo na margem direita do Rio Itaquai

Segundo o atual coordenador da FPEVJ, Rieli Franciscato, há a possibilidade de que o grupo Korúbo hoje contatado estivesse, no passado, na margem direita do rio Itaquai e que, por algum motivo, Malevo estivesse confundindo o rio Branco com o rio Itaquai. Dessa forma, seria possível que os índios Korúbo tivessem saído primeiramente da margem direita para a margem esquerda do rio Itaquai e depois atravessado para a margem esquerda do rio Ituí.

Em 2001, membros da própria FPEVJ localizaram, durante sobrevôo, malocas em formato de charuto que acreditam ser Korúbo, localizadas próximas ao Igarapé Lambança, afluente da margem direita do rio Itaquai. Além disso, Pedro Coelho, em relatório de 1991 relata vestígios de índios Korúbo na área, entre os igarapés Açúcar e Lambança (Amorim, 2008:18).

Um fato que chama a atenção é a presença marcante de objetos industrializados entre os índios Korúbo, os quais supostamente estariam no Coari, segundo a versão anterior de Malevo. No entanto, como vimos, as frentes de atração que chegaram a ter contatos esporádicos com índios isolados, e que chegaram a distribuir brindes aos índios, trabalharam principalmente com os índios da margem esquerda do rio Itaquai e já nas proximidades com o rio Branco. O fato de os Korúbo hoje contatados afirmarem que apenas o outro grupo, com o qual tinham pouco ou nenhum contato, tinha facões, panelas, etc. sugere que os Korúbo contatados estivessem fora da área de influência das frentes de atração. Podemos pensar ainda que, se os Korúbo saíssem da margem direita do rio Branco para morar ao norte deste mesmo rio, eles ocupariam a região destes Korúbo que receberam os brindes.

Amorim (2007, notas de campo) registra em um diálogo com índios Korúbo, traduzido por índios Matis, que os Korúbo contatados não conhecem o pessoal do Coari e que seriam originários do Lambança. Conforme esse diálogo, os índios Korúbo teriam saído do Lambança a aproximadamente 18 anos, devido a divergências com pessoas do próprio grupo em que estavam. Consideradas as observações acima, podemos então cogitar a idéia de que os Korúbo estivessem na margem direita do rio Itaquai, como mostra o mapa abaixo, adaptado do mapa oficial da FUNAI (2000), por Fabrício Amorim.

2.5. Cultura material

2.5.1. Adornos corporais

Aparentemente os Korúbo possuem uma cultura material simples, se comparados a outros povos da região, sendo notável a quase ausência de adornos corporais, que são muito comuns e notórios em outros grupos Pano como os Mayoruna, Matis e Marúbo (cf. Melatti, 2007:85). Os Korúbo usam apenas os *witsun*, braçadeiras envolvendo os bíceps, e os *txuana*, que são colares, mas estes são de uso mais raro. Os *txuana* são muito simples e com apenas uma volta, e não são dispostos cruzados, como outras etnias o fazem. Tanto os Korúbo contatados, quanto os isolados, em suas aparições, não apresentam, aparentemente, as características referidas por Melatti como peculiaridades do núcleo da área etnográfica denominada Javari e Alto Juruá. Ou seja, não há entre os Korúbo os adornos comparáveis às “...tatuagens das orelhas à boca, os muitos furos nos lábios, no nariz, e até nas bochechas, onde se inseririam ornamentos de concha e palitos de madeira...”, referidas por Melatti (2007:85) como características dos outros grupos da região¹⁷. Segundo os próprios Korúbo, há alguns outros enfeites utilizados em ocasiões especiais, mas que atualmente não são mais fabricados por não haver estas ocasiões. Entretanto, foi visto entre eles, um adorno para a cabeça, feito de pêlo de tamanduá (Xaëvu), o qual, segundo Txitxapi, seria utilizado em uma festa específica.

2.5.2. Cestaria

Os Korúbo contatados fabricam mais de um tipo de cesto, sendo o mais comum e de uso doméstico o *tsitsan*, que geralmente serve para guardar seus pertences ou para carregá-los em viagens. Há um outro tipo de cesto, também muito comum, utilizado para buscar frutos no mato. Trata-se de cesto utilizado em uma única situação, depois da qual é descartado. Atualmente buscam obter malas e mochilas para guardar roupas e

¹⁷ Melatti (comunicação pessoal) chama a atenção para o fato de que vários grupos da região, entre eles Marúbo e Mayoruna, tiveram pelo menos dois contatos, ou seja, foram contatados no passado por madeireiros e seringueiros, tendo convivido com eles, notavelmente na época do *boom* da borracha, sendo novamente contatados na segunda metade do século XX, na época de seus contatos oficiais. Segundo Melatti, a ausência de adornos corporais entre os índios Korúbo poderia ser resultado de um contato anterior ao contato oficial.

outros pertences e, muitas vezes, tecem comentários sobre sua cestaria, considerando-a inferior.

2.5.3. Armas

Utilizam para caçar o arco (*pia*), a flecha (*tawa*), a lança (*kula*), a zarabatana (*kanon*), e dois tipos de cacete, o *ixvante* e o *kwainamete*. Parece haver uma especialização dos instrumentos, de forma que a zarabatana serve para a caça de macacos e pássaros, enquanto o *kwainamete* parece ser usado na caça de grandes mamíferos, como anta (*awat*) e porco do mato (*unkin*). Não se sabe ainda o motivo de haver dois tipos de cacetes, mas parece que a diferenciação é apenas decorrente do material utilizado para a sua fabricação.

A zarabatana Korúbo é levemente diferenciada da zarabatana Matis, por possuir cobertura de breu (*mamon*) e farelo de casca de caramujo até a extremidade inferior. Além disso, os dardos da zarabatana Korúbo são envolvidos com algodão apenas na extremidade inferior, diferentemente dos dardos Matis, que recebem algodão também em sua parte central.

2.5.4. A casa (*wetekit*)

A casa Korúbo é ao mesmo tempo retangular e levemente arredondada nas pontas, com duas portas, uma em cada extremidade. É construída no mesmo sentido do Rio e próxima à margem, no cume de um pequeno morro. Além da casa, atualmente constroem também um pequeno jirau, onde dormem os rapazes ainda não casados. Recentemente Majá e Xi'xu construíram também uma casa maior com piso suspenso, que segundo eles seria para ter casa como a dos regionais, que também é o tipo de casa encontrada entre os Matis e os Marubo.

A casa Korúbo é coberta com palha de uma espécie de palmeira, ambas denominadas *volët*, possui duas fileiras de vigas de sustentação, cada viga delimita o espaço de uma família e é onde os Korúbo amarram suas redes. A casa é toda construída em duas águas que vão do cume até o chão, próximo ao chão há outro conjunto de vigas menores inclinadas.

2.5.5. Cerâmica

Os Korúbo produzem panelas, provavelmente de argila e que são muito simples. Uma das panelas observadas por nós, na base da Frente de Proteção, era de cor preta, provavelmente devido à fumaça que deve ser utilizada para secá-la, no entanto, não tivemos ocasião de observar a preparação de uma panela. Ademais, atualmente os Korúbo contatados se esforçam por obter panelas de não índios e quase não fabricam as suas panelas tradicionais, mas informam que havia panelas de vários tamanhos para usos diversificados.

2.6. Cotidiano Korúbo

Os Korúbo geralmente se levantam muito cedo (por volta das 5h ou 6h) e logo vão tomar o primeiro banho do dia e, assim que retornam, tomam o *folete* (tatxi). Comem logo cedo, geralmente uma caça acompanhada de mandioca ou milho e/ou mingau. Os homens comem no centro da maloca sentados em pequenos bancos de madeira (*tsate*) e as mulheres e crianças em suas redes, em seus respectivos espaços dentro da casa comunal.

As caçadas são, em geral, realizadas por grupos de homens ou por um homem só. No entanto, não é incomum que o homem saia acompanhado de sua mulher e filhos. Atualmente os cachorros são uma peça fundamental nas caçadas. Pessoalmente, nunca presenciei uma caçada sem cachorros. As caçadas podem ocupar todo o dia dos Korúbo, sendo que, geralmente voltam no fim do dia, com ou sem êxito. Mas às vezes, voltam ainda antes do meio dia. Quando não há carne e ninguém saiu para a caçada logo de manhã, saem à tarde, ou mesmo no fim do dia. Geralmente quando saem para caçadas mais longas, remam para uma área um pouco mais afastada da aldeia e depois entram pela mata adentro.

Há ocasiões que uma família inteira sai para a caçada e fica no mato, em tapiris temporários, por dias ou mesmo por uma semana. É quando geralmente armazenam carne moqueada e depois a trazem para a maloca. Houve oportunidades em que duas ou mais famílias saíram para caçadas mais demoradas, ficando a maloca com apenas um indivíduo, outras vezes permaneceu na casa uma família.

Outra atividade que pode ocupar um dia inteiro na rotina Korubo é a coleta de mel, que geralmente é feita não muito longe da maloca e que reúne uma família inteira.

Enquanto o marido derruba a árvore com um machado, a mulher fica em sua rede tecendo redes e cuidando dos filhos, que ficam por ali brincando. Quando a árvore está para cair, queimam a caixa de abelhas e depois terminam de derrubar a árvore, para que não haja muitas abelhas no momento da coleta.

Os Korúbo se dedicam também ao plantio, principalmente de mandioca (*mankit*) e milho (*XikXu*). As roças ficam próximas à casa e são cultivadas coletivamente, da mesma forma que o uso dos produtos é coletivo.

2.7. Parentesco

Os termos de parentesco registrados até o momento são muito semelhantes aos utilizados pelos índios Matis (cf. Erikson, 1999:144-145). Devido ao fato de haver apenas 25 Korúbos, não há como se observar certas relações de parentesco, o que torna difícil esclarecer também as relações existentes entre eles. Observando o caso de Ta'van, que é marido de Munan, e segundo suas próprias informações, sua esposa seria também sua irmã classificatória (*Txutxu*), por esta ser filha da irmã de Maya, sua mãe. Segundo Ta'van, o casamento só teria ocorrido devido à inexistência de outras mulheres com quem ele pudesse se casar. Apesar dessa história ser confirmada por outros Korúbo, como por Waxman, Maya não gosta de falar sobre essas relações, apesar de ser tida como a maior autoridade sobre o assunto.

Segundo os Korúbo, uma mulher não pode se casar com seu filho classificatório (filho de sua irmã), no entanto, segundo Xikxu, ele seria filho classificatório de Maya, sua atual esposa. Ou seja, sua mãe era irmã de Maya, mas devido a ausência de outras pessoas com quem pudessem casar, acabaram realizando um casamento não preferencial.

Segundo os Korúbo, a mulher com quem se casa é a *Xanon*, no entanto, eles mesmos dizem que não há *Xanon*, tanto para as crianças ou rapazes que devem se casar no futuro, bem como não havia para Takvan, quando este se casou. Se as informações sobre o parentesco entre Maya e a mãe de Munan estiverem corretas, então praticamente todos os Korúbo que estão hoje casados são irmãos classificatórios, pois os cônjuges dos filhos de Maya são todos irmãos de Munan. Apresentamos em seguida, os nomes que coletamos até o presente e que referem relações de parentesco:

Quadro II: Termos de parentesco

Mama	‘pai’
mama (wëtsi)	‘irmão do pai’
Titã	‘mãe’
tita (wëtsi)	‘irmã da mãe’
Votxi	‘irmão mais velho’
Maxko	‘irmão mais novo’
Txutxu	‘irmã mais velha’
Txivi	‘irmã mais nova’
Txailo	‘avô’
Txitxi	‘avó’
Vava	‘neto’
Natxi	‘irmã do pai’
Koko	‘irmão da mãe’
natxi xënin	‘cunhada (mulher do irmão)’
Kaniwa	‘irmão da esposa’
Lawës	‘marido da irmã’
Miuka	‘irmão mais velho do pai’
Txaja	‘irmã mais nova do pai’
Piak	‘filho da irmã de um homem ou filho do irmão de uma mulher’
vakwë/tfui	‘filho’
tʃampi/tʃia	‘filha’

Apesar de ainda não possuímos um quadro completo dos nomes que referem relações de parentesco entre os índios Korúbo, é evidente a correspondência dos termos de parentesco coletados entre os Korúbo com os utilizados pelos índios Matis (cf. Erikson, 1999:144-145). Além da semelhança dos termos Korúbo e Matis, há ainda outra característica descrita por Erikson (1994:69) para o subgrupo Mayoruna como “bromas simétricas” e que é comum também em Korúbo. Dessa forma, um pai Korúbo pode chamar sua filha de mãe (*tita*) ou de filha (*txia*, *txampi*), o que sugere que há “equivalência das gerações alternadas” (Erikson, 1994: 70).

Infelizmente não foi possível verificar outros fatores relevantes como regras de transmissão de nomes pessoais e de residência, no entanto, acreditamos ser importante

este esboço inicial sobre as relações e os termos identificados como referentes a relações de parentesco entre os Korúbo.

2.8. Etnônimos

Durante as sessões de trabalho de campo não conseguimos obter informações consistentes a respeito da auto-denominação dos Korúbo. No entanto, há registro de várias denominações para os Korúbo, algumas vezes tidas como supostas auto-denominações, outras como denominações externas.

Como vimos anteriormente, durante a década de 70 acreditava-se que os Korúbo eram índios Marubo ou Mayoruna. No contato, em 1975, registrou-se o termo Kaniuá como se fosse a auto-denominação desse grupo (“Seis grupos tribais já contatados na Perimetral Norte”. Informativo FUNAI, n. 14, 1975:57). No entanto, hoje sabemos que esse é o termo para designar o irmão da esposa. Já em 1998, no *Relatório de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Vale do Javari* (Coutinho Jr, 1998), é levantada a hipótese de que a auto-denominação do grupo seria *matsés*, como é comum a outros grupos Pano próximos aos Korúbo (Coutinho Jr, 1998:54). Entretanto, esse termo designa mulher em Korúbo e não pode se referir a todos os membros do grupo.

Em seu capítulo sobre os Mayoruna, na *Guía Etnográfica de la Alta Amazonia*, Erikson supõe que a auto-denominação dos Korúbo seria *Matsés* (Erikson, 1994: 18), idéia recorrente em seu livro *El sello de los antepasados: marcado del cuerpo y demarcación étnica entre los matis de la amazonía* (1999: 70). Nascimento e Erikson (2006) usam o termo *witxombo*, no entanto, não está claro se estão se referindo ao povo ou a língua: “Os Matis, cuja língua é próxima o suficiente do Witxombo (Korubo) para que eles possam se comunicar, tiveram um papel fundamental nos primeiros contatos com esses últimos.” (Nascimento e Erikson, 2006:447).

Fleck e Ferreira (2005ms:11) afirmam que “Chankuëshbo is the same as Korubo, for now the denomination Chankuëshbo will be used for this group/language”. Assumem no trabalho acima citado e também em Ferreira (2005:12) que a língua Korúbo seria um dialeto da língua Chankuëshbo. Segundo Fleck e Ferreira a língua Chankuëshbo seria falada por cativos dentro do grupo Mayoruna. O léxico Korúbo utilizado para comparação seria a “short word lists provided by Matis who have had contact with Korubos (some collected by P. Erikson and some by D .Fleck), and

interestingly about 90% of the terms match **Chankuëshbo** vocabulary (Appendix B)” (Fleck e Ferreira, 2005:11).

No presente estudo optamos por utilizar o termo Korúbo, mesmo sabendo que esta não é sua auto-denominação, uma vez que até o presente não há nenhuma auto-denominação apresentada por eles e que também não há nenhum registro seguro sobre tal. Dessa forma, acreditamos também reduzir a possibilidade de equívocos, uma vez que o termo Korúbo é o termo utilizado oficialmente para denominar o povo, e também pelos Korúbo, que atualmente já se identificam com este termo. Evitamos também criar ambigüidades sobre o registro desse povo.

2.9. População

É impossível, atualmente, fazer uma estimativa precisa sobre a população Korúbo, pois como já foi relatado acima, há ainda uma parcela da população que se encontra isolada e não há métodos seguros para se registrar o número de pessoas que estão nesses grupos, uma vez que a população pode crescer ou decrescer muito rapidamente, conforme diversos fatores. No entanto, alguns autores buscam estimar esta população, deixando claro que o número pode não ser real, como são os casos de Ferreira (2005:12) e de Fleck e Ferreira (2005ms:2). No entanto, há outros autores que simplesmente registram o número sem nenhuma observação (Moore 2006: 122).

2.10. Sumário

Neste capítulo fizemos um apanhado das principais informações etnográficas sobre os Korúbo, com base em documentos de valor inestimável, produzidos por indigenistas da Fundação Nacional do Índio, que atuaram na T.I. Vale do Javari. Acrescentamos informações obtidas a partir da observação pessoal do autor deste trabalho, de sua vivência com o grupo Korúbo contatado. O presente capítulo considerou trabalhos sobre a família lingüística Pano, sobre as línguas Pano da região do Vale do Javari e, fundamentalmente, sobre os povos Pano.

As informações reunidas neste capítulo contribuem também com indicações adicionais às informações lingüísticas reunidas nos capítulos III, IV e V de que os Korúbo falam uma língua distinta das línguas faladas pelos Matis e Mayorúna.

3. O Korúbo na família Páno: considerações iniciais

Neste capítulo apresentamos um resumo dos trabalhos classificatórios das línguas Páno, com o objetivo de situar a língua Korúbo no interior dessa família. Além de evidenciar alguns aspectos das classificações existentes, apresento um quadro comparativo de dados das línguas Korúbo, Matis e Mayorúna, de onde ressaltam indicações de que a língua Korúbo é uma língua independente das demais línguas Pano da região, conhecidas na atualidade. Por outro lado, os dados comparados apontam para o fato de que, embora independente, é próxima o suficiente do Mayorúna e do Matis para ser considerada integrante de mesmo subgrupo dentro da família Pano, em que são incluídas essas duas línguas.

3.1. A família Páno

Segundo Shell (1985), a família Páno foi referida na literatura, pelo menos, desde 1888, e de la Grasserie teria sido o primeiro autor a considerar o Páno como uma família lingüística, inicialmente com sete línguas “Pano, Conibo, Pacavara, Caripuna, Culino, Maxuruna, Mayoruna domesticada y Mayoruna Salvaje¹⁸” (Shell, 1985: 16). No trabalho de Shell é possível observar o histórico da classificação da família Páno e as distintas propostas anteriores ao seu trabalho, baseadas, sobretudo, em critérios geográficos e na comparação dos vocabulários disponíveis, para cada língua.

A autora apresenta uma proposta de classificação interna da família Páno, baseada na compilação de McQuown e na primeira comparação sistemática de aspectos da fonologia, morfologia e gramática de algumas línguas da Família Pano, assim como na reconstrução de 512 itens lexicais, realizada pela própria autora. Abaixo reproduzimos o modelo de família apresentada por Shell (1985: 21-24):

Q1	Pano(an) Central	Peru, Brasil
Q1A	Chama(Ycayali)	Peru, Brasil? ¹⁹

¹⁸ Há que se notar que embora a autora afirme que de la Grasserie havia incluído sete línguas nesta família, a mesma cita oito línguas, se consideramos que maxuruna, mayoruna domesticada e mayoruna salvaje são línguas distintas. No entanto, se consideramos que são dialetos de uma mesma língua teríamos então seis línguas. Infelizmente não houve ocasião de consultarmos o original.

¹⁹ Um ponto de interrogação “?”, indica dúvida quanto à extinção ou localização, o sinal † indica línguas extintas, dois pontos de interrogação “??” indicam dúvidas quanto à classificação da categoria. As línguas

Q1Aa	Conibo(an)	
Q1Aa1	Conibo (Cuniba)	Peru (*)
Q1Aa2	Xipibo(an)	
Q1Aa2a	Sinabo(an)	
Q1Aa2aa	Caliseca † ??	Peru
Q1Aa2ab	Sinabo ??	Peru
Q1Aa2b	Manamabobo(an)	Peru
Q1Aa2ba	Manamabobo † ?	Peru
Q1Aa2bb	Manava † ?	Peru
Q1Aa2c	Xipibo	Peru (*)
Q1Aa3	Setebo(an)	
Q1Aa3a	Sensi(an)	
Q1Aa3aa	Casca	Peru
Q1Aa3ab	Runubu	Peru
Q1Aa3ac	Inubu	Peru
Q1Aa3ad	Barbudo	Peru
Q1Aa3ae	Tenti	Peru
Q1Aa3af	Managua ??	Peru
Q1Aa3ag	Sensi	Peru
Q1Aa3b	Panobo(an)	
Q1Aa3ba	Pano	Peru (**)
Q1Aa3bb	Pelado	Peru
Q1Aa3bc	Caxiboyano	Peru
Q1Aa3bd	Panobo	Peru
Q1Aa3be	Manoa	Peru
Q1Aa3c	Setebo	Peru
Q1Ab	Caxibo(an)	
Q1Ab1	Cacataibo	Peru (*)
Q1Ab2	Caxinyo	Peru
Q1Ab3	Runyo	Peru
Q1Ab4	Buninahua	Peru
Q1Ab5	Carapacho † ? ??	Peru
Q1Ab6	Puchanahua	Peru
Q1Ab7	Xirino	Peru
Q1Ab8	Caxibo	Peru (*)
Q1B	Culino (Curina) †	Brasil (**)
Q1C	Capanahua(n)	
Q1Ca	Capanahua	
Q1Ca1	Capanahua	Peru (*)
Q1Ca2	Busquipani	Peru
Q1Cb	Remo(an)	
Q1Cb1	Remo	Peru (** ??)
Q1Cb2	Sacuaia	Brasil
Q1Cc	Maspo(an)	
Q1Cc1	Maspo † ?	Peru
Q1Cc2	Epetineri	Peru

marcadas com um asterisco são as que foram utilizadas pela autora para a reconstrução básica, enquanto as marcadas com dois asteriscos são as que foram obtidas pela autora de fontes mais antigas.

Q1Cd	Cuianaua(n)	
Q1Cd1	Nucuini	Brasil
Q1Cd2	Cuianaua	Brasil
Q1Ce	Niaragua ??	Peru
Q1Cf	Puyamanahua † ?	Peru
Q1D	Amahuaca(n)	Peru, Brasil
Q1Da	Amahuaca	
Q1Da1	Cachinaua(n)	
Q1Da1a	Cachinaua	Brasil (*)
Q1Da1b	Cheminaua	Brasil
Q1Da2	Inuvaqueu	Brasil
Q1Da3	Viuivaqueu	Brasil
Q1Da4	Amahuaca	Peru, Brasil (*)
Q1Db	Pichobo(an)	
Q1Db1	Pichobo	Peru
Q1Db2	Soboibo(an)	
Q1Db2a	Soboibo	Peru
Q1Db2b	Runagua †	Peru
Q1Db3	Mochobo(an)	
Q1Db3a	Mochobo † ?	Peru
Q1Db3b	Comobo † ?	Peru
asl		
Q1E	Pano(an) (Catuquina)	Brasil
Q1Ea	Arara(n)	
Q1Ea1	Arara	Brasil ²⁰
Q1Ea2	Chauanaua	Brasil
Q1Eb	Ararapina	Brasil
Q1Ec	Araraua	Brasil
Q1Ed	Saninaua(n)asil	
Q1Ed1	Saninaua	Brasil
Q1Ed2	Saninauaca	Brasil
Q1Ee	Catuquina	Brasil
Q1F	Pano(an) (Juruá-Purús)	Brasil
Q1Fa	Poianaua	Brasil (**)
Q1Fb	Chipinaua	Brasil
Q1Fc	Aranaua ?? (=Araraua)	Brasil
Q1Fd	Jauavo	Brasil
Q1Fe	Jaminaua	Brasil (**)
Q1Ff	Runanaua †	Brasil
Q1Fg	Contanaua	Brasil
Q1Fh	Jauanaua	Brasil (**)
Q1Fi	Pacanaua	Brasil
Q1Fj	Jumbanaua	Brasil
Q1Fk	Jura	Brasil
Q1Fl	Tuchinaua	Brasil (**)
Q1Fm	Marinaua	Brasil

²⁰ A classificação numérica de MCQuown para o arauá é Q1Ca1, o que a colocaria no grupo capanahua. A numeração é obviamente um erro, o qual se retifica aqui. (Nota da autora)

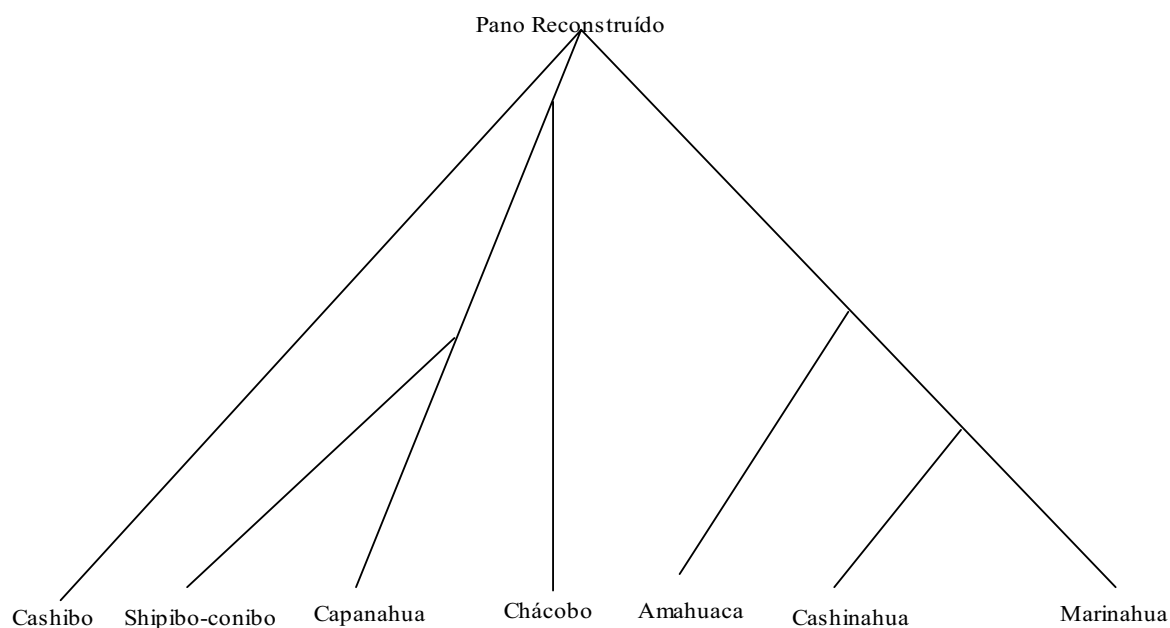
Q1Fn	Espino	Brasil
Q1Fo	Manaua	Peru
Q1Fp	Canamari	Brasil
Q2	Pano(an) (sul-ocidental)	Peru
Q2A	Arazaire † ? (=Arasa)	Peru (**)
Q2B	Atsahuaca(n)	
Q2Ba	Atsahuaca † ?	Peru (**)
Q2Bb	Yamiaca	Peru (**)
Q2C	Arauí ??	Peru
Q3	Pano(an) (sul-oriental)	Brasil, Bolívia
Q3A	Pacaguara(n)	
Q3Aa	Chácobo	Bolívia (*)
Q3Ab	Caripuna(n)	
Q3Ab1	Caripuna	Brasil (**)
Q3Ab2	Jacaria †	Brasil
Q3Ac	Capuibo	Bolívia
Q3Ad	Sinabo (=Gritones)	Bolívia
Q3Ae	Pacaguara	Bolívia, Brasil
? (**)		
Q3B	Zurina ??	Brasil

Há que se observar que Shell reconhece que sua reconstrução não é definitiva, e que ela a denomina como “Pano Reconstruído”, uma vez que sabe da limitação dos dados disponíveis a época. Em suas próprias palavras:

“La reconstrucción no pretende ser la última palabra al respecto. Tal vez futuras investigaciones en los países de Bolivia y Brasil podrían proveer datos para un pano más primitivo que el que podría ser reconstruido tomando como base los presentes datos. Por lo tanto, en este estudio se usa el término “pano reconstruido” (PR) en vez de “proto-pano”, reservando el término más amplio para un uso posterior, aunque no se espera que el “proto-pano” difiera mucho del PR presentado aquí.” (Shell, 1985, 11)

Shell apresenta ainda uma árvore genealógica especulativa para as línguas com as quais ela trabalhou diretamente e a partir desta árvore busca verificar as inovações compartilhadas com outras línguas para as quais, à época, só havia dados “escassos e de valor fonético incerto”. Dessa forma Shell postula ainda um esquema isoglássico estendido.

Figura I: árvore genealógica especulativa da família Pano, segundo Shell (1985)



Além do trabalho de Shell, que utiliza o método histórico-comparativo, há ainda outros trabalhos posteriores, dos quais dois estão baseados em métodos léxico-estatísticos, o de d'Ans (1973) e o de Valenzuela (2003), além de um outro baseado no método histórico-comparativo, que é o de Loos (1999). Temos que observar que os dados referentes às correspondências fonológicas e aos cognatos que embasariam as correspondências não são apresentados em Valenzuela (2003), nem em Loos (1999).

Proposta de Loos (1999)²¹

Languages of the Pano family

The Yaminawa subgroup

1 Yaminawa 500 P, Br

2 Amawaca 200 P

3 Cashinawa/Honikoin 500 P, Br

4 Sharanawa/Shanindawa/Chanindawa/Inonawa/Marinawa 300 P

5 Yawanawa 200 Br

6 Chitonawa 35 P

²¹ Na classificação de Loos, cada língua aparece precedida de um número; quando há vários nomes separados por barras, isso significa que são várias denominações para uma mesma língua ou povo; o número que segue o nome se refere à quantidade de falantes e a sigla que segue este se refere ao país onde é falada a língua: P para Peru, Br para Brasil e Bo para Bolívia.

7 Yoranawa/Nawa/Parquenawa 200 P

8 Moronawa 300 Br

9 Mastanawa 100 P

The Chacobo subgroup

10 Chacobo 400 Bo

11 † Arazaire P

12 † Atsawaca P

13 † Yamiaka P

14 Katukina/Camannawa/Waninnawa 300 Br

15 Pacawara 12 Bo

The Capanawa subgroup

16 Capanawa/Pahenbakebo 400 P

17 Shipibo/Conibo/Xetebo 8.000 P

18 † Remo Br

19 Marubo 400 Br

20 † Wariapano/Panobo/Pano P

21 Isconawa 30 P

22 † Canamari/Taverí/Maitonahã Br

Ungrouped languages

23 Cashibo/Cacataibo/Comabo 100 P

24 † Culino Br

25 † Karipuná Br

26 Kaxariri 100 Br

27 Matses/Mayoruna 2.000 P, Br

28 † Noxamán Br

29 † Poyanáwa Br

30 † Tutxinawa Br

Além das propostas de classificação da família Pano, há ainda uma proposta de agrupamento maior de relações genéticas entre a família Pano e a família Takana,

denominada Pano-Takana (cf. Migliazza: 1988). Esta proposta implicaria em uma maior profundidade no tempo para este agrupamento lingüístico.

Valenzuela (2003:55) observa que as classificações feitas por Shell e D’Ans não incluem dados das línguas pertencentes ao que D’Ans denomina grupo do Norte. Por outro lado, Loos não classifica a língua Mayoruna, que seria pertencente a este grupo do norte.

“Probably the major weakness in Shell’s and D’Ans’ work is the fact that they did not include any language of the Matses / Mayoruna group. However, the peculiar grammatical features observable in the description provided by Kneeland (1979), a few observations in Shell (1975), and the fact that Loos does not include Matses / Mayoruna in any of the groupings above suggest the existence of a separate Northern grouping. According to Erikson et alia, this northern cluster would also comprise Matis, Korubo, Maya, Kulina-Panoan, and other uncontacted groups.” (Valenzuela 2003:55)

3.2. Grupo Mayorúna ou Páno do Norte

O primeiro autor a considerar a existência de um grupo Pano “do Norte” com base em dados lingüísticos foi D’Ans (1973). Este autor incluiu neste subgrupo apenas a língua Mayorúna. Valenzuela (2003) propõe um subgrupo “Northern” e considera a possibilidade de nele incluir as línguas “Matis, Korubo, Maya, Kulina-Panoan, and other uncontacted groups”, com base na classificação etnológica de Erikson (1994). Há ainda um recente trabalho de Fleck e Ferreira (2005ms), em que os autores buscam mostrar evidências lingüísticas para corroborar a hipótese de um subgrupo “Mayoruna”, que inclui as línguas Matsés, Matís, Kulína, Korúbo e Mayá/Quixito, além de outras “languages/dialects spoken by captives living among the Matses”.

3.3. Evidências de proximidade da língua Korúbo com as línguas do grupo Norte da família Pano

O seguinte quadro contém cognatos do Korúbo, do Matís e do Mayorúna e evidencia as semelhanças e diferenças entre o Korúbo e as demais línguas²²:

²² Os dados da língua Matís foram extraídos de Spanghero (2005) e os da língua Mayoruna foram extraídos de Fleck (2005).

Quadro III: Pronomes pessoais ergativos

Glossa	Korúbo	Matís	Mayorúna
1 sg.	/ĩmpi/	/ĩnbi/	/umbi/ ~ /ĩmbi/
2sg.	/mimpi/	/minbi/	/mimbi/
1pl.	/nukmi/	/nuki/	/nuki/

Quadro IV: Pronomes pessoais absolutivos

Glossa	Korúbo	Matís	Mayorúna
1 sg.	/ĩβi/	/ĩbi/	/ubi/ ~ /ĩbi/
2sg.	/miβi/	/mibi/	/mibi/
1pl.	/nukmi/	/nuki/	/nuki/

Quadro V: Pronomes pessoais possessivos

Glossa	Korúbo	Matís	Mayorúna
1 sg.	/nukun/	/nukun/	/kun/
2sg.	/min/	/min/	/min/
3sg.	/awin/	/awin/	/aton/
1pl.	/nukmi/	/nukin/	/nukin/
2pl.	/mitson/	/mitson/	/mitson/

Quadro VI: Termos de parentesco

Português	Korúbo	Matís	Mayorúna
‘pai, irmão do pai’	/mama/	/ma'ma/ ~ /ami/	/pa'pa/ ~ /'pa/ ~ /a'mi/
‘mãe, irmã da mãe’	/tita/	/ti'ta/	/ti'ta/ ~ /'ta/
‘irmão mais velho’	/βotfi/	/bu'tfi/	/bu'tfi/
‘irmão mais novo’	/maʃko/	/maʃ'ku/	/maʃ'ku/
‘irmã mais velha’	/tʃutʃu/	/tʃu'tʃu/	/tʃu'tʃu/ ~ /'tʃu/
‘irmã mais nova’	/tʃiβi/	/tʃi'bi/	/tʃi'bi/
‘avô’	/tʃaiŋo/	/tʃaido/	‘avó /tʃai'do/
		materna’	
‘avó’	/tʃitʃi/	/tʃitʃi/	/tʃi'tʃi/ ~ /'tʃi/
irmã do pai	/natʃi/	/natʃi/ ‘sogra’	/na'tʃi/

‘irmão da mãe’	/koko/	/ku'ku/	
‘irmão da esposa’	/kaniwa/	/kaniwa/	‘cunhado mais novo’
‘marido da irmã’	/lawis/	/dawis/	‘cunhado mais velho’ /da'wis/
‘irmão mais velho do pai’	/miuka/	/amiuka/	‘genro, primo’
‘irmã mais nova do pai’	/tʃaja/		/tʃa'ja/
‘sobrinho’	/piak/	/piak/	/piák/
‘filho’	/βakwi/ /tʃui/	/bakui/	‘sobrinho’
‘filha’	/tʃampi/ /tʃia/	/tʃanpi/	‘menina, moça, mulher’ /tʃampi/
‘neto’	/βaβa/	/baba/	/ba'ba/

Quadro VII: Partes do corpo

‘língua’	/ana/	/ana/	/ana/
‘boca’	/ikma/	/ikʃak/	/ik'bid/ ‘lábio’
‘olho’	/ifi/	/bidu/	/iʃi/
‘sangue’	/inta/	/imi/	/intak/
‘vagina’	/k ^w i/	/kui/	
‘barba’	/k ^w ini/	/kuiʃakete/	/kui'bu/
‘queixo’	/k ^w ixa/	/kuitonko/	
‘joelho’	/Aniʃ/	/danbidu/	/dan'niʃ/
‘buraco do nariz’	/ʃan ʃisat'ʔit/	/diʃin kini/	
‘nariz’	/ʃios/	/diʃin/	/diʃiate/
‘cabeça’	/mapi/	/mapi/	‘cérebro’ /ma'pi/
‘pulso’	/miʃiʃ/	/mikin tiʃuku/	
‘palma da mão’	/mipoko ana/	/mikin ana/	/mi'dante a'na/
‘dedão da mão’	/mipoko maxupa/	/mikin danʃubu/	/mi'dante ma'pipa/
‘dorso da mão’	/mipoko winte/	/mikin kaʃuku/	/mi'dante ka'tʃo/
‘dedo’	/mipoko/	/mikin	diʃan/ ‘dedos da mão’

		/mipuku/	
		‘antebraço’	
‘unha da mão’	/mitxiun/	/mitis/	/mint'sis/
‘umbigo’	/nikut/	/nitsun/	/nik'tsun/
‘buraco da orelha’	/pasatkit/	/papušan kini/	/pa'biate ši'kui/
‘orelha’	/paβifan/	/papušan/	/pa'biate/
‘ombro’	/pimatoko/	/pimatuku/	/pi'suku/ ‘músculo do ombro ou do braço superior’
‘braço’	/pitiʃka/	/piteʃka/ parte do braço que fica entre o ombro e o cotovelo’	/pitiskin/ ‘parte alta do braço’
		/pitiʃika/	
		‘antebraço’	
‘sovaco’	/poloan βakwi/	/pişodo/	/po'do ambu'adkid/
‘barriga’	/pusa/	/puku/ ‘barriga’	/pu'ku/
		/pusa/ ‘estômago’	
‘fígado’	/tak ^w a/	/takua/	/taku'a/ ‘fígado’
‘parte posterior da coxa’	/takpeʃ/	/takpeʃ/	
‘dedão do pé’	/tai maʃupa/		/ta'i ma'pupa/
‘calcanhar’	/ tai tiʃpun/	/tai tsituku/	/ta'i ti'pun/ ‘tendão de aquiles’
‘pé’	/tai/	/tai/	/ta'i/
‘tornozelo’	/taiʃ/		/taiʃ/
‘bochecha’	/tanite/	/takpeʃ/	
‘unha do pé’	/tatʃiun/		/tantsis/
‘pescoço’	/tiktun/	/titun/	
‘pomo de adão’	/tios/	/tios/	/ti'on/ ‘noz da garganta’
			/ti'bidi/

‘ânus’	/tsiβen/	/pui kini/ /tsiben/ ‘útero’	/tsiben/ ~ /tsien/ ‘vulva’
‘nádegas’	/tʃiʃoko/	/tʃiʃuku/ ‘nádegas’	/tʃiʃuku/ ‘músculos do traseiro’
‘escroto’	/uβu/	/ubu/	/u'bu/
‘cabelo’	/βu/	/bu/ ‘pêlo, forma genérica’	/bu/
‘pulmão’	/βukʃan/	/bukʃan/	/buʃka/ ‘soprar’
‘testa’	/βumanan/	/bimanan/	
‘coração’	/winte/	/uinte/	/uin'te/
‘costas’	/winte/	/kaʃuku/	
‘canela’	/wipoko/	/uipuku/ ‘perna’	/ui'pu/ ‘perna inferior’
‘penteelho’	/ʃani/		/ʃa'bu/ ‘pêlo pubiano’
‘virilha’	/ʃaβi/	/ʃabed/ ‘virilha de homem’	
‘dente’	/ʃita/	/ʃita/	/ʃi'ta/
‘peito’	/ʃiktun/		/ʃik'tun/ ‘músculos do peito’
‘pêlo do peito’	/ʃikβu/	/ʃiʃakete/	
‘pênis’	/ʃui/	/ʃui/	/ʃu'i/
‘bico do peito’	/ʃuma/	/ʃuma/ ‘peito’	/ʃu'ma/ ‘seio, teta, mamilo, tetinha. Músculos do peito’

Uma comparação dos dados do Korúbo com o Matís e o Mayorúna, em uma perspectiva histórico-comparativa encontra-se em progresso por Oliveira, Rodrigues e Cabral e revela correspondências como Ko *k* : Ma *k* : Mt *k*; Ko *β* : Ma *b* : Mt *b*; Ko *ʃ* : Ma *d* : Mt *d*, as quais fundamentam um diagnóstico de que o Korúbo é uma língua independente das demais. Ressaltamos ainda que apenas a língua Korúbo apresenta a alofonia [k] ~ [ʔ] em ambiente intervocálico.

3.4. Considerações finais

Os dados do Korúbo apresentados neste capítulo são indicações de que o Korúbo deve ser incluído no grupo Norte da família Pano proposto por D'Ans (1973) e expandido por Valenzuela (2003) e por Fleck e Ferreira (2005). Os dados indicam também que o Korúbo é uma língua independente. Embora o estudo comparativo de dados das línguas Korúbo, Matis e Mayorúna ainda esteja em andamento (cf. Oliveira, Rodrigues e Cabral), o quadro contendo dados das três línguas, apresentado neste capítulo, indicam claramente que, em termos lexicais e fonéticos, o Korúbo apresenta peculiaridades não compartilhadas pelas línguas do grupo Norte (ver também capítulos IV e V).

4. Fonética da língua Korubo

Neste capítulo apresentamos os resultados de uma primeira análise fonética da língua Korúbo, com base em princípios e técnicas de análise lingüística descritiva das propriedades físico-articulatórias dos sons e de sua produção, que são próprias à descrição básica dos fones de uma língua e imprescindíveis à descrição do seu sistema fonológico. Dentre os princípios que regem este estudo destaca-se o de que lidamos com sons produzidos e percebidos por seres humanos que detêm o conhecimento da linguagem e não com sons puros e simples (cf. Halle e Clements 1983:1). Este estudo tem, assim, como objetivo fundamentar uma análise fonológica da língua Korúbo, para a qual busca detalhar ao máximo as características fonéticas dos seus segmentos, seguindo Ladefoged (1974:1), para quem “...uma teoria fonológica deve ser capaz de especificar todos os eventos fonéticos em uma língua.” Embora, como já explicitado no início desta dissertação, trate-se de uma primeira análise de uma língua falada por indígenas monolíngües, junto aos quais a coleta de dados tem sido limitada em vários aspectos, inclusive pela própria situação de contato recente em que vivem, procuramos reunir dados relevantes que forneçam uma amostragem representativa dos principais sons da língua Korúbo. Temos em mente não apenas contribuir para a descrição dos sons da língua Korúbo, mas também reunir dados que mostrem em que esta língua difere das demais línguas da família Pano. Como diz Ladefoged:

...a phonetic theory must be capable of distinguishing not only all contrasts that occur within a language, but also all the phonetic events that characterize one language as different from another. (Ladefoged, 1974, p. 45)

O estudo descreve os sons considerando-os com respeito ao modo pelo qual são produzidos, à área ou ponto da cavidade bucal em que se dá a sua produção, a posição do véu palatino (levantado ou abaixado) durante esse processo, assim como outros detalhes articulatórios envolvidos na produção desses sons e que os diferenciam uns dos outros. São descritas, assim, as propriedades articulatórias de cada som, as situações em que ocorrem consideradas a sua posição na sílaba e na palavra, os sons adjacentes e as propriedades prosódicas que restringem sua ocorrência.

4.1. Descrição fonética

Identificamos até o presente 50 fones na língua Korúbo, dentre os quais 16 vogais e 34 consoantes.

4.1.1. Descrição das características articulatórias das consoantes e de seus respectivos ambientes de ocorrência

Quadro VIII: quadro sinótico das consoantes, segundo suas principais características articulatórias							
	labial	alveolar	álveo-palatal	palatal	álveo-palatal retroflexa	velar	glotal
Oclusivas							
Surdas	p p'	t t' t ^j				k k ^w	? ? ^w
Sonoras						g g ^w	
Africadas							
Surdas		ts	tʃ		tʂ ²³		
Sonoras							
Nasais							
Sonoras	m	n					
Fricativas							
Surdas	ɸ	s s ^j	ʃ		ʂ		
Sonoras	β	z	ʒ				
Fricativas laterais							
Surdas		ɬ	ɮ ²⁴				
Sonoras		ɮ̣ ṛ nḍl					
Laterais							
Sonoras		l					
Flepes							
Sonoros		r					
Aproximantes	w			j j̣			

²³ Não há um símbolo que represente a fricativa e a africada alveo-palatal retroflexa, de forma que utilizamos o símbolo para a fricativa e a africada alveolar retroflexa, as quais inexistem nesta língua.

²⁴ Utilizamos o símbolo para a lateral alveo-palatal, por não haver símbolos ou diacríticos que pudessem representar especificamente a fricativa lateral alveo-palatal.

4.1.1.1. Oclusivas

[p] oclusiva bilabial surda explodida, ocorre em margem inicial de sílaba:

[piʃ'tɛn]	‘macaco sawi’
[pit'ʔit]	‘vermelho’
[paβiʃɛn]	‘orelha’
[pa'wa]	‘colher’
[wipʊ'ʔʊ]	‘canela’
[tipi'sɛ]	‘peidar’
[i'pu]	‘peixe’
[tʃɛm'pi]	‘menina’
[ʃa'pʊ]	‘esp. de algodão’
[ma'pi]	‘cabeça’

[p̚] Oclusiva bilabial surda não-explodida, ocorre em margem final de sílaba:

[tawiɛn'ɫap̚]	‘quente’
[tʃimu'rap̚]	‘azedo’
[tʃutu'rap̚]	‘não presta’
[imit'tap̚]	‘está escuro’

[t] oclusiva alveolar surda oral, ocorre em margem inicial de sílaba:

[ti'ta]	‘mãe’
[ta'wa]	‘flecha’
[ta'ʔ ^w a]	‘estômago’
[atiʃo'ne]	‘espirrar’
[waʃte'ʔit]	‘casa’
[βesʔa'te]	‘vassoura’
[waʔ'tɔ]	‘coati vermelho’

[t̥] oclusiva alveolar surda não-explodida, ocorre quando seguida de outra consoante ou em final de palavra:

Seguida de outra consoante:

[kut̥ʔai]	‘comer’
[wi'wa kut̥ʔa'nɛ]	‘o cachorro morde’

Em final de palavra:

[a'wat̥]	‘anta’
[i'wi ni'kit̥]	‘esp. de mel’
[ma'nat̥]	‘açai’
[mɛn̥'kit̥]	‘mandioca’
[kʷɛ̃j̃'nat̥]	‘pupunha’
[waɣte'ʔit̥]	‘casa’

[t̥ʰ] oclusiva alveolar surda oral palatalizada.

Este é o único exemplo com este som, encontrado até o presente.

[mi't̥ʰɯn]	‘dedo’
------------	--------

[k] oclusiva velar surda oral, ocorre em margem inicial de sílaba:

[koʎo'kit̥]	‘macaco barrigudo’
[ka'nõ]	‘zarabatana’
[pasat̥'kit̥]	‘buraco da orelha’
[kwaka'ma]	‘não ouvi’
[ne'kit̥]	‘ele, esse’
[βa'kūn]	‘esp. de mel’
[wa'ka]	‘água’

[tēke'le]	‘panela’
[tʃa'ki]	‘pirarucu’
[wē'ka]	‘nome próprio masculino’

[g] oclusiva velar sonora oral, ocorre em margem inicial de sílaba interna, em ambiente nasal:

[kēigaʃugun]
[ʃajsaregunõ]

Esses dados, para os quais não foi possível até o presente fazer uma tradução precisa, foram extraídos de falas rápidas.

[ʔ] oclusiva glotal, ocorre em margem final e margem inicial de sílaba:

[koʎo'ʔit']	‘macaco barrigudo’
[ʔa'nõ]	‘zarabatana’
[pasat'ʔit']	‘buraco da orelha’
[kwaʔa'ma]	‘não ouvi’
[ne'ʔit']	‘ele, esse’
[βa'ʔün]	‘esp. de mel’
[wa'ʔa]	‘água’
[tēʔe'le]	‘panela’
[tʃa'ʔi]	‘pirarucu’
[wē'ʔa]	‘nome próprio masculino’
[pi'a]	‘arco’
[ni'tsiʔ]	‘perto’
[nuʔ'mi]	‘nós’
[ta'βēn]	‘nome próprio masculino’

[k^w] oclusiva velar surda labializada, ocorre em margem inicial de sílaba:

[k ^w i]	‘vagina’
[k ^w ẽ]	‘ir’
[k ^w ẽn'ta]	‘sai!’
[k ^w i'ta ʔi'te]	‘queixo’
[k ^w aʔin]	‘fumaça’
[k ^w iβu]	‘jacamim’
[k ^w ẽʔnat]	‘pupunha’
[iʔi k ^w i'ma]	‘sobrancelha’
[tak ^w a]	‘figado’
[βa'k ^w i]	‘menino’
[βak ^w a]	‘banana’
[pik ^w in]	‘nome próprio (masc.)’

[g^w] oclusiva velar sonora labializada oral, ocorre em margem inicial de sílaba, em ambiente intervocálico nasal:

[ti'pu'rõ 'g ^w es]	‘ombro’
-------------------------------	---------

[ʔ^w] oclusiva glotal labializada, ocorre em margem inicial de sílaba:

[ʔ ^w i]	‘vagina’
[ʔ ^w ẽ]	‘ir’
[ʔ ^w ẽn'ta]	‘sai!’
[ʔ ^w i'ta ʔi'te]	‘queixo’
[ʔ ^w aʔin]	‘fumaça’
[ʔ ^w iβu]	‘jacamim’
[ʔ ^w ẽʔnat]	‘pupunha’
[iʔi ʔ ^w i'ma]	‘sobrancelha’
[ta'ʔ ^w a]	‘figado’

[βa'ɾ ^w i]	‘menino’
[βa'ɾ ^w a]	‘banana’
[piɾ ^w in]	‘nome próprio (masc.)’

4.1.1.2. Africadas

[ts] africada alveolar surda, ocorre em margem inicial de sílaba:

[tsa'wa]	‘melancia’
[tsusiβo]	‘velho’
[tsa'ta]	‘sente-se!’
[ma'tsɛs]	‘mulher’
[mi'tsõn]	‘de vocês’
[wi'tsũ]	‘braçadeira’
[tsi'tsɛn]	‘cesto’

[tʃ] africada palatal surda, ocorre em margem inicial de sílaba:

[tʃɔta]	‘outro’
[tʃiβi]	‘irmã mais nova’
[tʃua'na]	‘colar’
[əβi tʃiɾe'ʃɛ]	‘eu estou com preguiça’
[iβi tʃonoa'ɫɛ]	‘eu trabalho’
[ɛntʃiʃ'te]	‘cana-de-açúcar’
[iβi ɫatʃo'ɾɛ]	‘eu tomo banho/estou tomando banho’
[ma'tʃɔ]	‘velha’
[kɛntʃo]	‘caranguejo’

[tʂ] africada palatal surda retroflexa ocorre em margem inicial de sílaba:

[tʂuʂut']	‘suor’
-----------	--------

4.1.1.3. Nasais

[m] oclusiva bilabial sonora nasal, ocorre em margem inicial de sílaba:

[mamō]	‘breu’
[mitsōn]	‘de vocês’
[ma'nis]	‘nome próprio (fem.)’
[əβi mami'nɛ]	‘eu estou sorrindo’
[najmi'ɫaf]	‘acabou’
[ka'mūn]	‘onça’
[ʃu'ma]	‘peito’

Ocorre, ainda, em margem final de sílaba, quando seguida de uma consoante oclusiva bilabial:

[ĩm'pi]	‘eu (erg.)’
[tʃẽm'pi]	‘menina’

[n] oclusiva alveolar sonora nasal, ocorre em margem inicial e final de sílaba:

[nuʔu'nã]	‘meu’
[nuʔ'mi]	‘nosso’
[ni'ʃɔ]	‘tracajá’
[ĩn'ta]	‘sangue’
[ẽntʃi'ʃte]	‘cana-de-açúcar’
[kɔna'ɫɛ'tɛ]	‘alça do porta dardos’
[kẽntʃo]	‘caranguejo’
[ʔa'nō]	‘zarabatana’
[ma'pi ni'nɛ]	‘a cabeça dói’
[awa'ĩn]	‘anta (erg.)’
[mitsōn]	‘de vocês’
[ʃi'ta 'manɛn]	‘gengiva’
[pʊ'sĩn]	‘preguiça’

4.1.1.4. Fricativas

[ɸ] fricativa bilabial surda, ocorre em margem inicial de sílaba inicial de palavras:

[ɸɔ'ʔa]	‘esp. de quati’
[ɸa'wa]	‘esp. de pássaro’
[ɸa'ʔ ^w a]	‘esp. de banana’
[ɸa'i]	‘caminho’
[ɸu]	‘cabelo’

[β] fricativa bilabial sonora, ocorre em margem inicial de sílaba:

[βa'i]	‘caminho’
[βu]	‘cabelo’
[βɔ'ʔa]	‘esp. de quati’
[βa'wa]	‘esp. de pássaro’
[βa'ʔ ^w a]	‘esp. de banana’
[paβu'ʔũn]	‘veado’
[iββẽn'te]	‘tipo de porrete’
[a'βi]	‘existe’
[ta'ʔβẽn]	‘nome próprio masculino’
[a'βu]	‘céu’

[s] fricativa alveolar surda, ocorre em margem inicial e margem final de sílaba:

[seat'βo]	‘nome próprio masculino’
[mis'ʔẽn]	‘lenha’
[pusinĩn]	‘preguiça (erg.)’
[masɔ'ʔɔ]	‘esp. de macaco’
[wajsa'raf]	‘amanhã’
[ta'son]	‘caneco’
[hi'ɔs]	‘nariz’

[pʊˈsĩn] ‘preguiça’

[z] fricativa alveolar sonora, ocorre em margem inicial de sílaba, em ambiente intervocálico. Este exemplo foi retirado de uma narrativa e não foi possível uma tradução para ele:

[pazɛ nomi]

[sʲ] fricativa alveolar surda palatalizada, ocorre em margem inicial de sílaba acentuada, quando precedida de vogal anterior alta e seguida de vogal anterior baixa:

[tipiˈsʲɛ] ‘peidar’

[ʃ] fricativa álveo-palatal surda, ocorre em margem inicial e margem final de sílaba:

[ʃaˈi]	‘tamanduá’
[ʃanaˈna]	‘folha’
[ʃiʔˈtɔn]	‘peito’
[ʔɔʃˈtĩn]	‘mutum’
[maʃˈpa]	‘tipo de panela’
[ˈuʃ]	‘durma’
[maʃiˈtɛ]	‘chapéu’
[tʃiˈʃoʔo]	‘nádegas’
[niˈʃɔ]	‘tracajá’
[βitiˈʃɛ]	‘cortar cabelo (não a franja)’
[pɔˈʃɔ]	‘espinho’

[ʒ] fricativa álveo-palatal sonora, ocorre em margem inicial em dois exemplos:

[ʒaˈi]	‘tamanduá’
[niˈʒɔ]	‘tracajá’

[ʂ] fricativa álveo-palatal retroflexa surda, ocorre em margem inicial e final de sílaba:

[ʃu'ma]	‘bico do peito’
[ʃu'i]	‘pênis’
[ʃi'ta]	‘dente’
[mi'ʎiʃ]	‘pulso’
[piʃ'βu]	‘pêlo’
[ta'ʎiʃ]	‘parte do tornozelo’
[ta'ʎiʃ]	parte do tornozelo’
[ʎaniʃ]	‘joelho’

4.1.1.5. Fricativas laterais:

[ɮ] fricativa lateral alveolar surda ocorre em margem inicial de sílaba:

[ɮi]	‘rede’
[tə'ɮinē nd ɮa]	‘não pega’
[tə'ɮin'ta]	‘pega!’
[nuβa'ɮeʔ]	‘feder’
[ɮu'ɮ]	‘fogo’
[im'pi ɮala'waj]	‘eu escrevo’
[ɮa'ɮa]	‘homem’

[ɮ̃] fricativa lateral vibrante alveolar sonora, ocorre em margem inicial de sílaba:

[tə ^r ɮ̃lõn]	‘esp. de pica-pau’
[pə ^r ɮ̃lõ]	‘remo’
[wa ^r ɮ̃la]	‘mamão’

[ɮ̥] fricativa lateral palatal surda, ocorre em margem inicial de sílaba:

[ʎi]	‘rede’
[təʎine nd ʎa]	‘não pega’
[təʎin'ta]	‘pega!’
[nuava'ʎeʔ]	‘feder’

[ndʎ] fricativa lateral com on-glide oclusivo alveolar sonoro pré-nasalizado, ocorre em margem inicial de sílaba seguindo sílaba com fonema nasal:

[təʎine nd ʎa]	‘não pega’
[mife nd ʎa]	‘não mexa!’

[ʎ] fricativa lateral alveo-palatal sonora, ocorre em margem inicial de sílaba:

[ʎuĩ]	‘fogo’
[ĩm'pi ʎaʎa'waj]	‘eu escrevo’
[ʎaʎa]	‘homem’
[ʎa'la]	‘homem’

4.1.1.6. Laterais

[l] lateral alveolar sonora, ocorre em margem inicial de sílaba:

[tə'lõn]	‘esp. de pica-pau’
[pɔ'lõ]	‘remo’
[wa'la]	‘mamão’
[tẽke'le set'kit']	‘panela branca’
[wejsa'laʃ]	‘amanhã’
[ni'βi i'βi tʃonoa'lɛ]	‘hoje eu trabalho’

4.1.1.7. Aproximantes:

[r] flepe alveolar sonoro oral, só ocorre entre vogais:

[têke're set'ʔit']	‘panela branca’
[niβi iβi tʃonoa're]	‘hoje eu trabalho’
[wajsa'raj]	‘amanhã’

[w] aproximante bilabial sonora oral, ocorre em margem inicial de sílaba:

[wi'ɔ]	‘nome próprio fem.’
[wa'ʔa]	‘mamão’
[pa'wa]	‘colher’
[ʔawis]	‘cunhado (marido da irmã)’
[ʔa'wi]	‘remédio’

[j] aproximante palatal sonora oral, ocorre em margem inicial e final de sílaba:

[tʃuj'ta]	‘diga!’
[ma'ju]	‘etnia indígena não-identificada’
[ʔe'jo]	‘nome próprio masc.’
[ma'ja]	‘nome próprio fem.’

[ŋ] aproximante palatal sonora nasal, ocorre em final de sílaba precedendo fonema nasal:

[k ^w ẽj'nat']	‘pupunha’
--------------------------	-----------

4.1.2. Descrição das características articulatórias das vogais e de seus respectivos ambientes de ocorrência

4.1.2.1. Vogais orais:

Quadro IX: Quadro sinótico das vogais orais segundo suas principais características articulatórias

	Anteriores	Centrais	Posteriores
Altas			
fechadas	[i]	[ɨ]	[u]
abertas			[ʊ]
Médias			
fechadas	[e]	[ə]	[o]
abertas	[ɛ]		[ɔ]
Baixas			
abertas		[a]	

4.1.2.1.1. Anteriores:

[i] anterior alta não-arredondada, ocorre como núcleo de sílabas iniciais, mediais e finais, acentuadas e não-acentuadas:

[i'wa]	‘muito’
[wi'wa]	‘cachorro’
[tipi's'ɛ]	‘peidar’
[iβi]	‘eu (abs.)’
[i'wi]	‘árvore, madeira’

[e] anterior média fechada não-arredondada, ocorre como núcleo de sílabas iniciais, mediais e finais acentuadas e não-acentuadas:

[ne'ʔit']	‘esse, ele’
[βesʔa'te]	‘vassoura’
[tat'ne'te]	‘bochecha’

[maɫɛβo]	‘nome próprio masc.’
[tsa'tɛ]	‘banco’
[õkɛ'tɛ]	‘língua, idioma’
[nakũn'tɛ]	‘veneno’
[tʃiʔ'neʃ]	‘jacamim’
[pe'ʔɔ]	‘vaga-lume’
[to'sɛ]	‘nome próprio fem.’
[ma'tsɛs]	‘mulher’
[mami'ne]	‘sorrir, dar risada, brincar’
[ʃaβɛ]	‘virilha’

[ɛ] anterior média aberta não-arredondada, ocorre como núcleo de sílabas iniciais, mediais e finais, acentuadas e não-acentuadas:

[nɛ'ʔitʔ]	‘esse, ele’
[βɛsʔa'tɛ]	‘vassoura’
[tat'nɛ'tɛ]	‘bochecha’
[maɫɛβo]	‘nome próprio masc.’
[tsa'tɛ]	‘banco’
[õkɛ'tɛ]	‘língua, idioma’
[nakuntɛ]	‘veneno’
[tʃiʔ'neʃ]	‘jacamim’
[pe'ʔɔ]	‘vaga-lume’
[to'sɛ]	‘nome próprio fem.’
[ma'tsɛs]	‘mulher’
[mami'ne]	‘sorrir, dar risada, brincar’
[ʃaβɛ]	‘virilha’

4.1.2.1.2. Centrais:

[i] central alta não-arredondada, ocorre como núcleo de sílabas iniciais, mediais e finais acentuadas e não-acentuadas:

[pɨ'tɨʔa]	‘braço’
[ʂɨ'ta]	‘dente’
[paβɨ'ʃɛn]	‘orelha’
[maʃɨ'tɛ]	‘chapéu’
[tʃa'ki]	‘pirarucu’
[i'mɨt']	‘escuro’
[ɫa'wis]	‘cunhado’
[mi'ɫɨʃ]	‘pulso’
[i'βɨ]	‘eu (abs.)’

[ə] central média fechada não-arredondada, ocorre como núcleo de sílabas iniciais e finais, acentuadas e não-acentuadas:

[əβɨ]	‘eu (abs.)’
[pə'tɨʔa]	‘braço’
[ʂə'ta]	‘dente’
[paβə'ʃɛn]	‘orelha’
[maʃə'tɛ]	‘chapéu’
[tʃa'kə]	‘pirarucu’
[i'mət']	‘escuro’
[ɫa'wəs]	‘cunhado’
[mi'ɫəʃ]	‘pulso’
[əβɨ]	‘eu (abs.)’

[a] central baixa não-arredondada, ocorre como núcleo de sílabas iniciais, mediais e finais, acentuadas e não-acentuadas:

[a'wat']	‘anta’
[ɫa'ɫa]	‘homem’
[pa'wa]	‘colher’

[paβiʃɛ̃n]	‘orelha’
[mĩ ^m pi ʔala'waj]	‘você escreve’
[tɔli'a]	‘arara’
[ʃa'ni]	‘pêlos pubianos’
[a'jaʃ]	‘esp. de cipó’

4.1.2.1.3. Posteriores:

[u] posterior alta fechada arredondada, ocorre como núcleo de sílabas iniciais, mediais e finais, acentuadas e não-acentuadas de palavra:

['u]	‘lá’
[ʃu'ma]	‘peito’
[u'ʃɛ]	‘dormir’
[βiʃu'ʔu]	‘macaco prego’
[neʔu'ɛ]	‘cozinhar’
[a'βu]	‘céu’
[ʔuʔʃu]	‘irmã mais velha’
[ma'tsu]	‘esp. de panela de barro’
[u'βu]	‘testículos’
[i'pu]	‘peixe (gen.)’

[ʊ] posterior alta aberta arredondada, ocorre como núcleo de sílabas mediais e finais, acentuadas e não-acentuadas:

['ʊ]	‘lá’
[ʃʊ'ma]	‘peito’
[ʊ'ʃɛ]	‘dormir’
[βiʃu'ʔu]	‘macaco prego’
[neʔʊ'ɛ]	‘cozinhar’
[a'βʊ]	‘céu’
[ʔʊʔʃʊ]	‘irmã mais velha’
[ma'tʃʊ]	‘esp. de panela de barro’

[ʊβo]	‘testículos’
[i'pʊ]	‘peixe (gen.)’

[o] posterior média fechada arredondada, ocorre como núcleo de sílabas iniciais, mediais e finais, acentuadas e não-acentuadas:

[to'se]	‘nome próprio (fem.)’
[to'fi]	‘nome próprio (fem.)’
[poɫo'nɛ]	‘correr na caçada’
[to'ʃo]	‘tosse’
[maso'ʔo]	‘esp. de macaco’
[ʰi'os]	‘nariz’

[ɔ] posterior média aberta arredondada, ocorre como núcleo de sílabas iniciais, mediais e finais, acentuadas e não-acentuadas:

[tɔ'se]	‘nome próprio (fem.)’
[tɔ'fi]	‘nome próprio (fem.)’
[pɔɫɔ'nɛ]	‘correr na caçada’
[tɔ'ʃɔ]	‘tosse’
[masɔ'ʔɔ]	‘esp. de macaco’
[ʰi'ɔs]	‘nariz’

4.1.2.2. Vogais nasais:

Quadro X: Quadro sinótico das vogais nasais segundo suas principais características articulatórias

	Anteriores	Centrais	Posteriores
Altas			
fechadas	[ĩ]	[ĩ]	[ũ]
Médias			
fechadas	[ẽ]		[õ]
Baixas			
fechadas		[ɛ̃]	
abertas			

4.1.2.2.1. Anteriores:

[ĩ] anterior alta não-arredondada nasal, ocorre como núcleo de sílabas iniciais, mediais e finais, acentuadas e não acentuadas:

[wĩ'tɛ]	‘coração, costas’
[ĩn'ta]	‘sangue’
[mĩmpi]	‘você (erg.)’
[βifĩn'tɛ]	‘porta dardos de bambu’
[təĩn'ta]	‘segura’
[ʃuiβi]	‘caba’
[iβi wĩ'nɛ]	‘eu choro’
[k ^w i'nĩ]	‘barba’

[ẽ] anterior média fechada não-arredondada nasal, ocorre como núcleo de sílabas iniciais, mediais e finais, acentuadas e não-acentuadas:

[k ^w ẽj'nat']	‘pupunha’
--------------------------	-----------

[winẽ ^{ndĩ} ʒa]	‘não chore (proibitivo)’
[têkeʔe]	‘panela de metal’
[iβi aβaɛ'mẽn]	‘eu não corro, não estou correndo’
[aʔe'mẽn]	‘não estou tomando (água)’
[iβi uʃe'mẽn]	‘eu não vou dormir’

4.1.2.2.2. Centrais:

[ĩ] central alta não-arredondada nasal, ocorre como núcleo de sílabas iniciais e finais, acentuadas e não acentuadas:

[ĩm'pi]	‘eu (erg.)’
[ti'fin]	‘jacaré’

[ẽ] central baixa fechada não-arredondada nasal, ocorre como núcleo de sílabas iniciais e finais, acentuadas e não-acentuadas:

[mẽ'kit']	‘mandioca’
[k ^w ẽ ⁿ ta]	‘vai! saia!’
[k ^w ejsẽn'te]	‘facão’
[piʃtãn]	‘macaco saui’
[taʔβã]	‘nome próprio (masc.)’
[ẽn'tion]	‘panturrilha’
[paβiʃẽn]	‘orelha’
[ʃi'ta mẽ'nẽn]	‘gengiva’
[mis'ʔẽn]	‘lenha’

4.1.2.2.3. Posteriores:

[ũ] posterior alta arredondada nasal, ocorre como núcleo de sílabas mediais e finais, acentuadas e não-acentuadas:

[ũkín]	‘porco do mato’
[nurũn'kɛ]	‘ronco forte’
[nakũn'te]	‘veneno’
[mi't'ũ]	‘dedo’
[k ^w iβũ βa'ʔ ^w i]	‘filhote de jacamim’
[ɦ'ũn]	‘corrimento nasal’
[ʃi'ʔtũn]	‘bico do peito’
[wi'tsũ ⁿ]	‘braçadeira’

[õ] anterior média arredondada nasal, ocorre como núcleo de sílabas iniciais, mediais e finais, acentuadas e não-acentuadas:

[õ'ke]	‘conversar’
[ʃɔʔõ'kɛ]	‘ronco fraco’
[mitsõ ⁿ]	‘de vocês’

4.2. Considerações finais

Dos dados analisados neste capítulo foram depreendidos 34 fones consonantais, 10 fones vocálicos orais e 6 nasais. Dos consonantais, 11 são oclusivos, 3 africados, 2 oclusivos nasais, 8 fricativos, 5 fricativos laterais, 1 lateral, 1 flepe e 3 aproximantes. Dos fones encontrados em Korúbo, alguns são pouco comuns em línguas da região, como o fricativo lateral vibrante sonoro e o fricativo lateral com on-glide oclusivo alveolar sonoro pré-nasalizado. Outro som pouco comum nas línguas da região e que é encontrado em Korúbo é o oclusivo glotal labializado. Não ocorrem em margem final de sílaba os fones africados, os oclusivos surdos explodidos, os labializados, os fricativos sonoros, o aproximante labial, os laterais e o flepe. A análise contrastiva e distribucional dos sons analisados neste capítulo será desenvolvida no capítulo seguinte.

5. Análise fonológica

5.1. Introdução

Neste capítulo apresentaremos uma análise fonológica da língua Korúbo, com vistas à identificação dos sons distintivos da língua, das variantes posicionais e das variantes livres desses sons, assim como com o objetivo de descrever alguns dos processos fonológicos que afetam os sons da língua Korúbo, algumas de suas restrições fonotáticas e aspectos de sua estrutura silábica e de seu padrão acentual.

5.2 Algumas considerações sobre os pressupostos teóricos que guiam o presente estudo

“...toda teoria lingüística e os métodos de trabalho do lingüista repousam, necessariamente, sobre a experiência que se vai adquirindo com as línguas e, como estas são diferentes, a experiência será mais completa, quanto maior for o número de línguas conhecidas.” (Rodrigues, 1966:4-5)

Segundo Dryer (2006), a melhor teoria para se descrever uma língua é a que vem sendo chamada de “Teoria Lingüística Básica”, uma teoria informal, desenvolvida principalmente dentro dos métodos estruturalistas, em perspectivas tipológicas e funcionais, mas que se alimenta direta ou indiretamente de várias fontes teóricas. Em suas palavras:

“Unlike many theoretical frameworks in linguistics, which are often ephemeral and pass quickly into obsolescence, basic linguistic theory is a cumulative framework that has slowly developed over the past century as linguists have learned how to describe languages better. It is grounded in traditional grammar and can be seen as having evolved out of traditional grammar. It has also been heavily influenced by pre-generative structuralist traditions, particularly in emphasizing the need to describe each language in its own terms, rather than imposing on individual languages concepts whose primary motivation comes from other languages, in contrast to traditional grammar and many recent theoretical frameworks. It has taken analytic techniques from structuralist traditions, particularly in the areas of phonology and morphology. But it also contrasts with work that is more

purely structuralist in attempting to describe languages in a more user-friendly fashion, in including semantic considerations in its analyses, and in employing terminology that has been used for similar phenomena in other languages.”

(Dryer, <http://linguistics.buffalo.edu/people/faculty/dryer/dryer/blt>)

Ainda segundo Dryer, esta teoria é utilizada principalmente, mas não exclusivamente, em trabalhos tipológicos, históricos, descritivos e funcionais, e é uma alternativa aos trabalhos formalistas desenvolvidos como teorias explanatórias da linguagem. Esta diferenciação entre teoria descritiva e explanatória é tomada por Dryer (2006) como uma diferenciação entre uma “teoria sobre como as línguas são” e uma “teoria do porque as línguas são com são”.

A justificativa para o uso de métodos e teorias estruturalistas ou funcionalistas repousa, muitas vezes, sobre o argumento de que a) estes são os instrumentos mais adequados para a descrição de línguas que não foram ainda objeto de estudos lingüísticos e b) possuem orientação prática, o que pode ser lido nas palavras de Liu Ngar-Fun (1994) sobre os estudos descritivos fonológicos:

“Phonemic phonology became important because it provided a descriptive account of dialects and languages that had never been transcribed before (Clark & Yallop 1990, p. 331) and it derives its greatest strength from its practical orientation which has proved to be beneficial to language teaching and learning.”

Chomsky (1964), em seu clássico artigo “Current Issues in Linguistic Theory”, argumentava contra o uso de métodos estruturalistas clássicos, principalmente o conceito clássico de fonema, sobre o qual opina que não retrata a realidade da linguagem. No entanto, uma série de estudos sobre aspectos distintos da fala, como aquisição, percepção e mudança lingüística, por exemplo os de autoria de Beckman (2003), Feng e Hansen (2006), Matějka *et all* (2004), Mwihiaki (2005). Feng e Hansen (2008), demonstram que um conceito estruturalista como o de fonema pode ser útil não só na descrição distribucional da língua, mas de vários outros fenômenos relacionados, como percepção e aquisição de fala.

Dryer (2009) ressalta que a fonologia dentro da Teoria Lingüística Básica é também influenciada por muitas outras correntes teóricas, além do estruturalismo

clássico, mas tem como premissa básica a importância do conceito de fonema, sobre o qual diz:

“The concept of the phoneme is probably the most central phonological concept in basic linguistic theory: identifying the phonemes in a language remains the most fundamental task in describing the phonology of a language”.

O presente estudo é uma descrição fonológica básica de uma língua ainda desconhecida, falada por pessoas monolíngües, conhecidas como índios Korúbo, de contato restrito e recente com não índios. A primeira abordagem lingüística desta língua não poderia ser outra senão uma descrição física dos seus sons e como eles se estruturam e funcionam nessa língua (cf. Hyman 1975:2). O estudo serve-se do conceito de fonema, enquanto unidade fonológica distintiva (Trubetzkoy 1939:10, Swadesh 1934), assim como dos conceitos de traços distintivos (cf. Jakobson at al. 1942, Jakobson and Halle 1956, Halle e Clements 1992). A função distintiva dos fonemas da língua Korúbo é checada por meio de pares mínimos e também pares análogos, já que não podemos contar só com os primeiros, inclusive pelas limitações impostas ao trabalho de coleta de dados junto a indígenas monolíngües de contato recente. Como bem observou Hocket (1955:212), “minimal pairs are the analyst’s delight, and he seeks them whenever there is any hope of finding them”. A análise fonológica aqui desenvolvida seguiu os procedimentos analíticos pautados na distribuição complementar de segmentos sonoros que correspondem à realização fonética das unidades distintivas da língua. Embora a análise seja guiada por relações privativas entre fonemas e alofones, considera que mudanças lingüísticas em processo podem resultar em superposições sincrônicas, devendo estas serem descritas como fenômenos diferenciados.

5.3. Demonstrando contrastes:

Apresentamos, em seguida, contrastes dos sons descritos no capítulo precedente, em ambientes idênticos e/ou análogos, os quais servem de base para a identificação dos sons descritos no capítulo precedente que têm status distintivo na língua Korúbo.

5.3.1. Consoantes

/p/ : /m/

/i'pu/	[i'pʊ]	‘escuro’
/i'mit/	[i'mitʰ]	‘lápiz, caneta’

/p/ : /β/

/pa'wa/	[pa'wa]	‘colher’
/βa'wa/	[βa'wa]	‘esp. de arara’

/p/ : /w/

/i'peʔ/	[i'peʔ]	‘arraia’
/i'wa/	[i'wa]	‘muito’

/p/ : /k/

/i'peʔ/	[i'peʔ]	‘arraia’
/i'ke/	[i'ʔe]	‘dançar’

/m/ : /β/

/i'mit/	[i'mitʰ]	‘escuro’
/i'βit/	[i'βitʰ]	‘comigo’

/m/ : /w/

/a'mi/	[a'mi]	‘grande’
/a'win/	[a'wĩn]	‘mulher/esposa’

/β/ : /w/

/a'βi/	[a'βi]	‘existe’
/a'win/	[a'wĩ]	‘esposa’

/t/ : /n/

/toko'ma/ [tɔʔo'ma] 'parente do falecido'

/nuku'nan/ [nuʔu'nɛ̃] 'meu'

/ta'wi/ [ta'wi] 'perna'

/na'mi/ [na'mi] 'carne'

/t/ : /s/

/ti'tun/ [ti'tũn] 'pescoço'

/ta'son/ [ta'sõn] 'tipo de panela'

/t/ : /ʎ/

/ti'os/ [ti'ɔs] 'pomo de adão'

/ʎi'os/ [ʎi'ɔs] 'nariz'

/tapuate/ [tapua'tɛ] 'botina'

/ʎapuate/ [ʎapua'tɛ] 'camiseta'

/n/ : /ts/

/a'na/ [a'na] 'língua'

/a'tsa/ [a'tsa] 'nome próprio'

/n/ : /s/

/mu'nin/ [mu'nĩn] 'nome próprio'

/pu'sin/ [pɔ'sĩn] 'preguiça'

/ta'nun/ [ta'nũn] 'sol'

/tason/ [ta'sõn] 'caneca'

/n/ : /ʎ/

/ni'le/ [ni'ʎɛ] 'está/fica em pé'

/ʎi'le/ [ʎi'ʎɛ] 'corta/derruba madeira'

/a'na/	[a'na]	'língua'
/wa'la/	[wa'la]	'mamão'
/n/ : /m/		
/a'ni/	[a'ni]	'nome'
/a'mi/	[a'mi]	'grande'
/s/ : /ts/		
/tsusiβo/	[tsusiβo]	'velhos'
/tsutsi'e miβi/	[tsutsi'e miβi]	'quem é você'
/s/ : /ʎ/		
/i'se/	[i'se]	'ver'
/ʎi'ʎe/	[ʎi'ʎe]	'cortar/derrubar madeira'
/ts/ : /t/		
/tsa'wa/	[tsa'wa]	'melancia'
/ta'wa/	[ta'wa]	'flecha'
/ts/ : /n/		
/a'tsa/	[a'tsa]	'nome próprio'
/a'na/	[a'na]	'língua'
/ts/ : /s/		
/tsutsi'e miβi/	[tsutsi'e miβi]	'quem é você'
/tsusiβo/	[tsusiβo]	'velhos'
/ʎ/ : /s/		
/ʎi'ʎe/	[ʎi'ʎe]	'cortar/derrubar madeira'
/i'se/	[i'se]	'ver'

/i'ɬa/	[i'ɬa]	'onde'
/i'sa/	[i'sa]	'viu'
/ɲ/ : /n/		
/ɬu'in/	[ɬu ^h ĩn]	'fogo'
/nu'in/	[nu ^h ĩn]	'minhoca, vermes'
/ɬa'ɬa/		
/a'na/	[a'na]	'língua'
/ɬ/ : /ts/		
/ɬa'ɬa/	[ɬa'ɬa]	'homem'
/tsaɬe/	[tsaɬe]	'sentar'
/wa'ɬa/		
/a'tsa/	[a'tsa]	'nome próprio'
/ɬa'ɬa/		
/tsa'wa/	[tsa'wa]	'melancia'
/ʃ/ : /j/		
/k ^w an'ʃun/	[kwɛn'ʃũn]	'ir'
/ti'jun/	[ti'jũn]	'açai'
/ma'ʃo/		
/ma'ju/	[ma'jũ]	'outra etnia (não esp.)'
/ʃ/ : /s/		
/toʃi/	[to'ʃi]	'nome próprio (fem.)'
/to'se/	[to'se]	'nome próprio (fem.)'

/tʃ/ : /ʃ/

/tʃi'βi/	[tʃi'βi]	'irmã mais nova'
/ʃiʔʃu/	[ʃiʔʃu]	'milho, nome próprio'
/tʃui/	[tʃui]	'filho (voc.(?))'
/ʃu'i/	[ʃu'i]	'pênis'

/tʃ/ : /ts/

/ma'tʃo/	[ma'tʃɔ]	'mulher'
/ma'tsu/	[ma'tsɔ]	'panela de barro'
/tʃi'βi/	[tʃi'βi]	'irmã mais nova'
/tsi'βit'/	[tsi'βitʰ]	'mingau'

/j/ : /ʃ/

/ma'ju/	[ma'ju]	'um etnônimo'
/ma'ʃo/	[ma'ʃɔ]	'cérebro'

/k/ : /kw/

/ka'non/	[ka'nõ]	'zarabatana'
/i'βi k ^w a'ne/	[i'βi k ^w a'ne]	'eu vou'
/tʃa'ki/	[tʃa'ki]	'pirarucu'
/k ^w i/	[k ^w i]	'vagina'

/k^w/ : /w/

/k ^w i/	[k ^w i]	'vagina'
/a'win/	[a'wĩn]	'mulher'
/k ^w ane/	[k ^w a'ne]	'ir'
/wa'ka/	[wa'ʔa]	'água'

/ta'k ^w a/	[ta'ŋ ^w a]	‘fígado’
/ta'wa/	[ta'wa]	‘flecha’
/βa'k ^w a/	[βa'ŋ ^w a]	‘banana’
/βa'wa/	[βa'wa]	‘arara esp.’

5.3.2. Vogais:

Apresentamos, nesta seção, pares mínimos e análogos que evidenciam o contraste entre vogais.

/i/ : /e/

/k ^w i'ni/	[k ^w i'ni]	‘barba’
/k ^w a'ne/	[k ^w a'ne]	‘ir’

/i/ : /i/

/i'βi/	[i'βi]	‘eu’
/i'βit'/	[i'βit']	‘comigo’
/i'mit'/	[i'mit']	‘escuro’
/i'βit'/	[i'βit']	‘comigo’

/e/ : /a/

/i'βi k ^w a'ne/	[i'βi k ^w a'ne]	‘eu vou’
/i'βi k ^w a'na/	[i'βi k ^w a'na]	‘eu fui’

/e/ : /i/

/u'fe/	[u'fe]	‘dormir’
/u'fi/	[u'fi]	‘lua’

/i/ : /i/

/i'βit'/	[i'βit']	‘comigo’
/i'βi/	[i'βi]	‘eu’

/i/ : /u/

/iʃi/ [iʃi] ‘olho’

/uʃi/ [uʃi] ‘lua’

/a/ : /i/

/a'na/ [a'na] ‘língua’

/a'ni/ [a'ni] ‘nome’

/u/ : /o/

/tʃu'ta/ [tʃu'ta] ‘esp. de banana’

/tʃo'ta/ [tʃɔ'ta] ‘venha!’

/o/ : /a/

/wif'po/ [wif'pɔ] ‘canela’

/maf'pa/ [maf'pa] ‘tipo de panela’

5.4. Fonemas e alofones

Abaixo apresentamos a distribuição dos alofones de cada fonema, conforme os ambientes de ocorrência.

5.4.1. Fonemas consonantais

5.4.1.1. Oclusivos

/p/ oclusivo bilabial surdo

O fonema /p/ tem dois alofones, um explodido [p] e outro não explodido [p̚]. Realiza-se como [p̚] em posição de coda. Contudo, trata-se do alofone de distribuição mais restrita, ocorrendo nos nossos dados em apenas um morfema /tʰap̚/:

/tawian'tʰap̚/ [tawiɛn'tʰap̚] ‘está quente’

/tʃimu'tap/	[tʃimu'rap]	‘azedo’
/tʃutu'tap/	[tʃutu'rap]	‘não presta’
/imit'tap/	[imit'tap]	‘está escuro’

Realiza-se como [p] em posição de *onset* silábico:

/piʃ'tan/	[piʃtɛn]	‘macaco sagüí’
/pit'kit/	[pit'ʔit]	‘vermelho’
/paβiʃɛn/	[paβiʃɛn]	‘orelha’
/pa'wa/	[pa'wa]	‘colher’
/wipo'ʔo/	[wipo'ʔo]	‘canela’
/tipi'se/	[tipi'sɛ]	‘peidar’
/i'pu/	[i'pu]	‘peixe’
/tʃam'pi/	[tʃɛm'pi]	‘menina’
/ʃa'pu/	[ʃa'pʊ]	‘esp. de algodão’
/mapi/	[ma'pi]	‘cabeça’

Segundo Spanghero (2000: 28, 103), o alofone bilabial não-explodido em Matis ocorre apenas no sufixo enfático /-dapa/ após o apagamento da vogal final /a/. Em Korúbo, parece haver o mesmo processo, no entanto, ainda é muito cedo para um diagnóstico conclusivo a esse respeito.

/t/ oclusivo alveolar surdo

O fonema /t/ tem dois alofones, um explodido [t] e outro não-explodido [t̚]. Realiza-se como [t̚] em posição de coda:

/kut'kai/	[kut'ʔai]	‘comer’
/wi'wa kutka'ne/	[wi'wa kut'ʔa'nɛ]	‘o cachorro morde’
/a'wat/	[a'wat̚]	‘anta’
/i'wi nikit/	[i'wi ni'kit̚]	‘esp. de mel’
/ma'nat/	[ma'nat̚]	‘açai’
/man'kit/	[mɛn'kit̚]	‘mandioca’
/kwẽnat/	[kwẽnat̚]	‘pupunha’

Realiza-se como [t] em *onset* silábico:

/ti'ta/	[ti'ta]	‘mãe’
/ta'wa/	[ta'wa]	‘flecha’
/ta'ʔwa/	[ta'ʔwa]	‘estômago’
/atɨfo'ne/	[atɨfo'nɛ]	‘espirrar’
/wetekitʔ/	[wajte'ʔitʔ]	‘casa’
/βeska'te/	[βesʔa'te]	‘vassoura’

Há registro de uma ocorrência de palatalização desta consoante [tʰ], precedendo uma vogal anterior alta.

/miti'ũn/	[mi'tʰũn]	‘dedo’
-----------	-----------	--------

/k/ oclusivo posterior surdo²⁵

O fonema /k/ tem três alofones, um oclusivo velar surdo explodido [k], um oclusivo glotal surdo [ʔ] e um oclusivo velar sonoro [g].

Postulamos no presente estudo que o som oclusivo velar sonoro [g] encontrado em duas palavras de uma narrativa enunciada em ritmo rápido de fala são realizações do fonema /k/ em ambiente nasal:

/keingafugun/	[keĩgafugun]
/ʎajsalegunon/	[ʎajsaregunõ]

Os alofones [k] e [ʔ] variam livremente em posição de onset:

/koʎo'kitʔ/	[koʎo'kitʔ] ~ [koʎo'ʔitʔ]	‘macaco barrigudo’
/kanon/	[ka'nõ] ~ [ʔa'nõ]	‘zarabatana’
/pasatʔkitʔ/	[pasatʔkitʔ] ~ [pasatʔʔitʔ]	‘buraco da orelha’

²⁵ A especificação desta consoante como posterior se deve ao fato de este termo ser mais abrangente e dar conta tanto da sua realização velar [k] e [g] como da sua realização glotal [ʔ]. Analogamente, optamos por esta especificação no caso da posterior labializada.

/kwakama/	[kwaka'ma] ~ [kwaʔa'ma]	‘não ouvi’
/ne'kit'/	[ne'kit'] ~ [ne'ʔit']	‘ele, esse’
/βa'kun/	[βa'ʔün] ~ [βa'ʔün]	‘esp. de mel’
/wa'ka/	[wa'ka] ~ [wa'ʔa]	‘água’
/tenkele/	[tēke'le] ~ [tēʔe'le]	‘panela’
/tʃa'ki/	[tʃa'ki] ~ [tʃa'ʔi]	‘pirarucu’
/wan'ka/	[wē'ka] ~ [wē'ʔa]	‘nome próprio masculino’

O alofone [ʔ] ocorre também em posição de coda medial ou final:

/pi'ak/	[pi'aʔ]	‘arco’
/ni'tsik/	[ni'tsiʔ]	‘perto’
/nuk'mi/	[nuʔ'mi]	‘nós’
/taʔβan/	[taʔβən]	‘nome próprio masculino’

/k^w/ oclusivo posterior labializado surdo

O fonema /k^w/ tem três alofones, um oclusivo velar labializado surdo [k^w], um oclusivo glotal labializado [ʔ^w] e um oclusivo velar labializado sonoro [g^w].

O alofone sonoro [g^w] ocorre precedido de fonema nasal:

/t̥ipurun k ^w es/	[t̥ipu'rõ 'g ^w es]	‘ombro’
------------------------------	-------------------------------	---------

Os alofones [k^w] ~ [ʔ^w] variam livremente em posição de *onset*:

/k ^w i/	[k ^w i] ~ [ʔ ^w i]	‘vagina’
/k ^w an/	[k ^w ē] ~ [ʔ ^w ē]	‘ir’
/k ^w en'ta/	[k ^w ēn'ta] ~ [ʔ ^w ēn'ta]	‘sai!’
/k ^w i'ta ki'te/	[k ^w i'ta ʔi'te] ~ [ʔ ^w i'ta ʔi'te]	‘queixo’
/k ^w a'ín/	[k ^w a'ín] ~ [ʔ ^w a'ín]	‘fumaça’
/k ^w i'βu/	[k ^w i'βu] ~ [ʔ ^w i'βu]	‘jacamim’
/k ^w ej'nat/	[k ^w ēj'nat] ~ [ʔ ^w ēj'nat]	‘pupunha’
/iʃi k ^w i'ma/	[iʃi k ^w i'ma] ~ [iʃi ʔ ^w i'ma]	‘sobrancelha’

/ta ^w k ^w a/	[tak ^w a] ~ [ta'ɾ ^w a]	‘fígado’
/βa ^w k ^w i/	[βa'k ^w i] ~ [βa'ɾ ^w i]	‘menino’
/βak ^w a/	[βak ^w a] ~ [βa'ɾ ^w a]	‘banana’
/pik ^w in/	[pik ^w in] ~ [pɪ'ɾ ^w in]	‘nome próprio (masc.)’

5.4.1.2. Africados:

/ts/ africado alveolar surdo

O fonema /ts/ tem uma única realização fonética [ts]:

/tsa'wa/	[tsa'wa]	‘melancia’
/tsusi'βo/	[tsusi'βo]	‘velho’
/tsa'ta/	[tsa'ta]	‘sente-se!’
/ma'tses/	[ma'tsɛs]	‘mulher’
/mi'tson/	[mi'tsõn]	‘de vocês’
/wi'tsun/	[wi'tsũn]	‘braçadeira’
/tsi'tsan/	[tsi'tsɛn]	‘cesto’

/tʃ/ africado álveo-palatal surdo

O fonema /tʃ/ possui uma única realização fonética [tʃ]

/tʃɔ'ta/	[tʃɔ'ta]	‘outro’
/tʃiβi/	[tʃiβi]	‘irmã mais nova’
/tʃua'na/	[tʃua'na]	‘colar’
/iβi tʃike'ʃɛ/	[əβi tʃiʔe'ʃɛ]	‘eu estou com preguiça’
/iβi tʃonoa'ɫɛ/	[iβi tʃonoa'ɫɛ]	‘eu trabalho’
/antʃi'ʃte/	[ɛntʃi'ʃte]	‘cana-de-açúcar’
/iβi ɫatʃoke/	[iβi ɫatʃo'ʔɛ]	‘eu tomo banho/estou tomando banho’
/matʃo/	[ma'tʃɔ]	‘velha’
/kantʃo/	[kɛn'tʃo]	‘caranguejo’

5.4.1.3. Nasais

/m/ oclusivo nasal bilabial sonoro

O fonema /m/ tem uma única realização fonética [m] e ocorre em posição de onset e de coda, quando a consoante inicial da sílaba seguinte é uma oclusiva bilabial.

/ma'mon/	[mamõ]	‘breu’
/mi'tson/	[mitsõn]	‘de vocês’
/ma'nis/	[ma'nis]	‘nome próprio (fem.)’
/iβi mami'ne/	[əβi mami'ne]	‘eu estou sorrindo’
/najmi'ɫaf/	[najmi'ɫaf]	‘acabou’
/ka'mun/	[kamũn]	‘onça’
/ʃu'ma/	[ʃu'ma]	‘peito’
/im'pi/	[ĩmpi]	‘eu (erg.)’
/tʃam'pi/	[tʃẽm'pi]	‘menina’

/n/ oclusivo alveolar nasal

O fonema /n/ tem uma única realização fonética, [n]:

/nuku'nan/	[nuʔu'nãn]	‘meu’
/ni'ʃo/	[ni'ʃɔ]	‘tracajá’
/in'ta/	[ĩn'ta]	‘sangue’
/antʃi'f'te/	[ẽntʃi'f'te]	‘cana-de-açúcar’
/konale'te/	[kɔna'le'te]	‘alça do porta dardos’
/kan'tʃo/	[kẽntʃo]	‘caranguejo’
/ma'pi ni'ne/	[ma'pi ni'ne]	‘a cabeça dói’
/awa'ɫin/	[awa'ɫĩn]	‘anta (erg.)’
/mi'tson/	[mitsõn]	‘de vocês’
/ʃi'ta manan/	[ʃi'ta 'manẽn]	‘gengiva’
/pu'sin/	[pɔ'sĩn]	‘preguiça’

5.4.1.4. Fricativos:

/β/ fricativo bilabial sonoro

O fonema /β/ tem dois alofones, um fricativo bilabial sonoro [β] e um fricativo bilabial surdo [ɸ], os quais flutuam livremente em posição de *onset* de sílaba inicial:

/βa'i/	[βa'i] ~ [ɸa'i]	‘caminho’
/βu/	[βu] ~ [ɸu]	‘cabelo’
/βo'ka/	[βɔ'ʔa] ~ [ɸɔ'ʔa]	‘esp. de quati’
/βa'wa/	[βa'wa] ~ [ɸa'wa]	‘esp. de pássaro’
/βa'k ^w a/	[βa'ʔ ^w a] ~ [ɸa'ʔ ^w a]	‘esp. de banana’
/βa'i/	[βa'i] ~ [ɸa'i]	‘caminho’

Apenas o alofone [β] ocorre em posição intervocálica e precedido de consoante:

/paβu'kun/	[paβu'ʔũn]	‘veado’
/iββan'te/	[iββɛn'te]	‘tipo de porrete’
/a'βi/	[a'βi]	‘existe’
/ta'βan/	[ta'βɛn]	‘nome próprio masculino’
/a'βu/	[a'βu]	‘céu’
/seat'βo/	[seat'βo]	‘nome próprio masculino’

/s/ fricativo alveolar surdo:

O fonema /s/ tem dois alofones, um alofone fricativo alveolar surdo palatalizado [s^j] e outro não palatalizado [s]:

O alofone palatalizado [s^j] ocorre quando precedido da vogal anterior alta /i/:

/tipise/	[tipi's ^j ɛ]	‘peidar’
----------	-------------------------	----------

Nos demais ambientes ocorre o alofone [s]:

/seat'βo/	[seat'βo]	‘nome próprio masculino’
/pusi'nin/	[pusi'nɪn]	‘preguiça (erg.)’

/maso'ko/	[masɔ'ʔɔ]	‘esp. de macaco’
/wejsa'ɫaʃ/	[wejsa'raʃ]	‘amanhã’
/miskan/	[mis'ʔɛn/	‘lenha’
/ta'son/	[ta'sɔn]	‘caneco’
/ɫi'os/	[ɫi'ɔs]	‘nariz’
/pu'sin/	[pɔ'sɪn]	‘preguiça’

/ʃ/ fricativo álveo-palatal surdo

O fonema /ʃ/ tem dois alofones, um fricativo álveo-palatal surdo [ʃ] e um fricativo álveo-palatal sonoro [ʒ], que aparecem em variação livre em duas palavras :

/ʃa'i/	[ʒa'i] ~ [ʃa'i]	‘tamanduá’
/ni'ʃo/	[ni'ʒɔ] ~ [ni'ʃo]	‘tracajá’

Nos demais dados ocorre apenas a variante surda [ʃ]:

/ʃana'na/	[ʃana'na]	‘folha’
/ʃi'ʔtun/	[ʃi'ʔtūn]	‘bico do peito’
/koʃ'tin/	[ʔɔʃ'tɪn]	‘mutum’
/maʃ'pa/	[maʃ'pa]	‘tipo de panela’
/'uʃ/	['uʃ]	‘durma’
/maʃ'i'te/	[maʃ'i'te]	‘chapéu’
/tʃi'ʃoko/	[tʃi'ʃoʔo]	‘bumbum’
/pi'tiʃka/	[pi'tiʃʔa]	‘braço’
/ni'ʃo/	[ni'ʃɔ]	‘tracajá’
/βiti'ʃe/	[βiti'ʃɛ]	‘cortar cabelo (não a franja)’
/po'ʃo/	[pɔ'ʃɔ]	‘espinho’
/wejsa'ɫaʃ/	[wejsa'raʃ]	‘amanhã’

5.4.1.5. Fricativos laterais:

/ɬ/ fricativo lateral alveolar surdo

O fonema /ɬ/ tem os seguintes alofones:

O alofone lateral vibrante sonoro [l̂] flutua com o alofone lateral alveolar sonoro [l] nos seguintes exemplos:

/toˈlon/	[təˈl̂õn] ~ [təˈlõn]	‘esp. de pica-pau’
/poˈlon/	[pəˈl̂õn] ~ [pəˈlõ]	‘remo’
/waˈla/	[waˈl̂a] ~ [waˈla]	‘mamão’

O alofone fricativo lateral palatal surdo [ʎ] flutua livremente com o alofone fricativo lateral surdo [ʎ̥] diante de vogal anterior:

/ʎi/	[ʎ̥i] ~ [ʎi]	‘rede’
/tɛˈlinenˈʎa/	[tɛˈʎ̥inẽˈnd̥ʎa] ~ [tɛˈʎ̥inẽˈnd̥ʎa]	‘não pega’
/tɛˈʎinˈta/	[tɛˈʎ̥inˈta] ~ [tɛˈʎ̥inˈta]	‘pega!’
/nuɑβaˈʎe/	[nuɑβaˈʎ̥e?] ~ [nuɑβaˈʎe?]	‘feder’

O alofone fricativo lateral com on-glide oclusivo alveolar sonoro pré-nasalizado [nd̥ʎ] ocorre em sílaba acentuada precedido de fonema nasal.

/tɛˈlinenˈʎa/	[tɛˈʎ̥inẽˈnd̥ʎa]	‘não pega’
/miʃenˈʎa/	[miʃeˈnd̥ʎa]	‘não mexa!’

O alofone flepe alveolar sonoro oral [r] flutua com o lateral alveolar sonoro [l] nos seguintes exemplos:

/tenkeˈʎe setˈkit/	[tẽkeˈre setˈkitˈ] ~ [tẽkeˈle setˈkitˈ]	‘panela branca’
/wajsaˈʎaf/	[wɛjsaˈraf] ~ [wɛjsaˈlaf]	‘amanhã’
/niβi iβi tʃonoaˈre/	[niβi iβi tʃonoaˈrɛ] ~ [niβi iβi tʃonoaˈlɛ]	‘hoje eu trabalho’

O alofone fricativo alveolar sonoro [ʎ̥] flutua livremente com o alofone fricativo lateral alveo-palatal surdo [ʎ̥] e com o alofone lateral alveolar sonoro [l] em um exemplo:

/lu'in/ [ʎuĩ] ~ [luĩ] ~ [luĩ] 'fogo'

O alofone fricativo lateral sonoro [ʎ] flutua com o alofone fricativo lateral surdo [ɮ] em margem inicial de sílaba em um exemplo:

/ɮaɮa/ [ʎa'la] 'homem'

O alofone fricativo alveolar sonoro [ʎ] flutua livremente com o alofone lateral alveolar sonoro [l] em posição intervocálica nos seguintes exemplos:

/im'pi ɮaʎa'waj/ [ĩm'pi ɮaʎa'waj] ~ [im'pi ɮala'waj] 'eu escrevo'
 /ɮaɮa/ [ɮa'ʎa] ~ [ɮa'la] 'homem'

5.4.1.6. Aproximantes:

/w/ aproximante bilabial sonoro oral

O fonema /w/ tem um único alofone [w]:

/wi'o/ [wi'ɔ] 'nome próprio fem.'
 /waɮa/ [wa'ɮa] 'mamão'
 /pa'wa/ [pa'wa] 'colher'
 /ɮa'wis/ [ɮawis] 'cunhado (marido da irmã)'
 /ɮawi/ [ɮawi] 'remédio'

/j/ aproximante palatal

O fonema /j/ tem dois alofones, um oral [j] e um nasal [j̃]. O alofone nasalizado ocorre em um exemplo em contexto nasal:

/kwẽj̃nat/ [kwẽj̃'nat'] 'pupunha'

O alofone oral ocorre nos demais exemplos, em ambiente oral:

/tʃuj'ta/ [tʃuj'ta] 'diga!'
 /ma'ju/ [ma'ju] 'etnia indígena não-identificada'

/ʎe'jo/	[ʎe'jo]	‘nome próprio masc.’
/ma'ja/	[ma'ja]	‘nome próprio (fem.)’

Com base nos contrastes demonstrados e nas alofonias apresentadas até aqui, identificamos os seguintes sons consonantais com função distintiva na língua Korúbo:

Quadro XI: Quadro sinótico dos fonemas consonantais

	Labial	Alveolar	Alveo-palatal	Palatal	Posterior
Oclusivas	/p/	/t/			/k/ /k ^w /
Africadas		/ts/	/tʃ/		
Nasais	/m/	/n/			
Fricativas					
Surdas		/s/	/ʃ/		
Sonoras	/β/				
Fricativas laterais		/ʎ/			
Aproximantes	/w/			/j/	

5.4.2. Fonemas vocálicos

Todas as vogais têm alofones nasais, os quais serão tratados na sessão 5.5.

5.4.2.1 Anteriores

/i/ anterior alto não-arredondado oral

O fonema /i/ possui dois alofones, um oral [i] e um nasal [ĩ].

O alofone oral [i] ocorre em sílabas que não possuem uma consoante nasal em posição de coda:

/i'wa/	[i'wa]	‘muito’
/wi'wa/	[wi'wa]	‘cachorro’
/tipi'se/	[tipi's ^ĩ e]	‘peidar’

/iβi/	[iβi]	‘eu (abs.)’
/i'wi/	[i'wi]	‘árvore, madeira’

/e/ anterior médio fechado não-arredondado oral

O fonema /e/ tem três alofones, dois orais [e] e [ɛ] e um nasal [ẽ].

O alofone anterior médio fechado não-arredondado oral [e] varia livremente com o alofone anterior médio aberto não-arredondado [ɛ] em sílabas que não possuem uma consoante nasal em posição de coda:

/nekit/	[ne'ʔit] ~ [nɛ'ʔit]	‘esse, ele’
/βeska'te/	[βesʔa'te] ~ [βɛsʔa'tɛ]	‘vassoura’
/tatne'te/	[tat'ne'te] ~ [tɛt'ne'tɛ]	‘bochecha’
/maɫeβo/	[maɫeβo] ~ [maɫɛβo]	‘nome próprio masc.’
/tsa'te/	[tsa'te] ~ [tsɛ'tɛ]	‘banco’
/onke'te/	[õkete] ~ [õkɛ'tɛ]	‘língua, idioma’
/nakun'te/	[nakũn'te] ~ [nakuntɛ]	‘veneno’
/tʃik'neʃ/	[tʃiʔ'neʃ] ~ [tʃi'neʃ]	‘jacamim’
/pe'ko/	[pe'ʔɔ] ~ [pɛ'ʔɔ]	‘vaga-lume’
/tose/	[to'se] ~ [to'sɛ]	‘nome próprio fem.’
/ma'tses/	[ma'tses] ~ [ma'tses]	‘mulher’
/mami'ne/	[mami'ne] ~ [mami'ne]	‘sorrir, dar risada, brincar’
/ʃaβe/	[ʃaβe] ~ [ʃɛβɛ]	‘virilha’

5.4.2.2. Centrais:

/i/ central alto não-arredondado oral

O fonema /i/ possui três alofones, dois orais [i] e [ə] e um nasal [ĩ]

O alofone central alto não-arredondado oral [i] varia livremente com o alofone central médio fechado não-arredondado oral [ə] em sílabas que não possuem uma consoante nasal em posição de coda.

/iβi/	[iβi] ~ [əβi]	‘eu (abs.)’
/pi'tiʃka/	[pi'tiʃʔa] ~ [pə'tiʃʔa]	‘braço’
/ʃi'ta/	[ʃi'ta] ~ [ʃə'ta]	‘dente’
/paβiʃan/	[paβiʃɛn] ~ [paβəʃɛn]	‘orelha’

/maʃi'te/	[maʃi'te] ~ [maʃə'te]	‘chapéu’
/tʃa'ki/	[tʃa'ki] ~ [tʃa'kə]	‘pirarucu’
/i'mit/	[i'mit̃] ~ [i'mət̃]	‘escuro’
/ʎa'wis/	[ʎa'wis] ~ [ʎa'wəs]	‘cunhado’
/mi'ʎif/	[mi'ʎif] ~ [mi'ʎəf] ~ [mə'ʎif]	‘pulso’

/a/ baixo não-arredondada oral.

O fonema /a/ possui dois alofones, um oral [a] e um nasal [ã]

O alofone central baixo não-arredondado oral [a] ocorre em sílabas que não possuem uma consoante em posição de coda.

/a'wat/	[a'wat̃]	‘anta’
/ʎa'ʎa/	[ʎa'ʎa]	‘homem’
/pa'wa/	[pa'wa]	‘colher’
/nuaβa'ʎe/	[nuaβa'ʎeʔ]	‘feder’
/mim'pi ʎa'ʎa'waj/	[mim'pi ʎa'ʎa'waj]	‘você escreve’
/to'ʎi'a/	[to'ʎi'a]	‘arara’
/ʃa'ni/	[ʃa'ni]	‘pêlos pubianos’
/a'jaʃ/	[a'jaʃ]	‘esp. de cipó’

5.4.2.3. Posteriores:

/u/ alto posterior oral arredondado.

O fonema /u/ possui dois alofones orais [u] e [ʊ] e um nasal [ũ]

O alofone posterior alto fechado oral [u] e o alofone posterior alto aberto oral [ʊ] alternam livremente, em sílabas que não possuem uma consoante nasal em posição de coda:

/u/	[u] ~ [ʊ]	‘lá’
/ʃu'ma/	[ʃu'ma] ~ [ʃʊ'ma]	‘peito’

/u'ʃe/	[u'ʃɛ] ~ /o'ʃɛ/	‘dormir’
/βi'ʃu'ʔu/	[βi'ʃu'ʔɯ] ~ [βi'ʃo'ʔɯ]	‘macaco prego’
/ne'ʔue/	[ne'ʔɯɛ] ~ [ne'ʔo'ɛ]	‘cozinhar’
/a'βu/	[a'βu] ~ [a'βɯ]	‘céu’
/ʔʃu'ʃu/	[ʔʃu'ʃu] ~ [ʔʃo'ʃo]	‘irmã mais velha’
/matsu/	[ma'tsu] ~ [ma'tsɯ]	‘tipo de panela de barro’
/u'βu/	[u'βu] ~ [o'βɯ]	‘testículos’
/i'pu/	[i'pu] ~ [i'pɯ]	‘peixe (gen.)’

/o/ posterior médio fechado oral arredondado.

O fonema /o/ possui três alofones, dois orais [o] e [ɔ] e um nasal [õ]

O alofone posterior médio fechado oral [o] varia livremente com o alofone posterior médio aberto oral [ɔ], em sílabas que não possuem uma consoante nasal em posição de coda:

/to'se/	[to'sɛ] ~ [tɔ'sɛ]	‘nome próprio (fem.)’
/to'ʃi/	[to'ʃi] ~ [tɔ'ʃi]	‘nome próprio (fem.)’
/po'ʔo'ne/	[po'ʔo'ne] ~ [pɔ'ʔo'ne]	‘correr na caçada’
/to'ʃo/	[to'ʃo] ~ [tɔ'ʃɔ]	‘tosse’
/maso'ko/	[maso'ʔo] ~ [masɔ'ʔɔ]	‘esp. de macaco’
/ʔi'os/	[ʔi'os] ~ [ʔi'ɔs]	‘nariz’

5.5. Alguns processos fonológicos:

5.5.1. Nasalização vocálica

Em Korúbo todas as vogais são nasalizadas quando diante de uma consoante nasal na posição de coda da sílaba da qual são núcleos. Trata-se de nasalização localizada, com propagação da direita para a esquerda:

Exemplos:

[ĩ]	/winte/	[wĩn'tɛ]	‘coração, costas’
	/in'ta/	[ĩn'ta]	‘sangue’

/mimpi/	[mĩmpi]	‘você (erg.)’
/βitinte/	[βitĩn'te]	‘porta dardos de bambu’
/teħin'ta/	[təħĩn'ta]	‘segura’
/takβan/	[taʔβēn]	‘nome próprio masc.’
/iβi wi'ne/	[iβi wĩ'nɛ]	‘eu choro’

[ẽ]	/winenla/	[winẽ ^{ndĩ} ɫa]	‘não chore (proibitivo)’
	/iβi aβale'men/	[iβi aβalɛ'mɛn]	‘eu não corro, não estou correndo’

Em um único exemplo, o alofone [ẽ] ocorre em sílaba sem fonema nasal na posição de coda:

/kwejnɔt/	[k ^w ɛj'nat']	‘pupunha’
-----------	--------------------------	-----------

A nasalidade tem como fonte a consoante nasal na posição de *onset* da sílaba seguinte, devido a presença da aproximante /j/ interveniente.

[ĩ]

/im'pi/	[ĩm'pi]	‘eu (erg.)’
/ti'ħin/	[ti'ħĩn]	‘jacaré’

[ɛ̃]

/kwanta/	[k ^w ɛ̃n'ta]	‘vai! saia!’
/kwejsante/	[k ^w ɛ̃jsɛ̃n'te]	‘facão’
/piʃ'tan/	[piʃ'tã̃n]	‘macaco saui’
/an'tiun/	[ɛ̃n'tiũ̃n]	‘panturrilha’
/paβiʃan/	[paβiʃɛ̃n]	‘orelha’
/ʃi'ta manan/	[ʃi'ta mɛ̃nɛ̃n]	‘gengiva’
/mis'kan/	[mis'ʔɛ̃n]	‘lenha’

[ũ]

/nakun'te/	[nakũn'te]	‘veneno’
/ħi'un/	[ħi'ũ̃n]	‘corrimento nasal’

	/ʃik'tun/	[ʃiʔ'tũn]	'bico do peito'
[õ]	/mitson/	[mitsõn]	'vosso'

Com base nos contrastes demonstrados, nas alofonias e considerando-se o processo de nasalização das vogais, identificamos os seguintes sons vocálicos com funções distintas na língua Korúbo:

Quadro XII: Quadro sinótico dos fonemas vocálicos

	Anteriores	Centrais	Posteriores
+ Altas	/i/	/i/	/u/
- Altas	/e/	/a/	/o/

5.5.2. Nasalização da aproximante /j/

A consoante aproximante /j/ se nasaliza quando seguida de consoante nasal em posição de onset da sílaba seguinte:

/kwejnət/	[k ^w ẽj'nat̃]	'pupunha'
-----------	--------------------------	-----------

5.5.3. Queda de consoantes nasais

Em Korúbo consoantes nasais tendem a cair em posição de coda medial ou final, nasalizando a vogal precedente:

/onke/ →	[õ'ke]	'conversar'
/ʃokonke/ →	[ʃɔʔõ'kɛ]	'ronco fraco'
/a'win/ →	[a'wĩ]	'esposa'
/nuku'nan/ →	[nuʔu'nẽ]	'meu'

5.5.4. Cronologia relativa à nasalização de segmentos:

Considerando que as consoantes nasais tendem a cair em posição de coda, a nasalização de segmentos vocálicos que os precedem deve anteceder à sua queda:

1) vogais são nasalizadas quando seguidas de consoante nasal na posição de coda das sílabas das quais são núcleo;

2) consoante nasal pode cair em posição de coda.

Quanto à variante fricativa lateral com on-glide oclusivo alveolar sonoro pré-nasalizado [ᵐᵗ] do fonema /t/, trata-se, na realidade do resultado da contigüidade heterossilábica dos dois fonemas, o que resulta foneticamente em [ᵐᵗ]. Este é, portanto, um contexto em que uma nasal em posição de coda não cai.

/teᵐᵗinenta/	[təᵐᵗineᵐᵗta]	‘não pega’
/miᵐᵗenta/	[miᵐᵗeᵐᵗta]	‘não mexa!’

5.5.5. Lenização de /t/

O fonema oclusivo alveolar /t/, quando em margem final de sílaba final, muda para /t̪/ em fronteira de morfema diante de vogal:

/nekit+in/	→ [nekiᵐᵗ̪in]	‘ele, esse (erg.)’
/awat+in/	→ [awaᵐᵗ̪in]	‘anta (erg.)’

5.6. Padrões silábicos:

Até o presente, foram verificados os seguintes padrões silábicos na língua Korúbo:

V	/u/	‘lá’
CV	/t̪o/	‘venha!’
VC	/uᵐᵗ̪/	‘durma!’

CVC /maʃ.'pa/ 'tipo de panela'

Considerando esses padrões, verificamos que a sílaba canônica em Korúbo é ((C)V(C)).

5.7. Algumas observações fonotáticas

Os dados analisados nesta dissertação apontam para as seguintes restrições fonotáticas:

- As consoantes que ocorrem em posição de coda são só /p t k m n s ʃ j/.
- Da oclusiva posterior, apenas a variante glotal ocorre em posição de coda.
- A nasal /m/, quando em posição de coda, só ocorre no interior da palavra.
- As combinações de consonantes heterossilábicas são as seguintes:

ṭt	/imiṭ'tap/	[imiṭ'tap̣]	'escuro'
ṭk	/piṭkit/	[piṭ'ʔiṭ]	'vermelho'
	/pasaṭ'kit/	[pasaṭ'kiṭ]	'buraco da orelha'
kt	/ʃiʔ'tun/	[ʃiʔ'tūn]	'bico do peito'
kβ	/takβan/	[taʔβã]	'nome próprio (masc.)'
kʃ	/βukʃēn/	[βuʔʃēn]	'pulmão'
mp	/im'pi/	[im'pi]	'eu (erg.)'
sk	/miskan/	[mis'ʔēn]	'lenha'ʃt
ʃt	/kof'tin/	[kof'tin]	'mutum'
	/piʃ'tan/	[piʃ'tēn]	'macaco sawi'
ʃp	/maʃ'pa/	[maʃ'pa]	'tipo de panela'
jt	/tʃuj'ta/	[tʃuj'ta]	'fala!'
nt	/in'ta/	[ĩn'ta]	'sangue'

5.8. Observações sobre acento

Até o presente verificamos que as sílabas finais são pronunciadas com intensidade mais forte do que as demais, em palavras isoladas.

Exemplos:

/on'ke/	[õ'ke]	‘conversar’
/a'wat/	[a'wat']	‘anta’
/ʎa'ʎa/	[ʎa'la]	‘homem’
/ʃa'ni/	[ʃa'ni]	‘pêlos pubianos’
/a'jaʃ/	[a'jaʃ]	‘esp. de cipó’
/tʃa'ki/	[tʃa'ki]	‘pirarucu’
/ʎa'wis/	[ʎa'wis]	‘cunhado’
/wi'o/	[wi'ɔ]	‘nome próprio fem.’
/wa'ʎa/	[wa'ʎa]	‘mamão’
/kut'kai/	[kut'ʔai]	‘comer’
/wi'wa kutka'ne/	[wi'wa kut'ʔa'nɛ]	‘o cachorro morde’
/a'wat/	[a'wat']	‘anta’
/i'wi nikit/	[i'wi ni'kit']	‘esp. de mel’

Não realizamos, no entanto, nenhum estudo que possibilitasse reunir detalhes do padrão rítmico das palavras do Korúbo, ficando o estudo deste aspecto, assim como o aprofundamento dos demais pontos discutidos neste estudo, para um futuro próximo.

5.9. Sumário

Os resultados do estudo fonético e fonológico dos dados da língua Korúbo apontam para a existência de 14 fonemas consonantais e seis fonemas vocálicos. Mostram ainda que a produção articulatória dos sons distintivos consonantais desta língua distingue seis modos e cinco pontos de articulação. A análise mostra que esta língua não distingue consoantes surdas de sonoras, mas que há situações em que consoantes fricativas alveolares e palatais se sonorizam e também em que a fricativa bilabial se ensurdece. Os resultados mostram que a língua apresenta sons pouco comuns nas línguas sul-americanas, como o som fricativo lateral com *on-glide* oclusivo alveolar sonoro pré-nasalizado [ʎndʎ], o fricativo lateral vibrante sonoro [ʎ] e o oclusivo glotal

labializado [ʔ^w]. Vimos que, de todas as consoantes, a que mais possui variantes é a fricativa lateral surda.

Quanto às vogais fonológicas, mostrou-se que na produção destas há distinção de dois graus de altura – [+alto] e [-alto] – e de três posições relativas ao avanço e recuo da língua – anterior, central e posterior. Mostrou-se ainda que o arredondamento dos lábios é característica exclusiva da produção das vogais posteriores.

Vogais e consoantes sofrem processos fonológicos internos à palavra gramatical, como lenição da oclusiva *t* em fronteira de morfema e queda opcional de consoante nasal em posição de coda. As vogais e a aproximante *j* são alvo de nasalidade; as primeiras quando nas sílabas em que são núcleos há uma consoante nasal em posição de coda. Vimos também que a consoante nasal mesmo não sendo pronunciada, tem sua nasalidade associada a vogal precedente. No caso da aproximante palatal, esta pode ser afetada por nasalidade se uma consoante nasal ocorrer na margem inicial da sílaba seguinte. Finalmente, vimos que no Korúbo o padrão silábico canônico é ((C)V(C)), que em palavras enunciadas isoladamente, a sílaba final é pronunciada com maior intensidade expiratória e que há restrições quanto à combinação de grupos consonantais extra-silábicos e quanto aos sons que podem ocorrer em final de palavra.

Estes foram alguns dos resultados da análise realizada no presente capítulo.

6. Conclusão

Nesta dissertação apresentamos uma primeira análise fonética e fonológica da língua falada pelo primeiro grupo de índios Korúbo contatados. Como todo trabalho inicial de uma língua nunca antes estudada, cujos falantes são basicamente monolíngües, com poucos indivíduos tendo conhecimento ainda bastante incipiente do Português, muitas são as dificuldades na obtenção de dados que fundamentem análises aprofundadas, de qualquer um dos subsistemas lingüísticos. Embora tenhamos tentado aprofundar o nosso conhecimento da língua Korúbo, o tempo de permanência mais estendido junto aos Korúbo ainda não foi o suficiente para adquirirmos um nível de proficiência que nos permitisse obter dados mais completos e extraídos de contextos discursivos. Por essas razões, o trabalho que aqui apresentamos tem caráter preliminar. Entretanto, esperamos que os resultados deste estudo sejam efetivamente uma primeira contribuição para o conhecimento da língua Korúbo.

Dentre os resultados do presente estudo, ressaltamos as novas informações sobre aspectos da cultura Korúbo, como as relativas a relações de parentesco, inclusive com a apresentação de alguns termos até então desconhecidos dos que trabalham com esses índios, as razões pelas quais parecem diferenciar-se dos demais grupos Páno da região com respeito a adornos corporais. Reunimos também algumas observações que evidenciam as principais idéias sobre a origem geográfica dos Korúbo e suas relações e afinidades com outros grupos isolados que vivem na região.

Apresentamos também nesta dissertação a primeira lista comparativa de dados lingüísticos do Korúbo e das duas outras línguas que haviam sido anteriormente consideradas mais próximas, o Matís e o Mayorúna, embora nenhum dado obtido diretamente dos Korúbo tivesse fundamentado essas observações. Os dados apresentados agora indicam que a língua Korúbo é uma língua independente das demais línguas Páno da região, mas que, embora independente, é próxima o suficiente do Mayorúna e do Matís para ser considerada integrante do mesmo subgrupo dentro da família Pano, subgrupo esse chamado inicialmente por d'Ans (1973) de grupo do Norte. Alguns dos dados que fundamentam essa idéia são as correspondências seguintes: Ko *k* : Ma *k* : Mt *k*; Ko *β* : Ma *b* : Mt *b*, Ko *ʔ* : Ma *d* : Mt *d*, com a observação de que apenas a língua Korúbo manifesta a flutuação [k] ~ [ʔ] em ambiente intervocálico, como indicado em 3.3. acima.

A primeira análise fonética da língua Korúbo, que é a que apresentamos nesta dissertação, fundamentou-se em princípios e técnicas de análise lingüística descritiva das propriedades físico-articulatórias dos sons e de sua produção. Descrevemos, dessa forma, os sons, considerando-os com respeito ao modo pelo qual são produzidos, à área ou ponto da cavidade bucal em que se dá a sua produção, à posição do véu palatino (levantado ou abaixado) durante esse processo, assim como a outros detalhes articulatórios envolvidos na produção desses sons e que os diferenciam uns dos outros.

Esta dissertação foi o primeiro passo no sentido de descrever e documentar a língua Korúbo. O aprofundamento deste estudo é urgente e necessário, não apenas para o conhecimento lingüístico desta língua indígena brasileira e para a melhor compreensão da pré-história das línguas e culturas Páno, mas, fundamentalmente, para possibilitar a comunicação dos agentes governamentais que interagem com os Korúbo, buscando resguardar a sua integridade e prepará-los para não serem mais um caso de povo vitimado pelo contato.

Referências Bibliográficas

Amorim, F. F. 2008. Povos indígenas isolados da Terra Indígena Vale do Javari. Ministério da Justiça/FUNAI: Brasília. Ms.

ARISI, B. M. 2007. *Matis e Korúbo: Contato e índios isolados – relação entre povos no Vale do Javari, Amazônia*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

Beckman, M. E. 2003. “Input representations (inside the mind and out)”. In G. Garding & M. Tsujimura, eds., *WCCFL22*, Somerville, p. 70-94. MA: Cascadilla Press.

Anônimo. 1975. “Seis grupos tribais já contatados na perimetral norte”. In: *Informativo Funai, n 14, ano IV*. Brasília: Ministério do Interior/FUNAI.

Chomsky, A. N. 1964. “Current issues in linguistic theory.” In: *The structure of language: readings in the philosophy of language*. J. A Fodor & J.J Katz (eds.), p. 50-118. Englewood Cliffs: Prentice Hall.

Coutinho Jr., W. 2008. *Hepatopatias no vale do Javari: virulento agravo à saúde indígena e afronta aos direitos humanos*. Manaus: Ministério Público Federal: Procuradoria da República Federal.

Departamento de Vigilância Epidemiológica. Secretaria de Vigilância em Saúde. Ministério da Saúde. 2005. *Hepatites virais: o Brasil está atento*. Brasília: Ministério da Saúde.

Diário de Brasília *apud América Indígena*, vol. XXXV, n. 1, 1975.

Dryer, M. S. 2006 (ms). “Descriptive theories, explanatory theories, and basic linguistic theory.” In: *Catching Language: Issues in Grammar Writing*, Felix Ameka, Alan Dench, & Nicholas Evans (eds.), p. 207-234. Berlin: Mouton de Gruyter. Versão on-line: <http://linguistics.buffalo.edu/people/faculty/dryer/dryer/dryer.htm>

Dryer, M. 2009. What is Basic Linguistic Theory? In: <http://linguistics.buffalo.edu/people/faculty/dryer/dryer/blt> (acessado em 01/02/2009).

Erikson, P. 1994. "Los Mayoruna". In: Fernando Santos & F. Barclay (Orgs.), *Guía Etnográfica de la Alta Amazonía*. Quito: FLACSO-Sede.

_____. 1999. *El sello de los antepasados. Marcado del cuerpo y demarcación étnica entre los Matis de la Amazonía*, Abya Yala, Quito / IFEA, Lima.

Feng, L., Hansen, L. K., 2008. "On Phonemes as Cognitive Components of Speech". In: *The 1st IAPR Workshop on Cognitive Information Processing (CIP)*, pp. 205-210, 2008. Versão on-line: <http://www2.imm.dtu.dk/pubdb/public/search.php?n=5&searchstr=feng>

Feng, L., Hansen, L. K. 2006. "Phonemes as short time cognitive components". In: *International Conference on Acoustics, Speech and Signal Processing (ICASSP'06)*, vol. 5, pp. 869-872. Versão on-line: http://www2.imm.dtu.dk/pubdb/views/publication_details.php?id=5676

Ferreira, R. V. 2005. *Língua Matis (Pano): uma descrição gramatical*. Tese de doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

Fleck, D. W. 2005. *Diccionario Matses Castellano*. (versão preliminar).

Fleck, D. W. & R. V. Ferreira. 2005. "Language in the Mayoruna subgroup of the Panoan family". Ms.

Franciscato, R. 2000. Relatório de Massacre dos Índios Korúbo. Ms.

Girard, Victor. 1971. *Proto Pano-Takanan Phonology*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press.

Halle, M. & G. N. Clements. 1983. *Problem book in phonology: a workbook for introductory courses in linguistics and modern phonology*. Cambridge: MIT Press.

Hockett, C. F. 1955. *A manual of phonology*. *International Journal of American Linguistics*, vol. 21, n. 4, Part I. Baltimore: Waverly Press.

Hyman, L. M. 1975. *Phonology: theory and analysis*. New York: Holt, Rinehart & Winston.

Jakobson, R.; C. G. M. Fant & Morris Halle. 1972. *Preliminaries to speech analysis: The distinctive features and their correlates*. Cambridge: MIT Press.

Jakobson, R & Morris Halle. 1956/73. "The distinctive features". *In: Phonology: selected readings*. Erik C. Fudge (ed.), p. 151-158. Australia: Penguin Books.

Ladefoged, P. 1974. *Preliminaries to linguistic phonetics*. Chicago: Chicago University Press.

Liu Ngar-Fun. "A brief critique of Chomsky's challenge to classical phonemic phonology". *In: Hong Kong papers in linguistics and language teaching* 17, 1994. Versão on-line: <http://sunzi1.lib.hku.hk/hkjo/article.jsp?book=4&issue=40006>

Loos, Eugene E. 1999. "Pano." In R. M. W. Dixon and Alexandra Y. Aikhenvald (eds.), *The Amazonian languages*, p. 227-249. Cambridge: Cambridge University Press.

Matejka, P. *et all.* 2004. "Automatic Language Identification using Phoneme and Automatically Derived Unit Strings". Versão on-line.

Melatti, J. C. 2007. *Índios do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Melatti, J. C & D. M. Melatti. 2005 [1975]. Relatório sobre os índios Marúbo. Série Antropologia, Brasília, v. 13.

Melatti, J. C. (org.). 1981-. *Povos indígenas no Brasil, 5 Javari*. São Paulo: CEDI.

Coutinho Jr, W. 1998. Relatório de identificação e delimitação da Terra Indígena Vale do Javari, GT Portarias no 174/95 e 158/96. Brasília.

Moore, D. (2006). “Brazil: Language Situation.” In: Keith Brown (ed.). *Encyclopedia of Language & Linguistics*, second edition, vol. 2, p. 117-128. Oxford: Elsevier.

Mwihaki, A. 2005. Grammatical constraints of phonemic merger and phonemic split on loanword adaptation. In: *Poznań studies in contemporary linguistics*, 40. pp. 157-168.

Nascimento, H. S. & Philippe Erikson. 2006. “Desastre sanitário (Matis)”. *Povos Indígenas no Brasil 2001/2005*. Instituto Socioambiental, São Paulo, p. 446-448.

Oliveira, S. C. S.; A. D. Rodrigues & A. S. A. C. Cabral. (em preparação). “Comparação preliminar das línguas Korúbo, Mayorúna e Matis.”

Rodrigues, A. D. 1966. “Tarefas da lingüística no Brasil”. In: *Estudos Lingüísticos: Revista brasileira de lingüística teórica e aplicada*, vol. I, nº 1, p. 4-15. São Paulo: Centro de Lingüística Aplicada.

Spanghero, V. R. 2000. *Língua Matis (Pano): uma análise fonológica*. Dissertação de mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

Spanghero, V. R. 2005. *Estudo lexical da língua Matis: Subsídios para um dicionário bilingüe*. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

Shell, O. A. 1975. *Estudios Panos III: Las lenguas Pano y su reconstrucción*. Serie Lingüística Peruana, No. 12. Yarinacocha, Peru: Instituto Lingüístico de Verano.

Swadesh, M. 1934/73. “The phonemic principle”. In: *Phonology: selected readings*. Erik C. Fudge (ed.). Australia: Penguin Books. pp. 35-46.

Trubetzkoy, N. 1939/69. *Principles of phonology*. Originally published in German (*Grundzüge der phonologie*) as *Travaux du circle linguistique de Prague 7*. Translated by Christiane A. M. Baltaxe. Berkeley and Los Angeles: University of California Press.

Valenzuela, P. M. 2003. *Transitivity in Shipibo-Conibo Grammar*. Tese de doutorado. Oregon: University of Oregon.

Anexo A

Censo dos índios Korúbo

Cada quadro representa um grupo familiar. Tsamavo é um rapaz solteiro e por isso não aparecem outros nomes em seu quadro. No entanto, quando eu cheguei à aldeia ele ainda era casado com Lalanved, que foi tomada dele por Maya e entregue a Malevo, que hoje é quem está com ela. Havia também mais uma menina de alguns meses, Waxman Vakwë, mas que faleceu no mês de novembro de 2007. Há outros casos de uniões desfeitas, mas que não são apresentados aqui. As datas de nascimento apresentadas abaixo são estimativas utilizadas pela FUNASA e pela FPEVJ, mas na maioria dos casos, principalmente as anteriores a 1996, data do contato, servem apenas para fins práticos, não sendo possível estimar com tal precisão a data de nascimento da maioria deles.

Nome	Nascimento	Sexo	Mãe	Pai
Xikxu	01/06/1967	M	Malu	
Maya	20/05/1960	F	Manis	
Takvan Vakwë	01/09/1993	M	Maya	Xikxu
Manis	15/11/1998	F	Maya	Xikxu
Malu	16/09/2001	F	Waxman	Xikxu

Nome	Nascimento	Sexo	Mãe	Pai
Takvan	10/07/1973	M	Maya	Pekte
Mona	08/08/1973	F	Maluxin	Kanikit
Wanka	18/06/1991	M	Monan	Atsa
Tsamavo Vakwë	07/07/1996	M	Monan	Atsa
Pëkwın	01/06/1999	M	Monan	Takvan
Tose	03/01/2003	F	Monan	Takvan
Toxi	01/03/2005	F	Monan	Takvan

Nome	Nascimento	Sexo	Mãe	Pai
Lëyo	04/07/1981	M	Maluxin	Kanikit
Waxman	01/08/1978	F	Maya	Pekte
Wio	21/07/1998	F	Waxman	Malevo
Seadvo	09/09/2003	M	Waxman	Lëyo
Vali	11/05/2007	M	Waxman	Lëyo

Nome	Nascimento	Sexo	Mãe	Pai
Txitxapi	14/02/1986	M	Maya	Pekte
Luni	01/10/1982	F	Maluxin	Kanikit
Vonpa	03/01/2005	M	Luni	Txitxapi

Nome	Nascimento	Sexo	Mãe	Pai
Malevo	30/07/1980	M	Malu	
Lalanvet	15/08/1988	F	Maya	Pekte
Nane	04/11/2001	F	Lalanvet	Tsamavo
Txitxapi Vakwë	19/10/2003	M	Lalanvet	Tsamavo

Nome	Nascimento	Sexo	Mãe	Pai
Tsamavo	05/01/1977	M	Maluxin	Kanikit

Anexo B

1. Alofones da fricativa lateral surda [ɬ]²⁶:

1.1. [ɬ] fricativa lateral surda

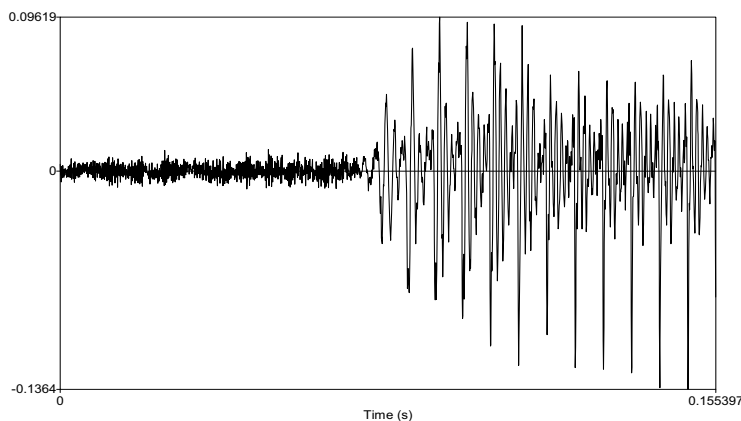


Figura 1: Representação de onda da primeira sílaba em [ɬaʒawaj].

Na figura 1 acima podemos observar a produção da fricativa lateral sem a presença de excitação periódica fonatória concomitante com o sinal aperiódico de fricativização, o que indica a ausência de vozeamento. Uma situação distinta, na qual encontramos ruído aperiódico sobreposto ao sinal periódico do vozeamento pode ser observado na figura 2a abaixo, para uma fricativa lateral vozeada seguida de vogal, e na figura 2b em detalhe em uma secção da produção da fricativa:

1.2. [ɮ] fricativa lateral sonora

#_V

²⁶ Os dados apresentados neste anexo são parte de um trabalho em desenvolvimento em co-autoria com Fernando Orphão de Carvalho. Os resultados preliminares foram apresentados durante o VI Congresso Internacional da ABRALIN e uma versão ampliada deve ser submetida à publicação em breve.

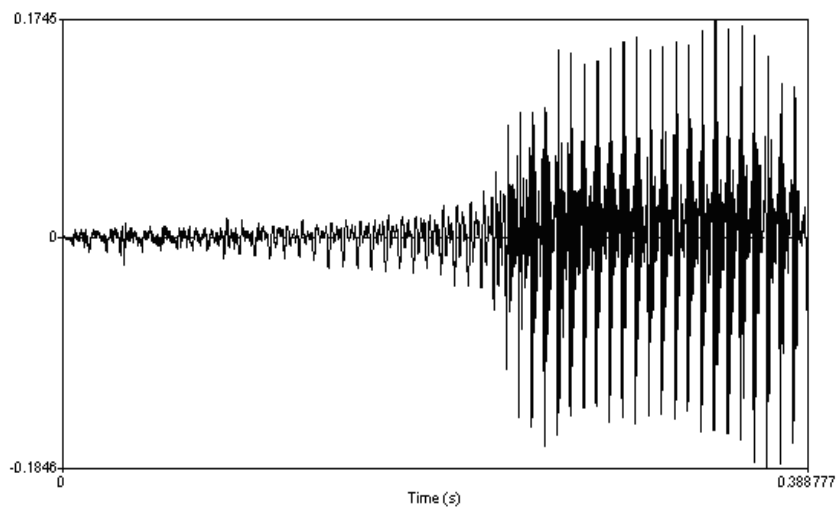


Figura 2 Representação de onda da primeira sílaba em [ʒala] 'homem'.

#_V

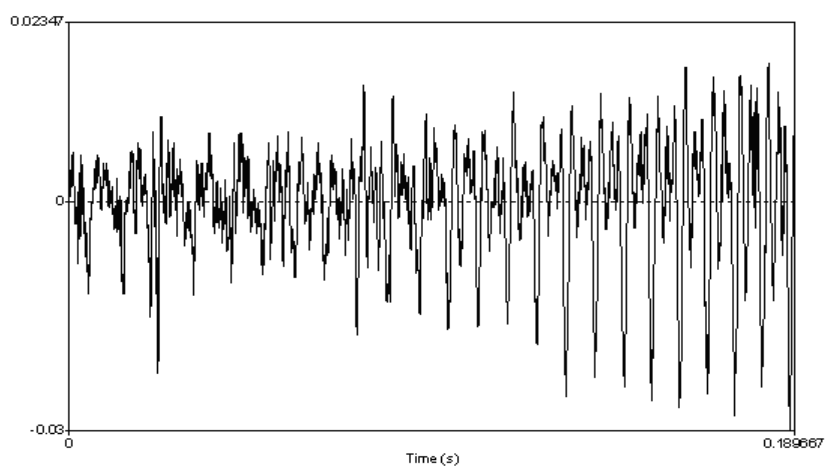


Figura 2b Detalhe relativo à produção da fricativa lateral vozeada em [ʒala].

V_V

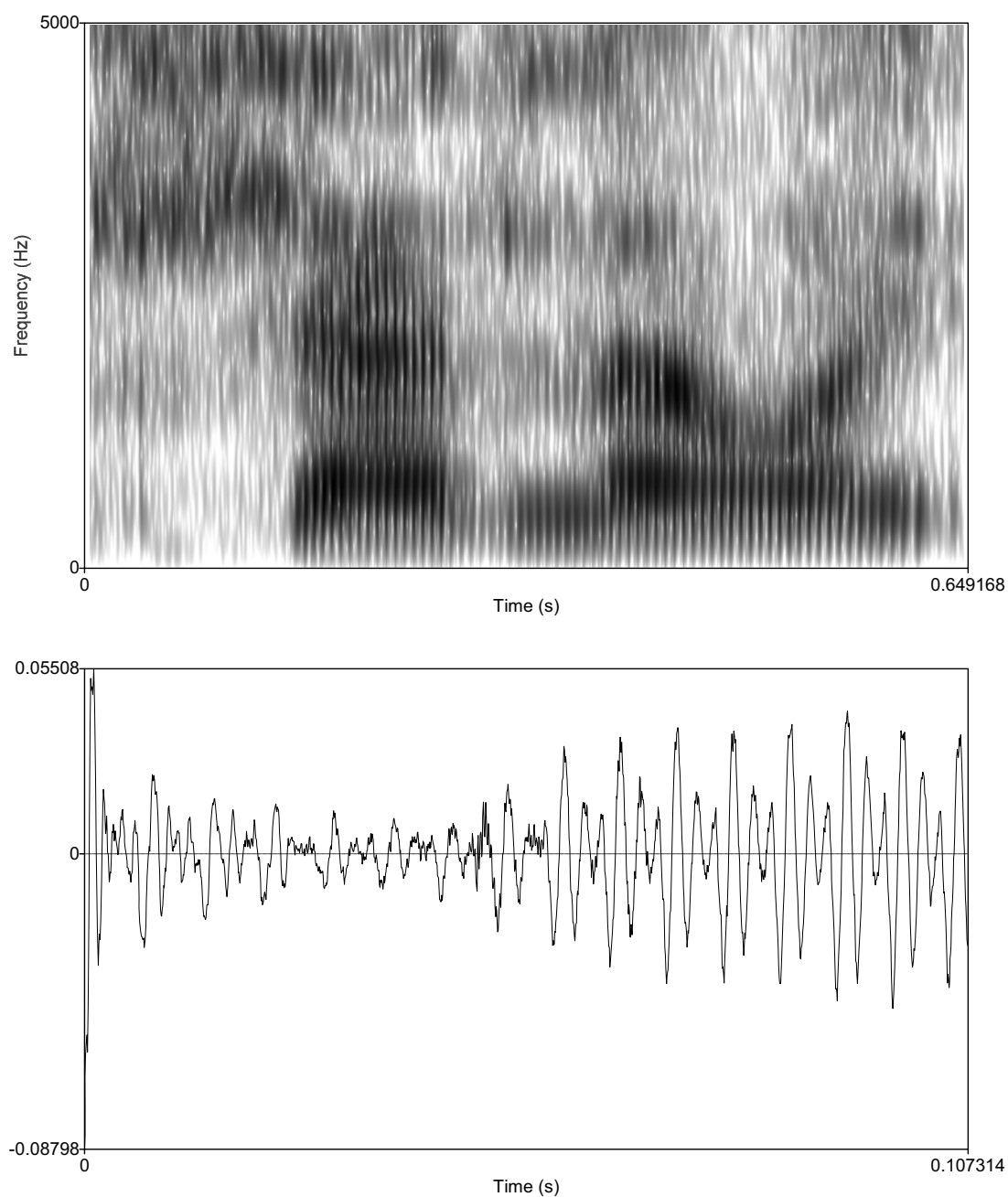


Figura 3: espectrograma e detalhe de onda da fricativa lateral vozeada em [im'pi ʎaʒa'waj]

Espectrograma e detalhe da onda, relativo à produção de fricativa lateral vozeada na segunda sílaba em [im'pi ʎaʒa'waj]. Notar que a fricativização sobreposta sobre o vozeamento periódico é muito mais tênue em posição inter-vocálica do que em início de palavra.

1.5. [l] aproximante lateral sonora

V_V

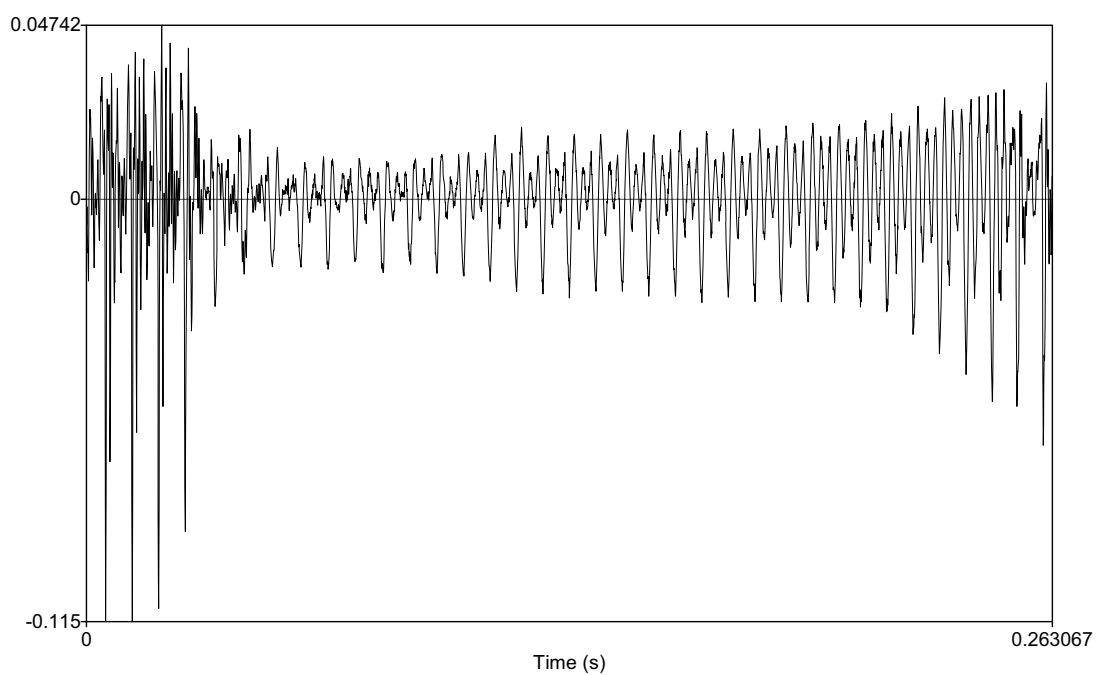
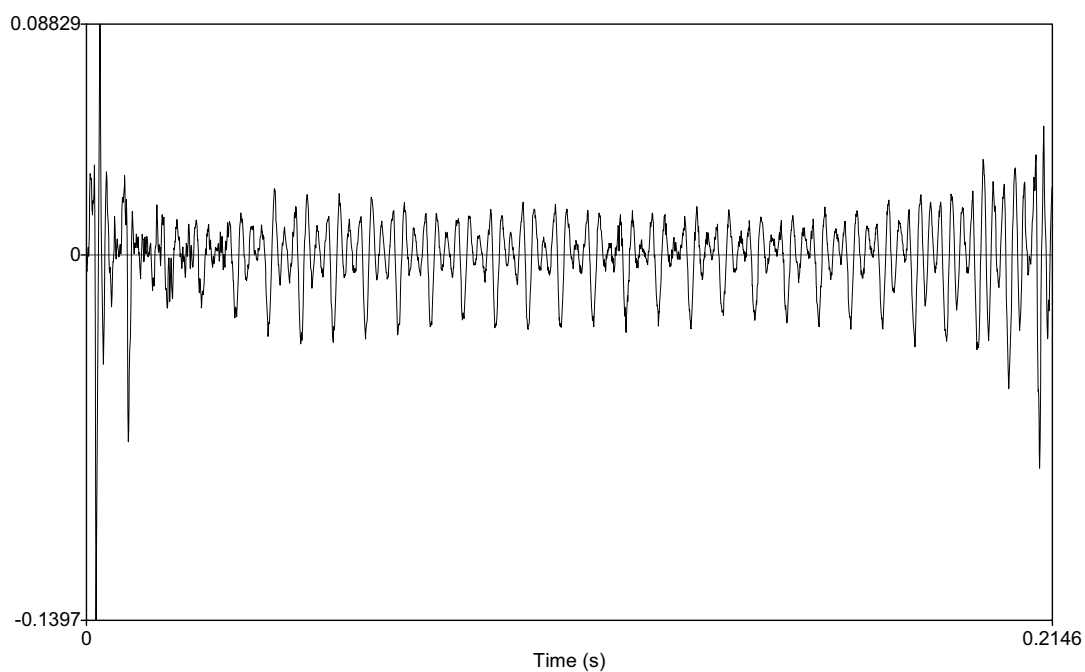


Figura 4: onda de [l] em [wala].

A figura 4 apresenta onda periódica em [l] em ambiente intervocálico na palavra [wala], sem presença de fricativização sobreposta, como apresentado nas figuras 2 e 2b.

1.6. Espectros da fricativa lateral e da lateral aproximante

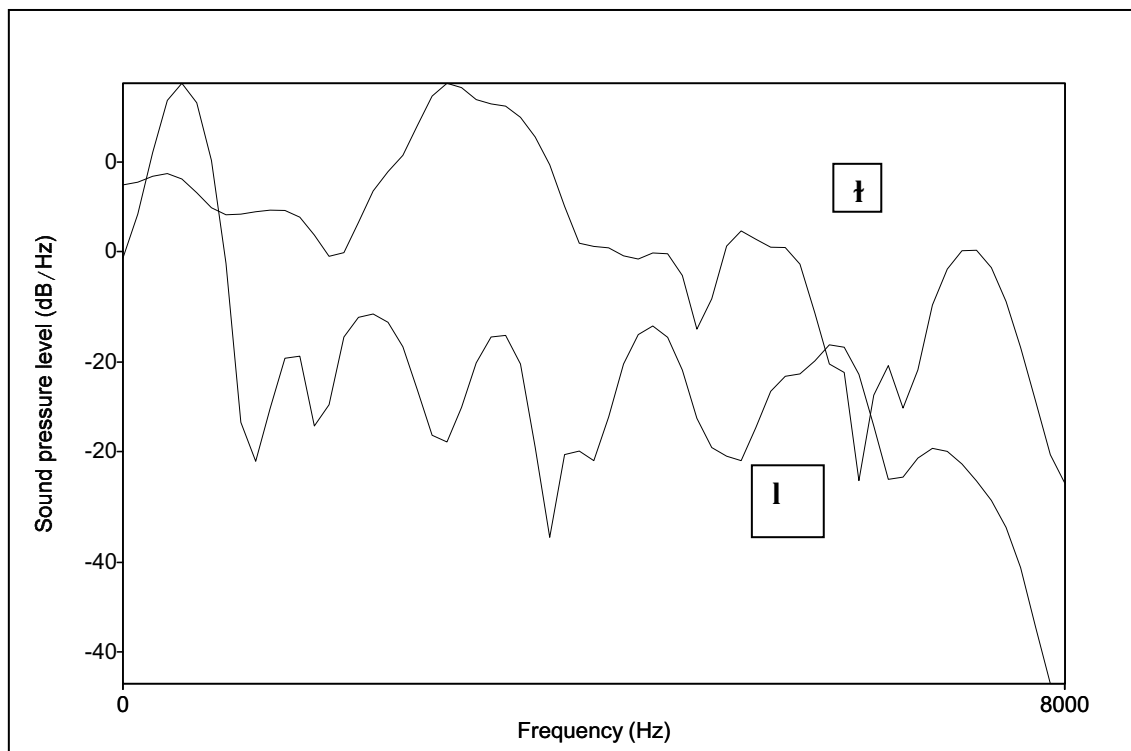


Figura 5. Comparação de espectros para [ɬ] e [l].

Na figura 5 acima, vê-se a comparação entre espectros de curta duração (*short term spectra*) retirados de uma secção de 0.025 ms de exemplares da fricativa lateral surda [ɬ] e da lateral soante [l]. A maior amplitude na faixa de 500 a 1.500 Hz, além da ausência de um pico claro na região mais a esquerda, aonde se concentra a energia da frequência fundamental do espectro periódico de vozeamento, caracterizam a fricativa lateral surda por oposição à lateral aproximante sonora.

Cabem, entretanto, algumas observações acerca da interpretação de espectros no presente trabalho. Um trabalho mais extenso de descrição de pistas espectrais, que podem subjazer aos contrastes presentes na língua, não é possível pelo fato de que um controle efetivo de outras variáveis, que podem contribuir de maneira assistemática para diferenças entre espectros, não foi realizado. Um exemplo são diferenças na distância entre o microfone e a boca dos informantes, além de alterações características de diferentes ritmos de fala. Entendemos essas limitações como inevitáveis dadas as condições em que o trabalho de campo foi realizado, com um povo monolíngue e em situação de contato recente e restrito com a sociedade nacional.

Tendo isso em vista, a comparação entre espectros apresentada na figura 5 foi incluída no trabalho por evidenciar as diferenças entre os dois sons que poderíamos prever a partir de considerações teóricas acerca dos seus modos de produção.

1.7. Diferença acústica entre [k] e [s]

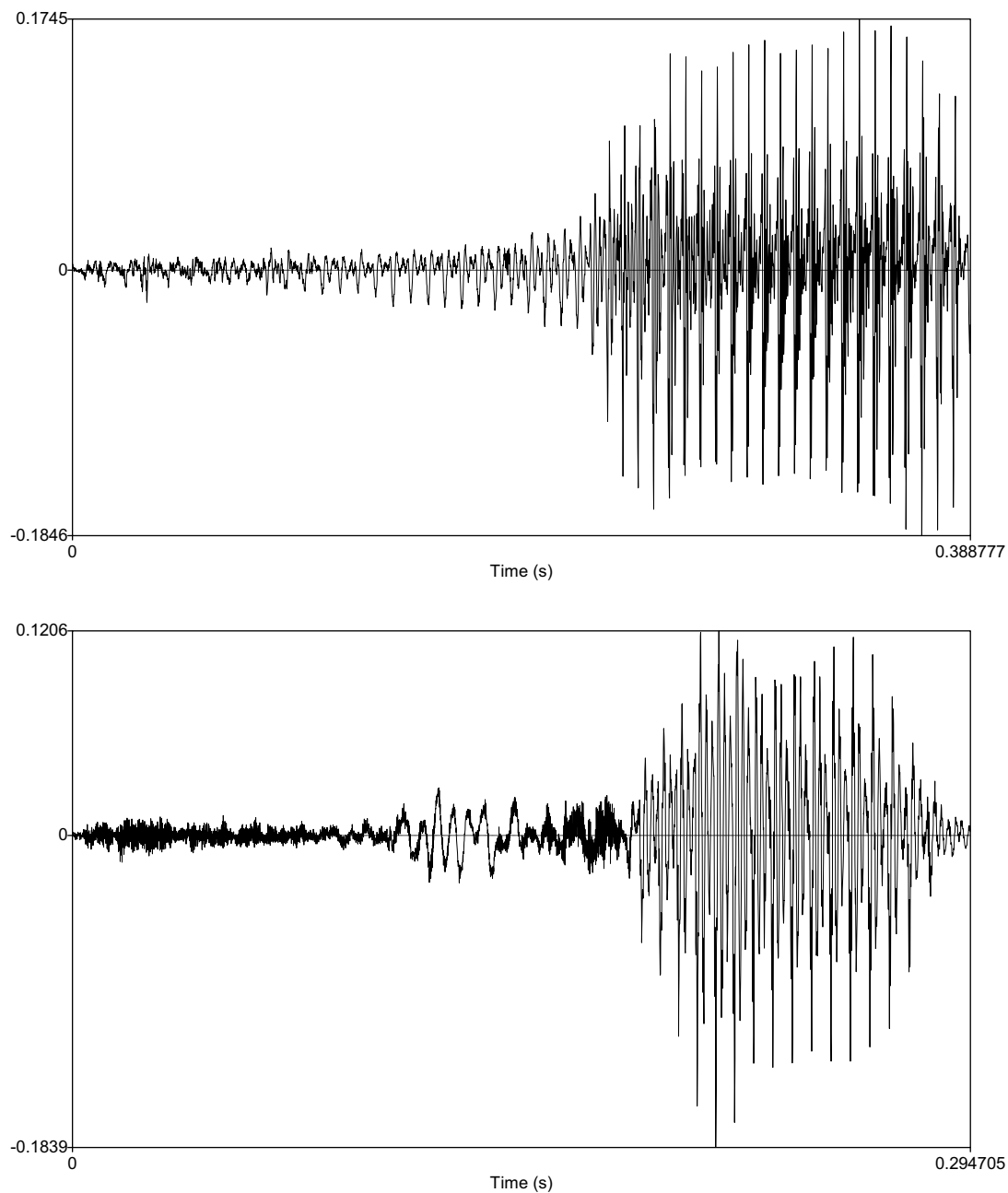


Figura 6: comparação das onda de [k] e [s].

Contraste entre o primeiro segmento em [kʰaˈla] e [setʰitʰ] mostrando presença de fricativização sobreposta ao vozeamento na primeira e somente fricativização na segunda.

1.8. Detalhe de [k] e [s]

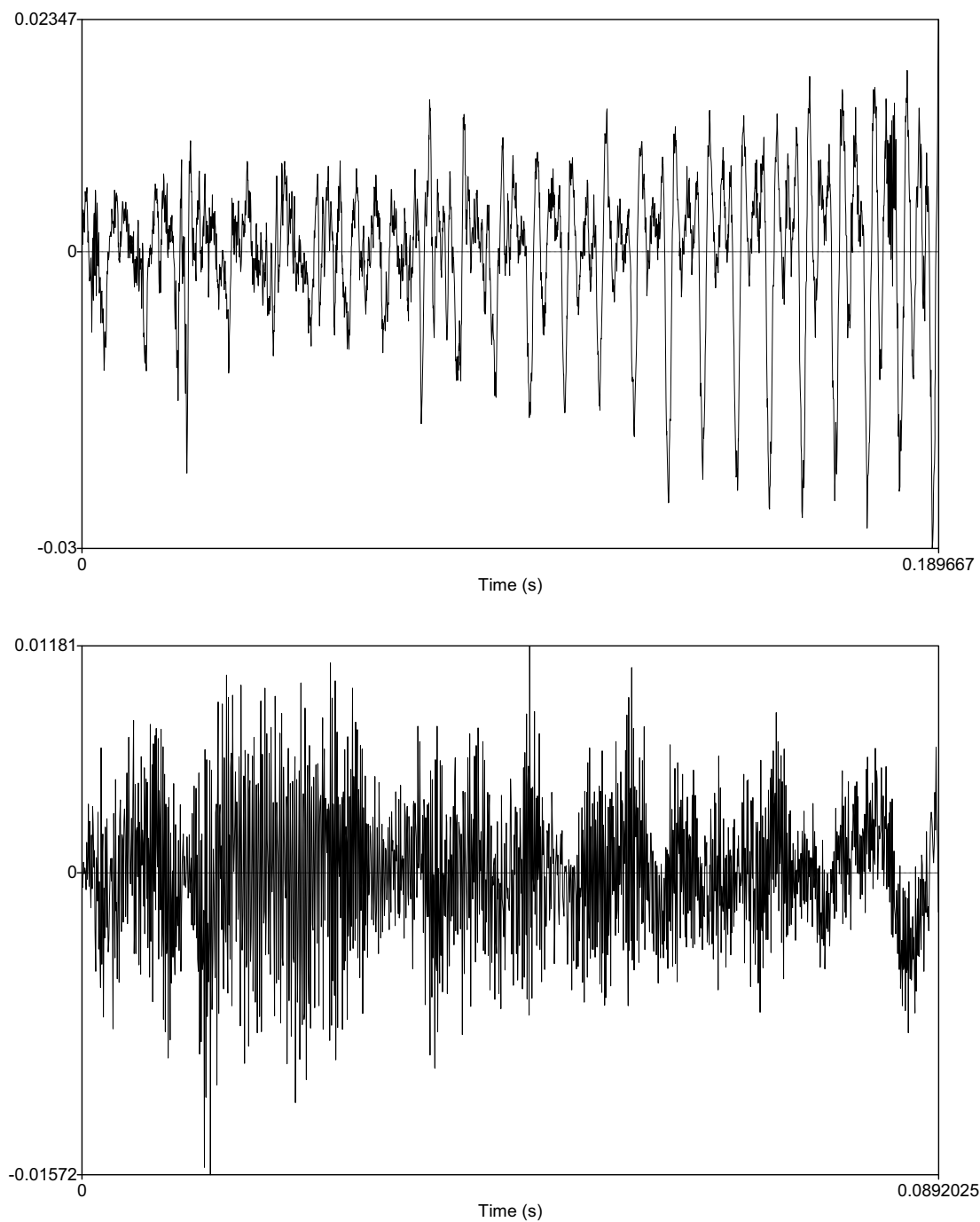


Figura 6b: detalhe das ondas em [k] e [s].

Detalhe das ondas do primeiro segmento em [ʒa'la] e [set'ʔit].

2. Alofones de /k/

2.1. [ʔ] oclusiva glotal

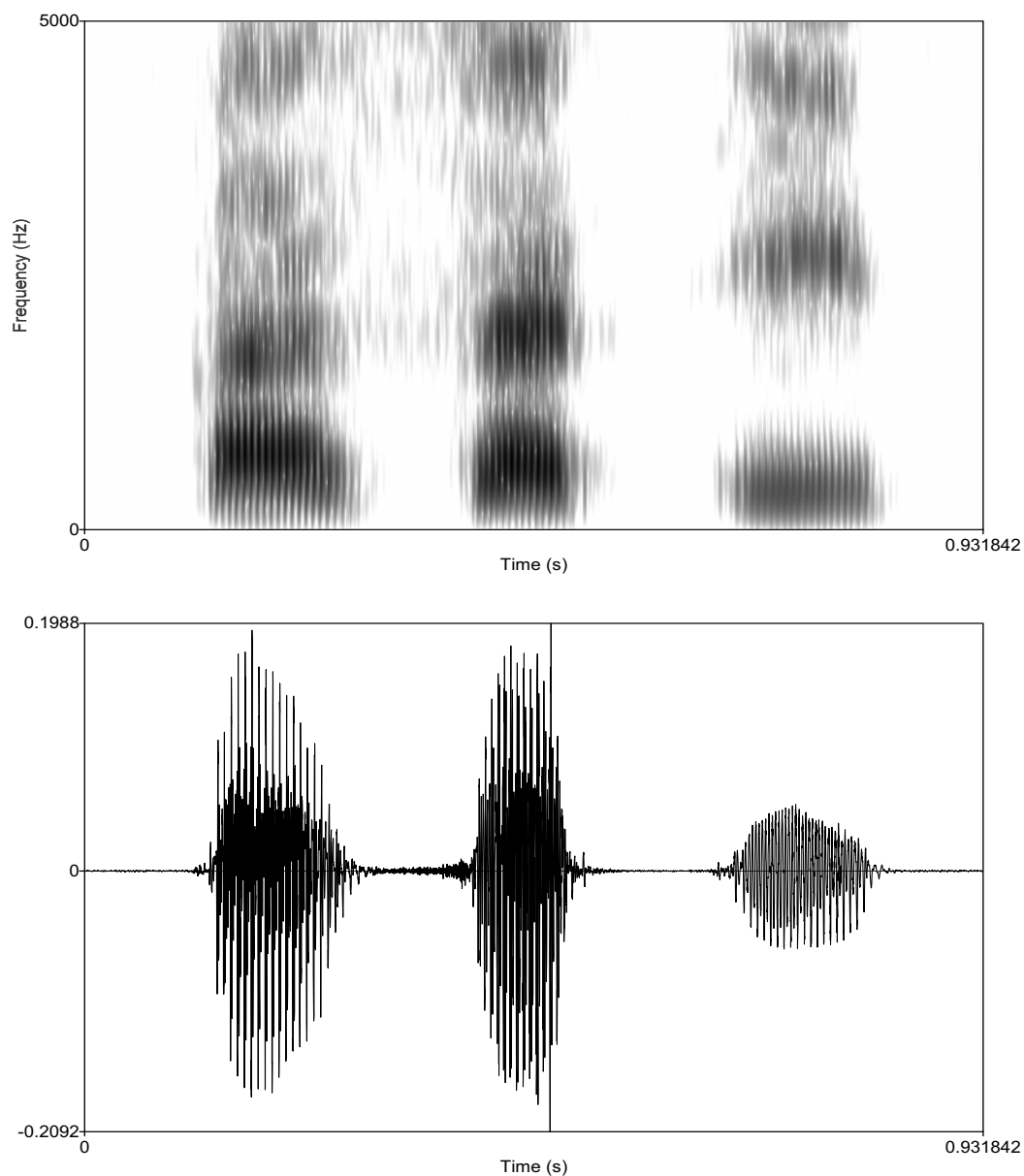


Figura 7: espectrograma e onda que ilustram a realização de [ʔ]
Espectrograma e onda mostrando a realização de oclusiva glotal em [pasatʔit]

2.2. [k] Oclusiva velar surda

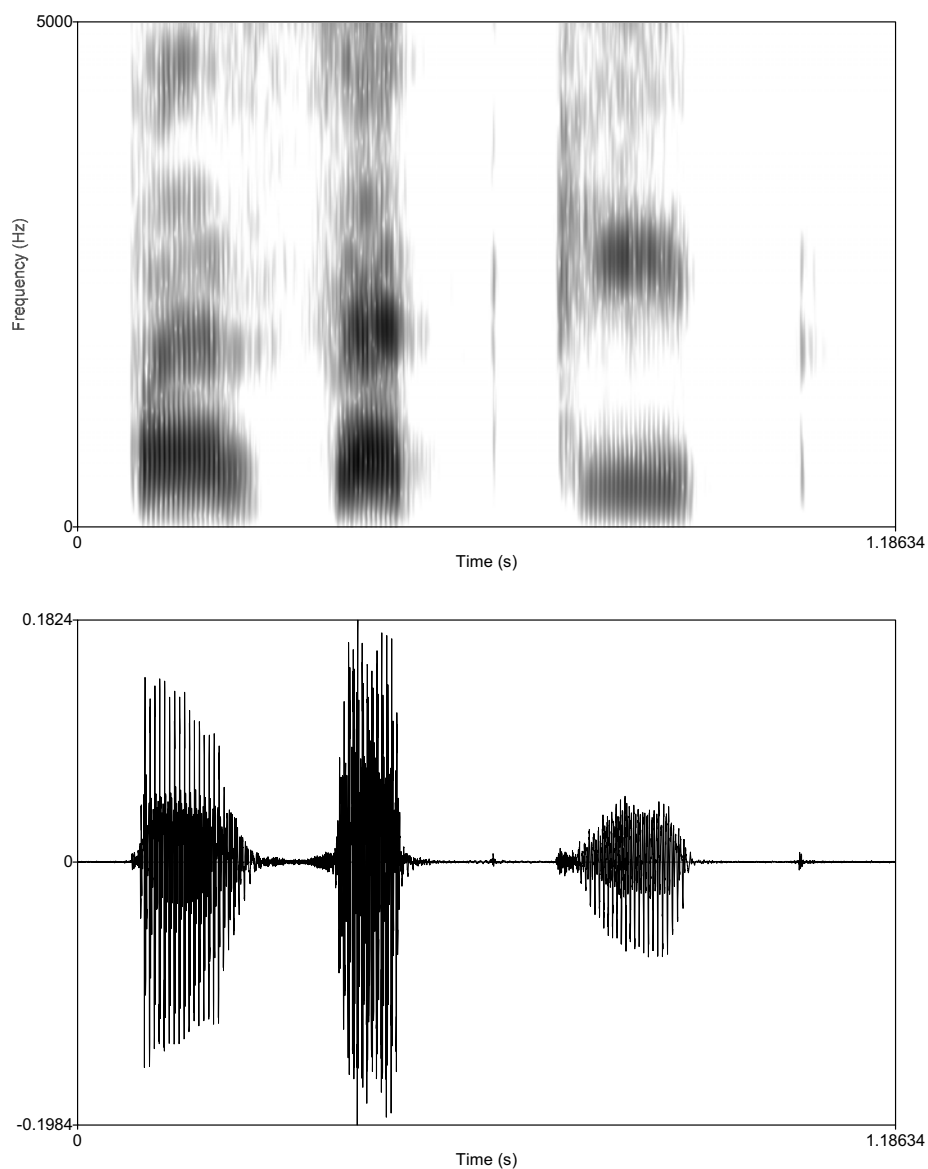


Figura 8: ilustra a realização de [k]
Espectrograma e onda mostrando a realização de oclusiva velar em
[pasat'kit'].

2.4. Diferença acústica entre /k/ e k^w /

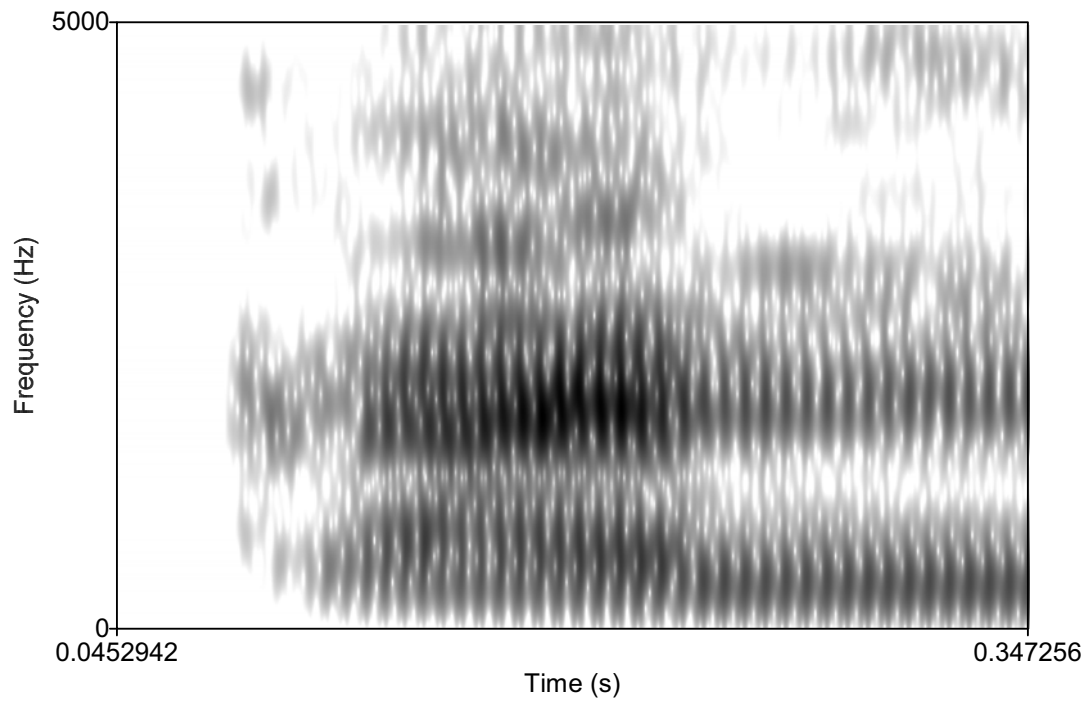


Figura 9a: realização de [k] em [kanon]

Espectrograma da primeira sílaba, com realização do alofone velar em **[kanon]**.

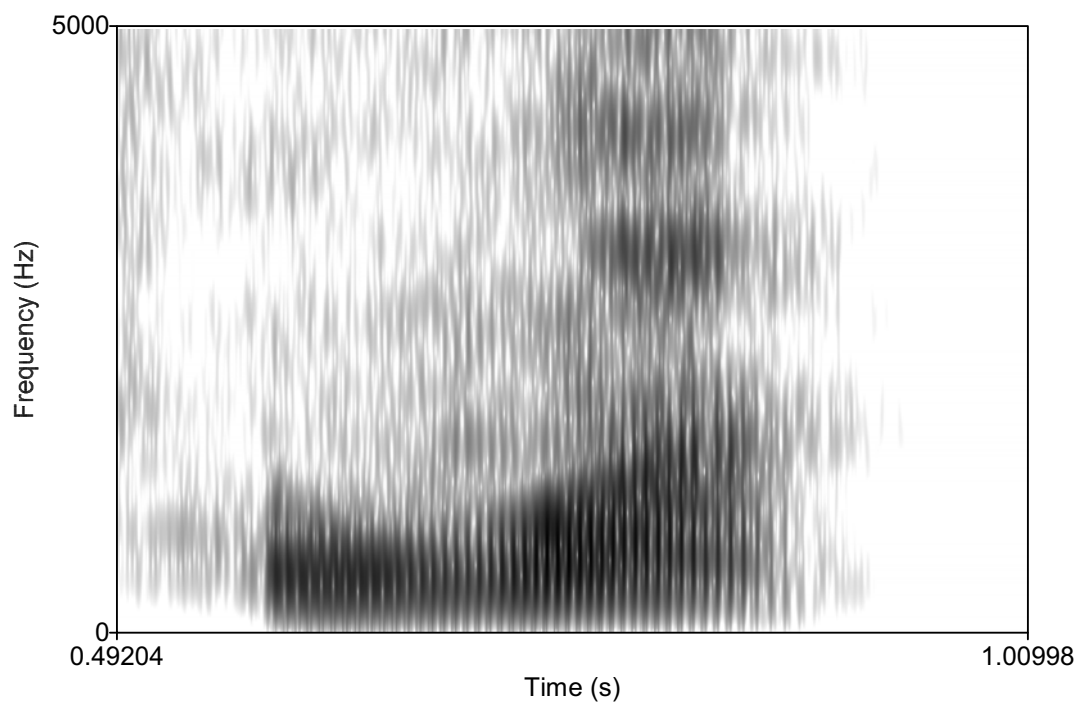


Figura 9b: espectrograma ilustrando a realização de oclusiva velar labializada [k^w]

Espectrograma da última sílaba em [βa'k^wa]. Espectrogramas mostrando diferença na trajetória do segundo formante causada pela labialização da oclusiva velar. A trajetória ascendente na figura 9b, saindo de um valor focalizado ou próximo ao do primeiro formante, contrasta com a trajetória mais estacionária da figura 9a.